PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 45 Ano 1990

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO PE. JOÃO ALFREDO ROHR, S.J.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PRAIA DA TAPERA: UM ASSENTAMENTO ITARARÉ E TUPIGUARANI

Sérgio Baptista da Silva
Pedro Ignácio Schmitz
Jairo Henrique Rogge
Marco Aurélio Nadal De Masi
André Luiz Jacobus

Instituto Anchietano de Pesquisas
São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - Brasil

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo – Praça Tiradentes, 35 – Rio Grande do Sul – BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S.J. — Diretor
Arthur Rabuske, S.J. — Coordenador para História
Josef Hauser, S.J. — Coordenador para Zoologia

– – – –

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

– – – –

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westilichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologia, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austauch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

– – – –

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

– – – –

Registro nº 634 – P. 209/73 da Divisão de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 45 Ano 1990

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO PE. JOÃO ALFREDO ROHR, S.J.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PRAIA DA TAPERA: UM ASSENTAMENTO ITARARÉ E TUPIGUARANI

Sérgio Baptista da Silva
Pedro Ignácio Schmitz
Jairo Henrique Rogge
Marco Aurélio Nadal De Masi
André Luiz Jacobus

Instituto Anchietano de Pesquisas
São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - Brasil

EDUNISUL
ASSOCIAÇÃO DAS EDITORAS
UNIVERSITÁRIAS DA REGIÃO SUL

Participantes do Projeto:

André Luiz Jacobus *
Ivone Verardi
Jairo Henrique Rogge *
João Alfredo Rohr, S.J. *
Marco Aurélio Nadal De Masi *
Mônica Lacroix Wacker *
Pedro Ignácio Schmitz *
Rodrigo Lavina *
Sérgio Baptista da Silva *

* Bolsistas do CNPq

Financiamento do Projeto:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq,
Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — SPHAN,
Comunidade do Colégio Catarinense, Florianópolis,
Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, São Leopoldo.

SUMÁRIO

Abstract 9
Resumo 10
Introdução 12
I. O Sítio e seu ambiente 18
1.1 O Sítio e o microambiente 18
1.2. O Sítio e a Ilha de Santa Catarina 20
1.3. O Sítio e o ambiente do Estado de Santa Catarina 22
2. O Sítio da Praia da Tapera e a arqueologia de Santa Catarina .. 28
2.1. A Grande Tradição Taquara/Casa de Pedra/Itararé 28
2.2. As culturas litorâneas pré-ceramistas do Sul do Brasil 36
2.3. A Tradição Ceramista Tupiguarani 43
3. A história da pesquisa 48
4. A cerâmica 52
4.1. A cerâmica Itararé 53
4.2. A cerâmica Tupiguarani 66
4.3. A cerâmica de Tradição Itararé de outros sítios 79
4.4. Observações 85
5. O material lítico 87
5.1. O material lítico do Sítio 87
5.2. O material lítico de outros sítios da Tradição Itararé 110
6. O material produzido a partir de osso e concha 112
6.1. O material do Sítio 112
6.2. Comparações 119
7. O abastecimento 121
7.1. Os restos alimentares 121
7.2. Caracterização da comunidade biótica 123
7.3. Abastecimento e meio ambiente 138
7.4. Observações 140
8. Os sepultamentos 142
8.1. Padrões de sepultamento 142
8.2. Comparações 157
8.3. Observações 161
9. A distribuição espacial dos artefatos e estruturas 161
10. Dados para uma demografia 182
11. O assentamento Itararé 191
Bibliografia citada 199

ABSTRACT

This paper aims to characterize the establishment of the ceramist Itararé population, which settled on the shores of Tapera, located in the sound of the Island of Santa Catarina, Brazil, at the end of the first millennium of our era. The same site, in more recent times (1,400 AD), sheltered horticulturalist Tupyguarany groups and, later, white populations.

This site has been excavated during the decade of 1960 by Pe. João Alfredo Rohr, S.J., in various stages of field work. All the recuperated archaeological material, inclusively the documentation raised by the excavator, was reassumed by the team of the Instituto Anchietano de Pesquisas, during four seasons of analysis, executed during 1987, 1988, 1989, and 1990, in the Museu do Homem do Sambaqui, Florianópolis, where the material is deposited.

The archaeological material totalized 4,631 potsherds of the Itararé Tradition, 19,491 potsherds of the Tupyguarany Tradition, 4,271 lithic artifacts, 3,052 pieces produced from bones and shells, 172 burial places, innumerous other structures, such as fire places, post holes, and remains of food.

The Itararé ceramics were separated from the Tupyguarany; the borders were graphically reconstituted, being adopted the Sheppard methodology (1966). The lithic artifacts were analysed from the viewpoint of technological production, from the raw material to the finished artifacts, and then, observed their marks of use. The material produced out of bones and shells was also reformulated. The remains of food were identified as well as the reconstitution of the environment next to the site was made, aiming to establish the supply. The burials were examined with the purpose of characterizing their cultural pattern.

All the material or structure which possessed explicit reference to the grid of excavation was plotted, intending to make a spacial reconstitution of the Itararé settlement.

The different materials and structures recuperated were compared with the ones coming from other Itararé sites of the shores of Santa Catarina, with the aim of characterizing the settlement pattern of these populations.

Tentatively there were raised some questions refering to the relationship which would exist between these litoraneous ceramist groups and the pre-ceramic ones of the same environment. There was also made a bibliographical revision with the intent of verifying the similarities and differences between the ceramist populations of the same tradition that occupied vast areas of Southern Brazil, from the highland to the shore.

The research was guided by the study of the technology and the conditions which helped those populations to interact with the environment, from which would emerge a specific cultural pattern of settlement.

The most significant results reached were the following:

In the whole excavated area, it was possible to characterize an inhabited nucleus, in opposition to a periphery. The nucleus was inhabited by the Itararé populations; the periphery was, later, occupated by Tupyguarany groups.

It was possible to distinguish two successive occupations of the Itararé Tradition. These two groups had at least specific patterns of burying their dead.

There was also studied the pattern of Itararé supply. The populations explored different microenvironments next to the site (sea, shallows, marshes, shoals, forests, lakes, rivers). From these there arose a diversified and constantly changing range of food and mineral and vegetable raw material.

There was configurated a settlement pattern for the litoraneous populations of the Itararé Tradition, which presents a series of variations, be it at the level of technology, be it under the viewpoint of the cultural pattern and the biology. The variations could be attributed to the relative stability and duration of the villages, or to the fact that pre-ceramist populations persisted at the same place.

The Atlantic shore of Santa Catarina doesn't seem to be the stational territory of ceramist populations of the uplands, since the skeletons originated from the shore do not demonstrate the same characteristics of carbohydrate consumption as the populations from the highlands.

The Itararé occupation of the shores, as the multiplicity of sites attests, seems to have been effective and sufficiently dense to avoid a significant occupation, at least of the northern shores of Santa Catarina, by the Tupyguarany conqueror. In spite of the fact that at times they settled upon abandoned ancient Itararé villages, there has not been observed any sign of sociability or crossing with them.

RESUMO

O trabalho visa a caracterizar o assentamento da população ceramista Itararé que se instalou na Praia da Tapera, localizada em pequena enseada da Baía Sul da Ilha de Santa Catarina, Brasil, no final do primeiro milênio de nossa era. O mesmo local, em épocas mais recentes (1.400 d.C.), abrigou grupos horticultores Tupiguarani e, posteriormente, populações brancas.

O Sítio foi escavado na década de 60 pelo Pe. João Alfredo Rohr, S.J., em várias etapas de trabalho de campo. Todo o material arqueológico recuperado, inclusive a documentação levantada pelo escavador, foi retomado pela

equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas durante quatro temporadas de análise, realizadas em 1987, 1988, 1989 e 1990, no Museu do Homem do Sambaqui, em Florianópolis, onde o material encontra-se depositado.

O material arqueológico totalizou 4.631 fragmentos cerâmicos da Tradição Itararé, 19.491 cacos da Subtradição Corrugada da Tradição Tupiguarani, 4.271 artefatos líticos, 3.502 peças produzidas a partir de osso e concha, 172 sepultamentos primários, inúmeras outras estruturas, como fogões, evidências de estacas, fundos de choupanas, além de restos de alimentos.

A cerâmica Itararé foi separada da Tupiguarani; as bordas foram desenhadas e medidos seus diâmetros; e as formas Itararé e Tupiguarani foram graficamente reconstituídas, empregando-se metodologia adaptada de Sheppard (1966). Os artefatos líticos foram trabalhados primeiro sob o ponto de vista de sua produção tecnológica, desde a matéria-prima até o artefato acabado, depois observando as suas marcas de uso. O material produzido a partir de osso e concha também foi reformulado. Os restos de alimentos foram identificados e procedeu-se à reconstituição do meio ambiente próximo ao Sítio, visando estabelecer-se o abastecimento. Os sepultamentos foram analisados objetivando caracterizar padrões culturais de enterrar os mortos.

Todo o material ou estrutura que possuía referência expressa quanto à quadrícula da área escavada foi plotado em planta baixa do sítio, visando a uma reconstituição espacial do assentamento Itararé.

Os diversos materiais e estruturas recuperados, quando possível, foram comparados com os provenientes de outros sítios Itararé do litoral de Santa Catarina, com o objetivo de caracterizar o padrão de assentamento dessas populações.

Tentativamente, foram levantadas algumas questões referentes às relações que teria havido entre estes grupos ceramistas litorâneos com os grupos pré-cerâmicos neste ambiente estabelecidos desde passado mais recuado. Igualmente, fez-se uma revisão bibliográfica no intuito de verificar as semelhanças e as diferenças que permeiam estas populações ceramistas que ocuparam extensas áreas do sul do Brasil, desde o planalto até a costa, e que compartilham a mesma cerâmica (tradições Taquara, Casa de Pedra e Itararé).

Esta pesquisa norteou-se pelo estudo da tecnologia e das condições dela provenientes para que as populações enfocadas pudessem interagir com o ambiente, daí emergindo padrões culturais específicos de assentamento.

Os resultados mais significativos alcançados foram os seguintes:

Restou caracterizado, na área total escavada, um núcleo habitado por populações Itararé em oposição a uma periferia, onde, mais para o interior, depois de abandonada a aldeia Itararé, grupos Tupiguarani instalaram-se.

Pôde-se distinguir duas ocupações sucessivas de Tradição Itararé. Estes dois grupos possuíam, pelo menos, padrões específicos de sepultar seus mortos.

Foi levantado o padrão de abastecimento Itararé, cujas populações exploravam diversos microambientes próximos ao local do assentamento (mar,

baixios, mangues, zonas de restingas, Mata Atlântica, lagoas, rios), daí provindo uma diversificada e constantemente renovada gama de alimentos e matérias-primas minerais e vegetais.

Ficou configurado um padrão de assentamento para as populações litorâneas desta Tradição, que, no entanto, apresenta uma série de variações tanto a nível da tecnologia como do ponto de vista de padrões culturais e de biologia, o que talvez seja devido à relativa estabilidade e duração destas aldeias ou podem ser resultado do fato de terem persistido populações pré-ceramistas, modernizadas, ao lado de outras, que teriam trazido do planalto a cerâmica e um novo modo de vida.

Este litoral não parece ser território estacional de populações ceramistas do planalto, uma vez que os esqueletos analisados, oriundos da costa, não demonstram as mesmas características de consumo de carbohidratos das populações do planalto.

A população Itararé do litoral, como atesta a multiplicação dos sítios, parece ter sido efetiva e suficientemente densa para evitar uma ocupação significativa do litoral norte de Santa Catarina pelo conquistador Tupiguarani. Apesar de algumas vezes estabelecer-se sobre taperas de antigas aldeias Itararé, não foi observado, até agora, nenhum sinal de convivência ou mestiçagem.

INTRODUÇÃO

O livro que ora se apresenta é o resultado dos estudos realizados com o objetivo principal de caracterizar o assentamento Itararé do Sítio arqueológico da Praia da Tapera (SC.LF.2), localizado na Baía Sul da Ilha de Santa Catarina.

Secundariamente, pretendeu-se trazer alguma contribuição no sentido de esclarecer o assentamento Tupiguarani, correspondente a uma outra ocupação do Sítio.

Willey (1956:1) diz que "através de sua instalação o homem inscreve na paisagem certos modos de sua existência. Estes arranjos de instalação relacionam-se com os ajustamentos do homem e da cultura ao ambiente e (relacionam-se) com a organização da sociedade no sentido mais amplo".

Seguindo esta idéia e apoiando-nos em autores como Chang (1968) e Butzer (1982), caracterizar-se-á o assentamento buscando explicitar a inserção da população num meio ambiente dado e reconhecido, por meio de uma tecnologia construída e resultando numa característica estrutura e disposição das construções, dos locais de atividades, dos es-

paços destinados aos falecidos e produtos inservíveis, observando a duração dessa organização e o relacionamento que mantém com organizações semelhantes. Assim, espera-se poder identificar ao menos pequenas parcelas do sistema cultural e social daquela população.

A ênfase que será dada aos aspectos tecnológicos não pressupõe que se tenha uma posição determinista do ponto de vista da tecnologia e da economia, mas resulta do fato de que estes são elementos mais fácil e abundantemente recuperáveis. Acredita-se, aqui, na inter-relação de subsistemas dentro do sistema cultural total, que abrange, ainda, a estrutura social, a ideologia e a personalidade (KAPLAN & MANNERS, 1981: 136-240).

O objeto deste estudo possibilita a abordagem de pequenas parcelas destes últimos subsistemas, mas encoraja a ênfase "na maneira pela qual o homem, por intermédio da cultura, manipula e dá forma ao próprio ecossistema" (Id., p. 121).

Subsistemas são aqui entendidos como contextos analíticos, integrados e inter-relacionados num dado sistema cultural total e indicam "um conjunto de variáveis ou aspectos de comportamento institucionalizado, que podem ser isolados analiticamente para fins de explicar, ao menos em parte, como uma sociedade tanto se mantém quanto passa por mudanças" (Id., p.137).

Trigger (1968:55-70) fala de três níveis na análise de um padrão de assentamento, do mais básico ao mais complexo: 1°) a construção ou estrutura individual; 2°) a maneira como estes elementos são organizados na comunidade em estudo e 3°) o modo como estas comunidades com o mesmo padrão de assentamento estão distribuídas em um dado território.

Em nosso trabalho atual, endereçado ao estudo do assentamento de apenas este sítio, temos possibilidade de oferecer alguns elementos para os dois primeiros níveis de análise do que seria um padrão de assentamento, como proposto por Trigger. Dizemos alguns elementos porque dependemos da informação produzida pelo arqueólogo escavador e dos elementos por ele considerados importantes para futuros estudos e, portanto, levados para o laboratório.

Através do estudo da distribuição espacial dos artefatos e estruturas podemos visualizar suas localizações e ocorrências no espaço (escavado), o que possibilita distinguir imediatamente um núcleo construído em contraposição a uma periferia não construída, mas usada como espaço de atuação. Por seus artefatos característicos, este núcleo construído

claramente se trai como pertencente à Tradição ceramista Itararé. Entretanto, a diferença na forma de sepultar dentro ou na proximidade das habitações manifesta imediatamente que se trata da sobreposição de duas aldeias, que ocuparam o mesmo espaço, tendo à frente a praia, num dos lados um pequeno rio de água doce e atrás o mato. Dentro do assentamento é mais fácil individualizar estruturas de habitação e sepultamento do que espaços de trabalho. Também é possível reconhecer a origem de uma parte das matérias-primas e dos recursos alimentares e a maneira de processá-los.

Após as duas ocupações Itararé, que são do final do primeiro milênio de nossa era, temos, no mesmo local, um forte assentamento Tupiguarani, datado do começo do século XV. A reconstituição deste assentamento é muito difícil e os resultados conseguidos são muito poucos porque os elementos diagnósticos são menos claros e muitas vezes é impossível separá-los daqueles das duas ocupações anteriores.

O terceiro nível apontado por Trigger não pôde ser realizado neste trabalho, mas está claro na intenção futura. No programa ao qual pertence o sítio, estão sendo estudados vários outros assentamentos da mesma Tradição, que, por enquanto, são usados apenas para comparações gerais, porque os dados ainda não foram suficientemente trabalhados por nós para uma comparação precisa e minuciosa, como se espera fazer em futuro próximo.

E, no programa integrado com outras instituições do Estado de Santa Catarina, está sendo realizado um levantamento sistemático com o fim de, entre vários outros objetivos hierarquizados, se estabelecer o padrão de assentamento da Tradição Itararé, considerando os sítios do litoral e do planalto.

Este, portanto, é um primeiro resultado, parcial sob quase todos os aspectos, de um programa muito mais amplo, onde o estudo do padrão de assentamento seria, num primeiro momento, o objetivo mais visado.

O objetivo mais abrangente é o povoamento pré-colonial do litoral de Santa Catarina por diferentes populações biológicas, suas diversas formas de assentamento, seus contatos, conflitos, acomodações e sucessões; suas relações com populações de outras áreas; a história do povoamento na continuidade ou descontinuidade das populações e culturas.

No desenrolar do trabalho usar-se-ão preferencialmente termos cuja conceituação é reconhecida dos arqueólogos brasileiros; os referentes à cerâmica foram geralmente firmados no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e se encontram explicitados na "Termi-

nologia arqueológica brasileira para a cerâmica", editado por Igor Chmyz (1976b); os referentes aos artefatos líticos originaram-se do treinamento oferecido por Annette Laming-Emperaire e estão codificados no "Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul" (1967).

A explicitação de alguns termos, como o fazemos a seguir, é mais ilustrativa do que propriamente necessária para os arqueólogos que venham a ler o presente estudo.

Sítio arqueológico é o "local onde se encontram restos arqueológicos. Geralmente se supõe que o local esteja coberto de restos com certa continuidade e que os restos tenham pertencido a uma determinada forma de assentamento, que pode ser tanto um pequeno acampamento como uma grande cidade" (WILLEY & PHILLIPS, 1958: 18).

Assentamento arqueológico é entendido como "o local físico ou conjunto de locais onde os membros de uma comunidade viveram, garantiram sua subsistência e exerceram suas funções sociais em um dado período de tempo" (CHANG, 1968: 3).

Utilizamos aqui o termo genérico **sambaqui** como é de uso tradicional para assentamentos de populações litorâneas pré-cerâmicas que sejam ou predominantemente coletoras de moluscos ou pescadoras, ao passo que **sítio cerâmico** designa aquele que tem cerâmica, quer os seus restos alimentares se apresentem semelhantes, quer diferentes dos chamados "sambaquis".

Aldeia, no caso específico da ocupação Itararé da Praia da Tapera e de outros sítios semelhantes, é usado para designar o local físico específico onde se deu um assentamento duradouro com certa complexidade estrutural e instrumental. Um assentamento passageiro e/ou pouco complexo seria então considerado um acampamento.

No trabalho se usa freqüentemente o termo tradição cerâmica, subtradição e tradição regional.

Tradição arqueológica "é uma continuidade temporal, representada por configurações continuadas de tecnologias individuais ou outros sistemas de formas relacionadas" (WILLEY & PHILLIPS, 1958: 37).

O termo **subtradição** está sendo usado para as grandes divisões da tradição arqueológica.

Entre os arqueólogos brasileiros o conceito de tradição geralmente está mais fortemente ligado à tecnologia do que à cultura, resultando então tradições cerâmicas e tradições líticas. Para se construir uma tradição cultural, outros subsistemas, além da tecnologia, precisariam ser ex-

plicitados, o que na maior parte dos casos ainda não é possível. Seria mais fácil se se conhecessem as ligações entre as populações pré-coloniais e as etnográficas, que possibilitariam inferências sobre estrutura social e ideologia, por exemplo.

Uma **tradição ceramista** é, então, aquela compartilhada por populações que produzem artefatos cerâmicos de acordo com uma tecnologia e uma função específica, expressa numa considerável continuidade temporal.

No conceito de **tradição ceramista regional** costuma estar implícito que se trata de tecnologias geograficamente limitadas, correspondentes a ecologias definidas e de certo modo estacionárias, em oposição a tradições ceramistas expansivas, como a Tupiguarani ou tradições amazônicas, ocupantes de vastas áreas e às vezes invasoras das áreas de outras tradições. Na área em questão foram definidas pelo PRONAPA as tradições ceramistas regionais Taquara, Casa de Pedra e Itararé; e uma tradição ceramista ampla, a Tupiguarani, com suas subtradições Pintada, Corrugada e Escovada.

Na arqueologia brasileira muitas vezes se dividem as tradições em fases, temporal e espacialmente menos abrangentes. "**Fase** é uma unidade arqueológica que possui traços suficientemente característicos para distingui-la de todas as outras unidades concebidas do mesmo modo, quer da mesma, quer de outras culturas ou civilizações (ou tradições), limitada espacialmente à ordem de grandeza de uma localidade ou região e cronologicamente limitada a um espaço de tempo relativamente breve" (WILLEY & PHILLIPS, 1958: 22).

Como as tradições e as fases costumam ser ditas "tecnológicas", há necessidade de dizer o que se costuma entender por tecnologia. Entende-se por **tecnologia** "a soma total das técnicas possuídas pelos membros de uma sociedade, isto é, a totalidade de seus modos de comportar-se com respeito à obtenção de matérias-primas do meio ambiente e ao tratamento destes para a fabricação de instrumentos, recipientes, alimentos, vestidos, albergues, meios de transporte e muitas outras exigências materiais" (BEALS & HOIJER, 1968: 293). Abrange "não só as ferramentas utilizadas por uma certa cultura, mas também a forma pela qual elas estão organizadas para o uso, e mesmo o conhecimento científico que as torna possível" (KAPLAN & MANNERS, 1981: 140). Tecnologia está-se referindo aqui "ao equipamento e conhecimento técnico ou material à disposição de uma sociedade" e aos "arranjos empregados por uma determinada sociedade na aplicação do seu equipamento e conhecimento técnico à produção, distribuição e consumo de bens e serviços (Id., p.143).

Os termos indústria lítica, óssea, conchífera e aquela ligada à confecção de cerâmica foram usados neste trabalho como subdivisões analíticas da tecnologia, envolvendo, para cada uma delas, além de seus produtos finais, os modos de obtenção de matéria-prima, as técnicas de fabricação e a utilização desses artefatos, bem como o conhecimento técnico para produzir, distribuir e consumir bens e serviços.

Através da tecnologia, o homem se insere no ambiente e o torna útil à comunidade. Quando falamos do **ambiente** não nos estamos referindo apenas aos aspectos do *habitat* natural, mas, também, ao *habitat* modificado e utilizado pelo homem. Certamente, na interação entre as variáveis do ambiente e as da cultura, o maior peso causal deve ser atribuído a fatores culturais.

O conceito de **adaptação** permeia implicitamente o presente trabalho. Adaptação é aqui entendida como "um processo que relaciona os sistemas culturais e seus ambientes" (KAPLAN & MANNERS, 1981: 129).

O trabalho tem os seguintes capítulos: O ambiente; A revisão bibliográfica; O sítio; A história da pesquisa; A cerâmica; Os artefatos líticos; Os artefatos ósseos e conchíferos; Os restos alimentares; Os sepultamentos; A distribuição do material no espaço; O Assentamento.

Apesar de uma série de dificuldades, cremos ter conseguido apresentar uma informação bastante consistente sobre o assentamento Itararé da Praia da Tapera. Se mais não conseguimos foi devido às condições da informação de campo e laboratório, que estava à nossa disposição. O estudo está longe de concluído, devendo muitos dados ser refinados e muitas informações acrescidas com a continuação dos trabalhos neste e nos demais sítios do programa.

O trabalho reune a colaboração de numerosas pessoas, as mais importantes das quais constam como autores. Pe. João Alfredo Rohr, S.J., diretor do Museu do Homem do Sambaqui, no Colégio Catarinense, fez a escavação e preparou o material. Sérgio Baptista da Silva colaborou na análise de material e fez uma primeira versão de uma grande parte dos resultados, que apresentou como sua dissertação de mestrado em Antropologia Social, na UFRGS. Pedro Ignácio Schmitz, encarregado da continuação dos trabalhos do falecido Pe. Rohr, coordenou e orientou as atividades de análise, interpretação, redação e ilustração. Marco Aurélio Nadal De Masi fez o estudo do material lítico. André Luiz Jacobus, dos restos de alimentos. Mônica Lacroix Wacker, dos artefatos em osso e concha. Ivone Verardi reuniu, ordenou e colocou à disposição dos pesquisadores toda a documentação escrita. Jairo Henrique Rogge estudou

as formas da cerâmica Itararé e Tupiguarani. Rodrigo Lavina era o guarda das coleções e colaborou na análise dos materiais.

1. O SÍTIO E O SEU AMBIENTE

1.1. O SÍTIO E O MICROAMBIENTE (Ver Mapa 1 e Planta Baixa 2)

O Sítio arqueológico da Praia da Tapera está localizado em enseada de águas calmas, voltada para o Continente, na Baía Sul, na Ilha de Santa Catarina, Estado de Santa Catarina, no sul do Brasil.

Dista da cidade de Florianópolis 20 Km e é vizinho do aeroporto Hercílio Luz. O nome oficial do local, hoje pequeno balneário, integrado no complexo urbano de Florianópolis, é Tapera da Base Aérea.

As coordenadas de localização são as seguintes: 27° 35′ 37″ de latitude sul e 48° 30′ 03″ de longitude oeste de Greenwich.

Ao tempo de seu estudo, estava parcialmente transformado em campo de futebol gramado. Em parte estava coberto de árvores e tinha em cima uma casa de praia e barracos para guardar barcos de pesca artesanal. Hoje, está coberto por casas de balneário.

O Sítio propriamente dito está a poucos metros da orla do mar, em terreno quase plano, geologicamente recente, bem drenado, depois de uma praia bastante íngreme. O lado noroeste encosta em pequeno arroio (Rio da Êra), o qual teria condições de abastecer de água potável as populações das aldeias pré-históricas que ali se estabeleceram em épocas diferentes.

Um grande manguezal localiza-se atrás do sítio, a apenas 1.000 m da praia, estendendo-se por cerca de quatro quilômetros Ilha adentro e atingindo as desembocaduras dos rios Tavares e dos Defuntos, ambos aproximadamente a seis quilômetros do Sítio.

A uns dois quilômetros ao sul da Tapera, entre o estuário do Rio Ribeirão e a fronteira ilha de Maria Francisca, ocorre extensa região de baixios, na qual a coleta de moluscos é ainda hoje realizada em quantidades consideráveis.

Outros recursos provenientes do mar, como peixes, moluscos, crustáceos, quelônios e mamíferos, seriam abundantes, e até hoje são parcela importante do abastecimento da população local.

Para a caça, seriam importantes especialmente a densa Mata Atlântica, que ocorria nos terrenos elevados que cercam o local por três lados e os campos de planícies próximas, cobertas por vegetação mais baixa. Essas áreas também se prestariam para a realização de cultivos.

Nas regiões circunvizinhas ao sítio, não são poucos os diques de diabásio diaclasado, que forneceram abundante matéria-prima para a produção de artefatos sobre plaquetas.

Grande quantidade de seixos, que poderiam ser utilizados mediante pequenos beneficiamentos, estão na beira do mar.

A poucos metros do sítio, tanto ao norte como ao sul, ao longo da costa marítima, existem consideráveis blocos de granito, que se constituem em *habitat* de muitas espécies de moluscos que se aderem e, decompostos, produzem um solo fortemente granulado. Mas, no vale dos rios e nas áreas patanosas, estão disponíveis sedimentos de granulação mais fina, que poderiam ser usados para a fabricação de cerâmica.

Pelo mencionado acima, sob o ponto de vista dos recursos disponíveis, eram excelentes as condições para o assentamento de grupos ceramistas, uma vez que à existência de áreas cultiváveis aliava-se uma série de outros elementos que poderiam contribuir para o abastecimento da aldeia, como a presença de mangues, baixios, matas e campos de planície e as águas tranqüilas da Baía Sul. Ademais, na perspectiva da disponibilidade de matéria-prima para a indústria lítica, o Sítio também apresentava boas condições. Todos eles estavam disponíveis sem necessidade de ficar ausente da aldeia por mais de algumas horas.

Esta convergência de variados recursos alimentares, a farta disponibilidade de matéria-prima, conjuntamente com a boa localização na enseada de águas calmas, voltada para o continente e não para o mar bravo, protegida dos ventos frios do sul por morros altos, devem ter sido fatores importantes para a escolha da área pelas populações das duas tradições culturais que ali se estabeleceram.

Não se quer dizer com isso que este seja um lugar único, pois, na Ilha e no continente próximo, existem outros assentamentos de ceramistas semelhantes, utilizando condições ambientais parecidas, como a Base Aérea e a Armação do Sul, para citar apenas os mais próximos. Estes assentamentos poderiam ser as taperas de aldeias anteriores, simultâneas ou posteriores das mesmas populações e os recursos ambientais delas serem usados complementarmente com os locais.

As populações que ocuparam o Sítio não nasceram aí. Estão ligadas a tradições culturais, que, saídas do interior, invadiram o litoral e

chegaram até a Ilha. Na Ilha, encontraram outras pessoas e um ambiente muito diferente daquele ao qual estavam acostumadas. Das populações que ocuparam o sítio, alguma pode ser descente de velhos troncos locais, mas outras vieram de fora.

Como era o ambiente da Ilha e o ambiente do interior?

1.2. O SÍTIO E A ILHA DE SANTA CATARINA* (Ver Mapa 1 e 2)

A Ilha de Santa Catarina encontra-se na frente de um litoral recortado, onde outras ilhas semelhantes sobressaem do oceano como pontos emersos da Serra do Mar.

Ela se encontra pouco afastada do continente. Tem de sul a norte a extensão de 55 Km, e na maior largura cerca de 18 Km. Sua área excede 500 Km^2. Separam-na da terra firme três estreitos, que formam duas baías (Baía Sul e Baía Norte). Sua parte central está na latitude de 27°35'.

Está cercada por extensas praias arenosas, alternadas por inúmeras enseadas, meandros, diques e pontais rochosos.

Seu interior é montanhoso. Ocorrem dois grupos de montanhas, com 600 e 450 metros de altura, respectivamente, separados por extensa planície sedimentar. Estes morros, de base cristalina, formaram-se antes do Pré-cambriano. Neles predomina a Mata Atlântica.

As extensas planícies sedimentares, lagoas, baías, enseadas e mangues, que ocorrem na Ilha, são o resultado de uma série de recentes processos geológicos, que incluem movimentos tectônicos e eustáticos, erosão e sedimentação, determinadas por correntes marinhas e fluviais, além de sedimentações eólicas e aluvionais.

A Ilha possui diversos rios, como o Ribeirão, o Tavares, o Ratones, o Papacoara, e uma extensa lagoa, a da Conceição, além da Lagoa do Peri e outras inúmeras lagunas e lagoinhas.

O clima, segundo a classificação de Köppen, é do tipo Cfa, úmido no verão e mais seco no inverno, que é relativamente frio, ocorrendo neste período geadas fracas no interior da Ilha. No verão, a temperatura oscila entre 18° e 31° C.

---

* Os dados reproduzidos neste subtítulo (I.2) e no seguinte (I.3) são provenientes do Dicionário Geográfico Brasileiro, 1967:456-459, ROHR, 1977a:5-7; MEDEIROS e outros, 1970:173, 250; AZEVEDO & SANTOS, 1976:91-92; RODRIGUES, 1973:84-85; STRANG, 1969: 159.

No ano de 1961, a estação meteorológica de Florianópolis, onde está localizado o Sítio, registrou os seguintes dados:

— Pressão atmosférica:	1.013,2 mb
— Temperaturas:	
• média das máximas:	25,5°C
• média das mínimas:	17,9°C
• máxima absoluta:	32,3°C
• mínima absoluta:	7,3°C
• média compensada:	24,1°C
— Umidade relativa:	83,1%
— Nebulosidade:	6,5
— Precipitações:	
• altura total:	2.000,8 mm
• máxima em 24h:	206,1 mm
— Evaporação total:	1.304,5 mm
— Insolação total:	1.918,6 h.

As formações vegetais podem ser divididas em dois tipos principais: a floresta úmida tropical ou Mata Atlântica e a vegetação litorânea. Esta última varia conforme o trecho da costa, sendo três os seus aspectos principais, conforme o substrato em que cresce: a vegetação das praias e dunas, a vegetação de restingas e o mangue.

A Mata Atlântica é constituída por espécies vegetais de caráter fortemente higrófilo devido à umidade que recebem do mar. Este tipo de floresta abriga um grande número de espécies animais, muito importantes para o abastecimento das aldeias pré-históricas litorâneas.

A vegetação que recobre a orla marítima aparece onde os solos e as águas são salgadas pelo oceano ou há muita areia. Além da vegetação das praias e dunas, plantas adaptadas à areia rica em sal, podem-se distinguir dois outros aspectos principais: os mangues, das zonas alagadas pelas marés, e o jundu, das zonas inundadas, principalmente nas restingas.

O mangue é constituído por terreno lamacento à beira de rios e lagos, no estuário pantanoso de rios e na margem de baías e enseadas. É influenciado diretamente pelas águas salgadas do mar, cujo fluxo da maré permite o acúmulo do lodo. As principais espécies vegetais aí encontradas são plantas da família das Rizophoráceas: os mangues vermelho ou verdadeiro, siriúba e branco. Nas zonas de mangue, em substra-

tos duros ou areno-lodosos, vivem diversas espécies de moluscos, principalmente ostras, mas também *Mytela guyanensis* e *Anomalocardia brasiliana*.

Mais longe do mar, há por vezes a faixa de restinga, áreas de formação recente (terrenos quaternários). Nestas extensões arenosas, depositadas graças à ação destrutiva e construtiva das águas do mar, a flora se enriquece cada vez mais pela deposição natural de húmus ou pela existência de turfa, fundo de alguma antiga lagoa assoreada. Nestas faixas de restinga, aparecem os primeiros capões de mato, que abrigam desde plantas rasteiras até pequenas árvores. São comuns as bromeliáceas e leguminosas. Entre os arbustos, são numerosas as mirtáceas de frutos comestíveis, como a pitanga e o pitangão.

1.3. O SÍTIO E O AMBIENTE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

O Estado de Santa Catarina possui, segundo a classificação de Köppen, um clima de grupo Cf, ou seja, úmido mesotérmico, com temperatura média do mês mais frio abaixo de 18°C e acima de -3°C, sem estação seca, apresentando chuvas regularmente distribuídas.

De acordo com as diversas zonas fisiográficas do Estado, o clima geral admite duas subdivisões: 1) nas regiões menos elevadas, no litoral e no médio Vale do Uruguai, o verão é quente e o mês de maior elevação térmica apresenta temperatura acima de 22° C (tipo Cfa); 2) nas partes mais altas do planalto, o verão é fresco e a temperatura do mês mais quente fica abaixo de 22°C (tipo Cfb).

Durante os meses de verão, as temperaturas médias oscilam entre 24,5°C e 18,6°C; no inverno, essa oscilação fica entre 16,5°C e 8,7°C.

No planalto, ocorrem, no inverno, temperaturas mínimas absolutas de vários graus abaixo de zero.

Massas polares provenientes do sul freqüentemente invadem o território catarinense, contribuindo para a ocorrência de sensíveis quedas de temperatura. Essas massas polares ocasionam chuvas finas, geadas e até nevadas.

As chuvas distribuem-se regularmente pelo território do Estado, não se verificando estações secas e estações chuvosas. Em certas áreas, entretanto, as chuvas predominam no verão (parte alta do planalto, litoral de São Francisco, Bacia do Itajaí e litoral de Florianópolis). Noutras,

elas são mais freqüentes na primavera (parte ocidental do planalto de Lajes e interior do planalto basáltico catarinense).

Os ventos dominantes sopram do quadrante Leste, especialmente de NE e SE.

No revestimento florístico atual, o Estado apresenta florestas tropicais úmidas de encosta ou Mata Atlântica numa proporção de 30,5%. É assim denominada porque se localiza na região acidentada que une a Planície Litorânea ao Planalto Meridional e porque vive graças às chuvas que o oceano envia para a encosta do planalto. Além da Mata Atlântica, ocorre em 60,13% do território catarinense, nas partes mais elevadas do Planalto, a floresta subtropical ou Mata de Araucária (mata com pinheiros). As campinas ocupam 4,96%. A vegetação litorânea (de praias ou dunas, de restingas e de mangues) recobre 4,38% do território.

O litoral é constituído de formações aluviais recentes. Mais para o interior, ocorrem os terrenos arqueanos da Serra do Mar, com seu afloramento granítico. Na região de São Miguel, Blumenau e Serra do Mirador, ocorrem gnaisses e calcários metamórficos. No Vale do Itajaí, são freqüentes os xistos e calcários cristalinos, bem como os quartzitos, algonquianos. Em Indaial e Anitápolis, ocorrem ardósias, xistos argilosos, quartzitos, calcários e outras formações. A série Itararé apresenta conglomerados glaciais, xistos argilosos e arenitos, tilitos, limonitas etc. Na serie Tubarão está incluída a reserva carbonífera catarinense.

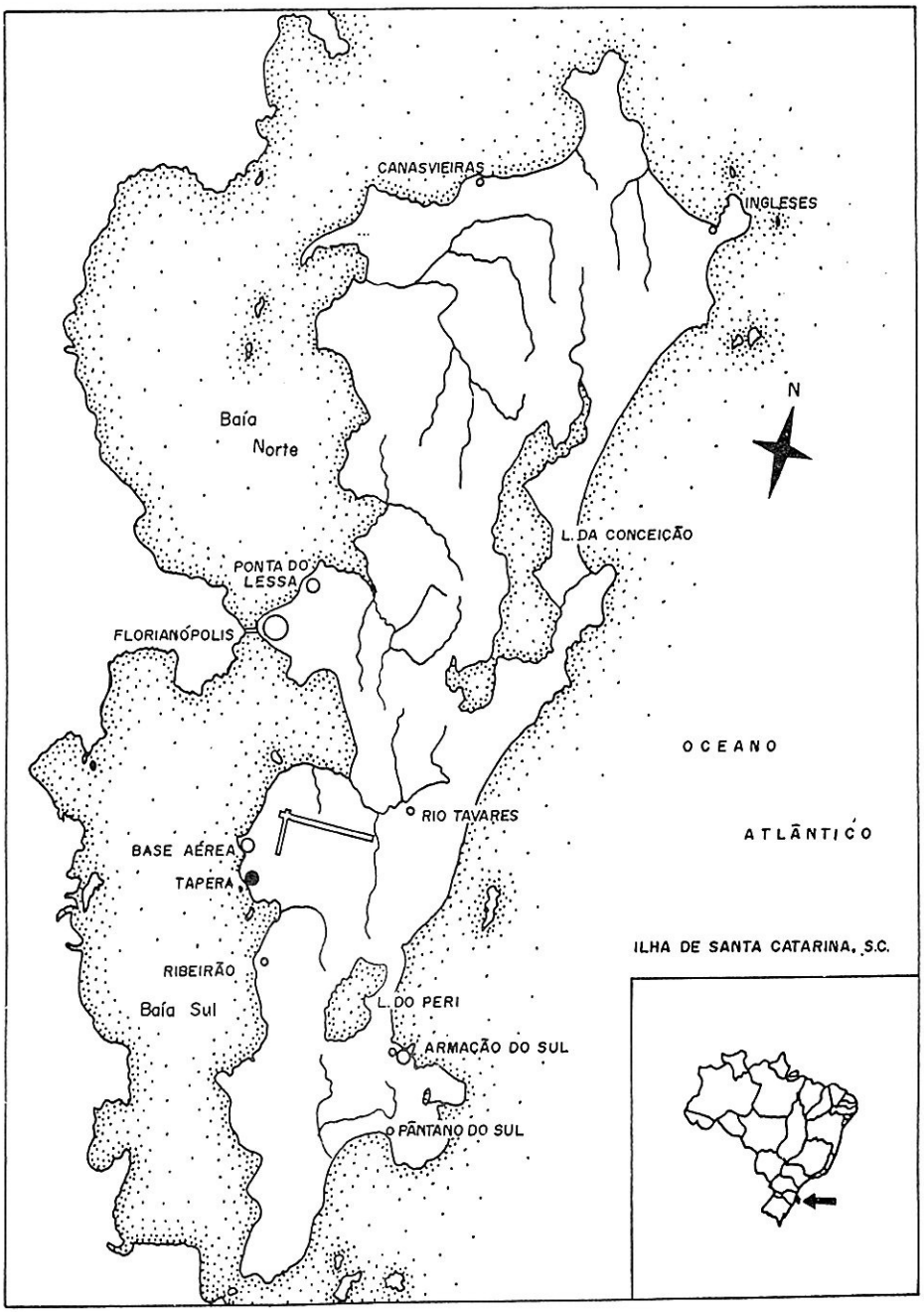
Mais para o ocidente, situam-se as formações triássicas representadas por calcários, arenitos e argilas. Para o oeste, localiza-se o Trapp característico do grande derrame basáltico do Triássico, com diabásios e basaltos.

Quanto ao relevo, são duas as grandes formações orográficas: a Serra do Mar e a Serra Geral.

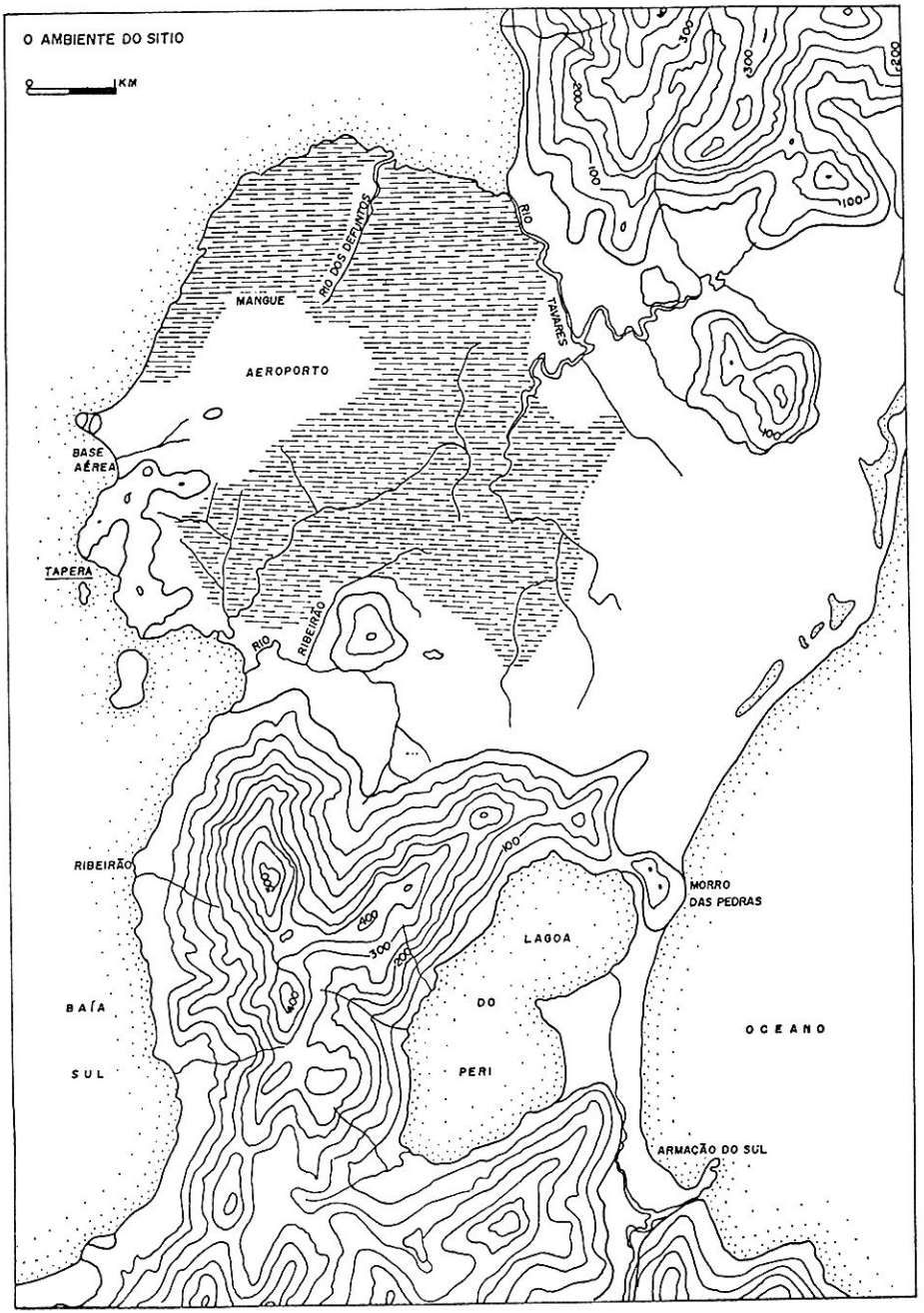
A primeira, situada logo a seguir à estreita planície litorânea, ergue-se com altitudes que vão a mais de 1.000 metros.

A segunda desenvolve-se pelo interior, com numerosos contrafortes. As maiores altitudes da Serra Geral situam-se no oeste, alcançando até 2.000 metros.

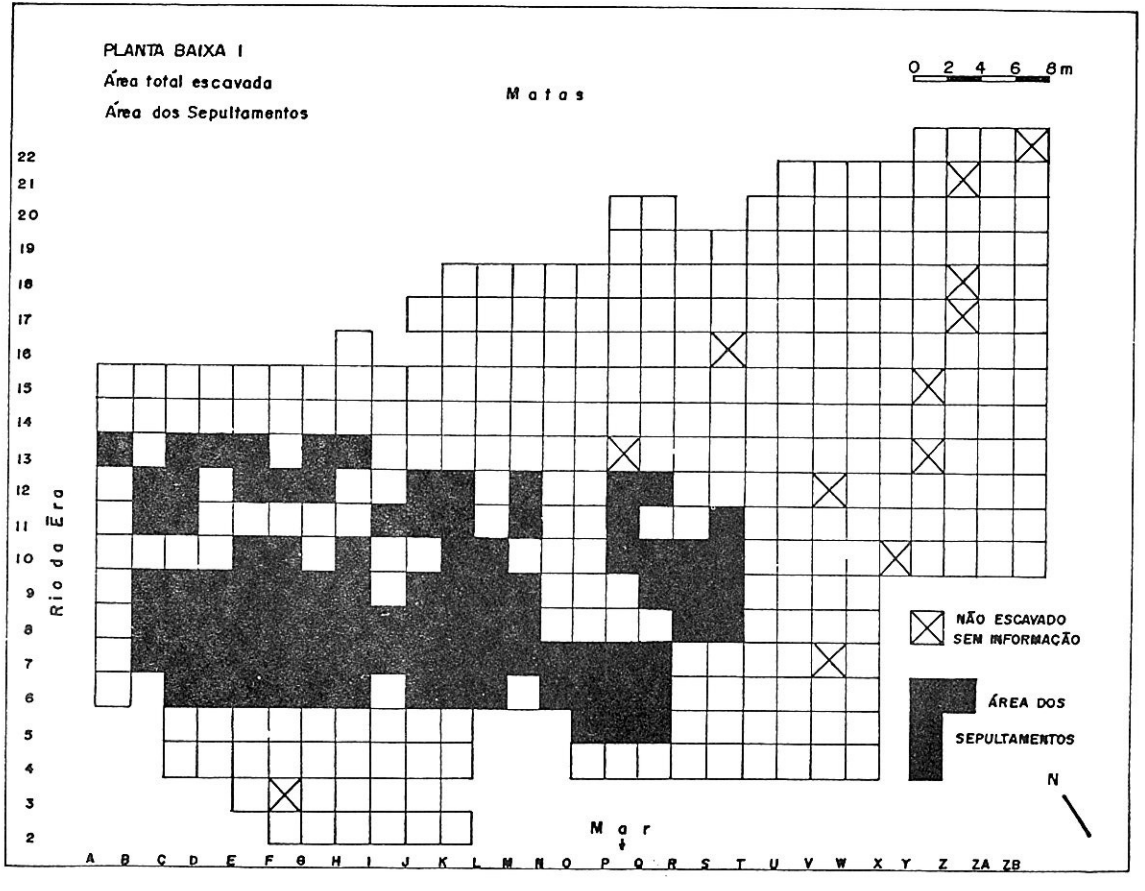
O sistema hidrográfico pode ser agrupado em três bacias: Iguaçu, Itajaí-Açu e Uruguai. Correm diretamente para o mar os rios Itapocu, Tijuca, Tubarão, Urussanga e Araranguá.

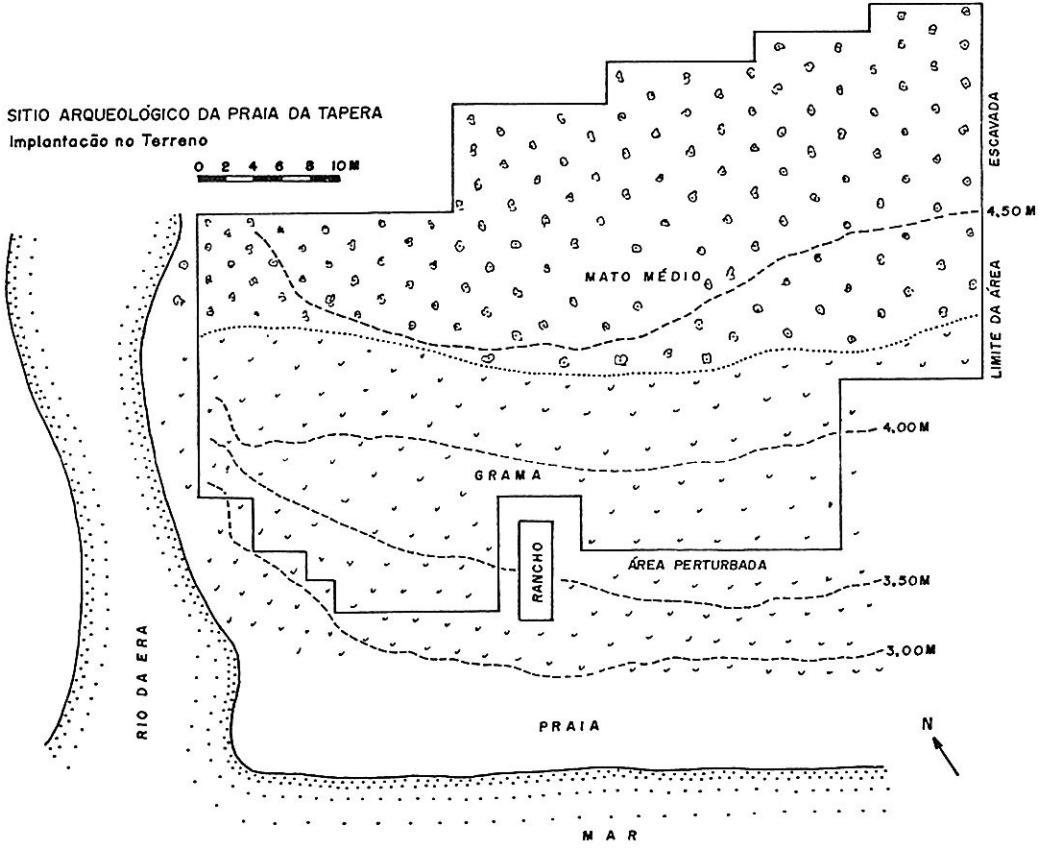


MAPA 1: A Ilha de Santa Catarina com a localização do sítio.


O AMBIENTE DO SITIO
0
1KM
MANGUE
RIO DOS DEFUNTOS
RIO TAVARES
AEROPORTO
BASE AÉREA
TAPERA
RIO RIBEIRÃO
RIBEIRÃO
MORRO DAS PEDRAS
LAGOA DO PERI
BAÍA SUL
OCEANO
ARMAÇÃO DO SUL
100
200
300
400

MAPA 2


PLANTA BAIXA I
Área total escavada
Área dos Sepultamentos
Matas
0 2 4 6 8m
Rio da Era
Mar
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB



PLANTA BAIXA 2

2. O SÍTIO DA PRAIA DA TAPERA E A ARQUEOLOGIA DE SANTA CATARINA

No Sítio da Praia da Tapera estão presentes dois componentes ceramistas: um, mais antigo, da tradição Itararé; outro, mais recente, da Tradição Tupiguarani, Subtradição Corrugada. O componente Itararé levanta a questão de como populações, ou culturas, que aparentemente teriam seu hábitat no planalto, se estabelecem no litoral em sítios semelhantes aos dos pré-ceramistas locais e faz com que se pergunte sobre que relações teriam surgido entre os povoadores pré-cerâmicos e os adventícios. O componente Tupiguarani, com grande abundância de material, levanta questões semelhantes: como é o seu assentamento local e como ele se relaciona com a população Itararé.

Diversos autores se têm ocupado com estes problemas, tornando indispensável uma revisão bibliográfica ampla. Embora este trabalho tenha como preocupação a caracterização do assentamento da Praia da Tapera, a maior parte dos problemas terá de ser retomada. Esta é a razão por que se buscou caracterizar as populações dos componentes cerâmicos, mas também os pré-ceramistas, com os quais mantiveram relações.

2.1. A GRANDE TRADIÇÃO TAQUARA/CASA DE PEDRA/ITARARÉ

A literatura arqueológica menciona três tradições ceramistas regionais com abrangência no planalto e litoral dos três Estados do Brasil meridional: Taquara, no Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina; Itararé, no planalto e litoral do Paraná e no litoral norte e central de Santa Catarina; e Casa de Pedra, no sul do Paraná e planalto catarinense.

A existência de diferenças na técnica de produção, na forma e na decoração da cerâmica, destacadas por alguns arqueólogos, entretanto, parecem não ser suficientes para embasar o estabelecimento de três tradições tecnológicas distintas. Estas diferenças regionais, constatadas principalmente através da análise do material cerâmico, ficam bastante diluídas quando se observa que as populações portadoras têm um fundo tecnológico e cultural comum.

Desta forma, uma série de fatores leva a crer que estas denominações regionais, estabelecidas pelos pesquisadores do PRONAPA (1965-1970), são variações de uma mesma tradição tecnológica e cultural que ocupou diferentes ambientes contíguos no sul do Brasil: terras altas e frias, encosta do planalto e litoral atlântico.

Os recipientes cerâmicos ligados a estas três tradições regionais são utilitários e de pequeno tamanho, temperados com restos minerais e, geralmente, apresentam paredes pouco espessas (4 a 8 mm, em média). Além disto, existe uma semelhança expressiva quanto às formas (basicamente de dois gêneros, um mais vertical e outro horizontal, com o corpo cônico, ovóide ou em meia-calota) e no que diz respeito à decoração ou acabamento da superfície (brunidura, ponteados, incisos, impressões de cestaria, de cordas, de carimbos e outros). As diferenças restringem-se ao uso de antiplástico, ao tratamento de superfície e à cor da superfície, denotando variações dentro da mesma tradição tecnológica, que poderiam ser expressas em fases, ou fácies.

Recente trabalho de síntese, publicado por Pedro Ignácio Schmitz (1988), dá uma visão de conjunto destas três tradições regionais, registrando e analisando os materiais referentes aos sítios e fases desta abrangente tradição tecnológica e cultural. Os dados constantes nesta síntese fundamentaram a maior parte dos parágrafos que seguem.

Outros autores, em trabalhos mais antigos, também discorreram a respeito das semelhanças entre as tradições locais planálticas aqui comentadas, inclusive estendendo ainda mais sua abrangência geográfica.

Segundo Basile Becker e Schmitz (1970), os materiais cerâmicos Tipo Eldoradense de Menghin, provenientes de Misiones, Argentina, são semelhantes aos estudados por Chmyz (1967a, b; 1968a, b, c) nos estados do Paraná e Santa Catarina e denominados de Tradição Itararé e Tradição Casa de Pedra.

Chmyz (1968c) encontra semelhanças entre os materiais analisados no Planalto Meridional (Vales dos rios Itararé e Paranapanema, entre São Paulo e Paraná) com os que ocorrem nas camadas superiores de sambaquis do litoral do Paraná e Santa Catarina, ou seja, especificamente nas baías de Antonina e Paranaguá e na Ilha de São Francisco (Sambaqui do Forte Marechal Luz, estudado por Alan Lyle Bryan, 1961 e 1977).

O autor citado (CHMYZ, 1968c) estabelece também comparações e semelhanças entre os materiais planálticos e os de camadas superiores de sambaquis com a cerâmica de dois sítios litorâneos catarinenses: a Base Aérea (Caiacanga-mirim) e a Praia da Tapera.

Assim, deve-se considerar que existiu no sul do Brasil, com abrangência em áreas adjacentes (Misiones, na Argentina, por exemplo), uma grande tradição ceramista, cujos aspectos locais não convém acentuar demais, sob pena de se perder a visão de conjunto.

No planalto coberto pela floresta subtropical com pinheiros, muitas vezes entremeada de campos, ela apresenta três tipos de assentamento: casas subterrâneas, acompanhadas ou não por espaços entaipados, túmulos de terra ou galerias escavadas no arenito; acampamentos de superfície e raras ocupações de abrigos naturais.

A principal forma de abastecimento neste ambiente seria a coleta do fruto do pinheiro. Vem provavelmente daí a grande profusão de mãos-de-pilão encontradas no planalto, além de lâminas polidas ou lascadas de machado, talhadores, raspadores e lascas. Também estão presentes ossos longos de aves e mamíferos, que poderiam ter sido utilizados como pontas de projétil.

Os sepultamentos que foram observados no planalto são primários e encontram-se em abrigos naturais. Igualmente, especula-se a respeito de os montículos que acompanham algumas casas subterrâneas serem funerários e terem sido empregadas técnicas crematórias para realizar alguns sepultamentos.

Já na floresta subcaducifólia subtropical e tropical e na Mata Atlântica, que recobrem a encosta do planalto e os vales dos rios que o drenam, foram observados numerosos sítios sem, contudo, ocorrerem casas subterrâneas. Trata-se de aldeias e acampamentos de superfície e raras ocupações de abrigos rochosos naturais.

Neste ambiente, além da caça e da coleta generalizadas, seriam possíveis cultivos tropicais.

O instrumental lítico é o mesmo encontrado nas terras mais altas, exceto as pesadas mãos-de-pilão, que parecem ausentes.

No litoral, coberto por vegetação característica ou pela Mata Atlântica, os assentamentos costumam apresentar-se como acúmulos de restos alimentares, principalmente ossos de peixe, conchas e ossos de mamíferos, sendo freqüentemente descritos como sambaquis. Geralmente, as camadas ocupacionais são pouco espessas; muitas vezes ocorrem sobre sambaquis verdadeiros (pré-cerâmicos). No litoral do Rio Grande do Sul e no da porção meridional de Santa Catarina, estão localizados no domínio da vegetação litorânea. No litoral do Paraná e no da porção central e setentrional de Santa Catarina, estão no interface da vegetação litorânea com a Mata Atlântica. Aí, os sítios apresentam grande número de sepultamentos, o que estaria indicando aldeias estáveis, com abastecimento alimentar variado e proveniente dos recursos do mar (pesca, coleta e caça), da terra (caça) e de eventuais cultivos.

Em toda a região litorânea, aparecem sepultamentos primários, fletidos ou estendidos. Na Praia da Tapera (litoral central de Santa Catarina) e no sítio das Laranjeiras (litoral norte do mesmo Estado), eles podem estar dispostos em semicírculos ou segmentos de círculo, ou em agrupamentos como se fossem cemitérios domiciliares.

O material lítico mais característico encontrado no litoral são as numerosíssimas lâminas polidas, semipolidas ou lascadas de machados, além de percutores, bigornas e artefatos fusiformes.

Quanto à indústria óssea dos sítios litorâneos, destacam-se as pontas de projétil confeccionadas em ossos de aves, mamíferos e peixes.

Cotejando-se a localização espacial dos sítios das três "tradições regionais" aqui comentadas com o mapa físico e da vegetação da região sul do Brasil, percebe-se que os sítios das tradições Itararé e Taquara estão presentes nos três domínios ambientais acima referidos. A diversidade das cerâmicas respectivas, portanto, não acompanha os domínios naturais. Por ora, apenas a duvidosa Tradição Casa de Pedra tem seus sítios reduzidos à região do planalto.

A esta constatação estão ligadas outras duas: conforme o ambiente, ter-se-ão assentamentos diferenciados e a ele adaptados; os artefatos encontrados tendem, igualmente, a ser diferentes de acordo com o ambiente, uma vez que as ênfases no abastecimento modificar-se-iam segundo o meio.

Diante destes elementos, poder-se-ia dizer que a forma de abastecimento destas três "tradições" estaria integrando três ambientes diversos, ensejando assim melhores condições de sobrevivência, já que se teria, ocupando-os, possibilidades mais amplas de garantir estações menos abastecidas, especialmente se associadas a alguns cultivos.

Esta complementação dos recursos visando a um abastecimento que cobrisse todos os períodos do ano poderia ser realizada através de migrações estacionais e/ou intercâmbio de bens e pessoas nos três domínios naturais ocupados.

Por outro lado, pelo que se percebe dos sítios litorâneos da Tradição Itararé (Paraná, norte e centro de Santa Catarina), os numerosos sepultamentos que ocorrem em alguns assentamentos e a farta disponibilidade de recursos alimentares, centrados nos produtos do mar e da caça, estariam indicando aldeias estáveis e duradouras.

Além disto, o número cada vez maior de sítios desta Tradição no litoral central de Santa Catarina leva a pensar num denso e consistente povoamento destas regiões próximas ao Atlântico.

Igualmente, parece configurar-se um povoamento estável e de certa densidade no planalto dos três Estados sulinos, como atesta o grande número de sítios aí registrado.

As diferenças regionais constatadas estariam a indicar que estas populações, que possuem um fundo tecnológico e cultural comum, dividiam-se em territórios, os quais ocupariam e dominariam por séculos, dando condições ao aparecimento e consolidação de identidades mais ou menos diferenciadas para subgrupos populacionais específicos, o que não impediria que continuassem a apresentar uma gama de aspectos comuns ligados tanto à tecnologia como à cultura.

Sobre as origens desta tradição tecnológica e cultural que provavelmente surgiu nos primeiros séculos da era cristã possuem-se poucas informações, que, entretanto, podem ser bastante úteis no sentido de direcionar pesquisas futuras. A maioria dos arqueólogos que trabalha no planalto sul-rio-grandense costuma realçar a semelhança do material lítico das fases pré-cerâmicas locais da Tradição Humaitá com a indústria lítica da Tradição Taquara. Da mesma forma, observa-se que o material ósseo do litoral norte e central de Santa Catarina, especialmente as pontas de projétil em osso, bem como os artefatos fusiformes confeccionados sobre pedra e outros materiais, estão se constituindo, no decorrer dos estudos em realização, em ótimos indicadores da continuidade entre os coletores pré-cerâmicos e as populações ceramistas do litoral de Santa Catarina. Encontra-se igualmente registrada pela literatura a semelhança entre a indústria lítica dos caçadores do planalto catarinense com aquela referente à duvidosa Tradição Casa de Pedra.

Estas constatações empíricas são bastante importantes e parecem indicar que alguns grupos pré-cerâmicos do sul do Brasil teriam entrado em contato com "idéias novas" que avançariam pouco a pouco através do espaço geográfico, trazidas por novas populações ou filtradas de grupo a grupo, sendo assimiladas e reelaboradas culturalmente. Estas "idéias" deveriam trazer no seu bojo vantagens práticas para as populações pré-ceramistas do Brasil Meridional e estariam ligadas a formas mais seguras de abastecimento e novos recursos tecnológicos que dariam condições de exploração mais eficiente das terras altas e do litoral adjacente.

Este quadro de modernização tecnológica de parcelas das populações pré-existentes parece ser mais lógico do que aquele no qual é sugerido o total desaparecimento das populações pré-ceramistas frente a migrações de grupos invasores externos e tecnologicamente mais avançados.

José Proenza Brochado (1984), baseando-se na distribuição das cerâmicas arqueológicas do leste da América do sul, estende a discussão da origem da "Tradição" Itararé, que seria um estilo da Tradição Pedra do Caboclo, de grande abrangência gegráfica e temporal.

As tradições por ele denominadas de Pedra do Caboclo e Palo Blanco seriam derivadas de dois focos de desenvolvimento cerâmico, que teriam por características formas globulares extremamente simples, localizados respectivamente na desembocadura do sistema fluvial amazônico (cerâmica Mina) e no estuário do Prata (cerâmica Palo Blanco). Estas duas tradições teriam se originado de uma tradição amazônica muito simples e mais antiga que "deverá ser encontrada com uma datação muito anterior à daquelas (Mina e Palo Blanco) — talvez 5.000 a.C. — no nó de cursos fluviais da América do Sul, situado na Amazônia Central" (BROCHADO, 1984: 570).

A Tradição Pedra do Caboclo estaria relacionada aos falantes das línguas do Antigo Brasil Oriental e Kaingáng (Macro-Jê) e com a Subtradição que denominou de Aratu, que estaria vinculada aos grupos Jê propriamente ditos.

Quanto à Tradição Pedra do Caboclo, com antecedentes na cerâmica Mina (3.700 - 3.500 a.C., cf. BROCHADO, 1984: 570), Brochado postula uma primeira difusão cerâmica no Nordeste brasileiro, que teria ocorrido em 700 - 1.000 a.C. e teria sido transmitida "de grupo a grupo sob a forma de intrusões de unidades de traços, através das populações estáveis de falantes das línguas do Antigo Brasil Oriental; excetuando-se os Gê propriamente ditos e os Cariri; seguindo um padrão de difusão progressivamente mais ampla, chegando até os falantes Caingangue na extremidade meridional do planalto brasileiro" (BROCHADO, 1984: 570-1).

Desta forma, a Tradição Pedra do Caboclo comportaria vários estilos, cujo fluxo teria ocorrido do norte para o sul: Mina, Anatuba, Pedra do Caboclo, Periperi, Una, Jataí, Itararé, Taquaruçu e Taquara.

As populações ceramistas do litoral foram estudadas por vários autores. Anamaria Beck (1971) inicialmente fez duas fases com os dois sítios ceramistas estudados: a Fase Rio Lessa e a Fase Enseada; mais tarde (1972), ficou em dúvida se eram realmente duas fases ou variantes de uma mesma.

A Fase Rio Lessa, na terminologia de Beck (1972: 167-96), corresponderia a sambaquis de pequenas dimensões; na realidade são sítios cerâmicos vinculados à Tradição Itararé. A aldeia Itararé da Praia da Tapera estaria incluída nesta classificação de Beck. Na indústria lítica poli-

da estariam presentes lâminas de machado retangulares, artefatos fusiformes e plaquetas; na lascada, lâminas de machado e lascas numerosas. A cerâmica seria caracterizada por recipientes pequenos, utilitários, simples, sem decoração. Denominou-a de tipo Rio Lessa preto polido. A autora não considera a brunidura (esfumaramento) como técnica decorativa. A indústria óssea seria abundante (pontas e dentes perfurados). Segundo Beck (1972: 172), a pesca seria mais importante que a coleta, pois os ossos de peixe estariam mais representados do que as valvas de moluscos no substrato arqueológico.

A Fase Enseada teria por característica a cerâmica doméstica, utilitária. Os recipientes são pequenos, usados ao fogo, simples, sem decoração. A coloração varia entre o preto polido ao cinza fosco (Enseada escuro) e do vermelho ao castanho (Enseada vermelho). A indústria óssea é variada e abundante (anzóis, pontas, dentes perfurados, alisados, etc.). A indústria lítica é grosseira e mal elaborada. Alguns machados semipolidos e artefatos lascados são encontrados: *choppers* e raspadores, alguns quebra-cocos. Os sepultamentos são totalmente fletidos; alguns têm objetos associados. A pesca seria mais importante do que a coleta. Piazza (1974), tardiamente, chama-a Araquari. Inclui o sítio de Forte Marechal Luz, escavado por Bryan. Prous (In: PROUS & PIAZZA, 1977: 82) não concorda com a rusticidade da indústria lítica, citando "a bela indústria de pedra polida" da ocupação ceramista de Rio Pinheiros.

As possíveis ligações entre as populações pré-históricas ceramistas, aqui comentadas, com as etnohistóricas ainda encontram-se no terreno das sugestões. Sem negar os obstáculos inerentes a este tipo de abordagem, impostos pelas situações de conflito sofridas pelos grupos indígenas desde a Conquista e que, certamente, exerceram caráter transformador nestas sociedades, pode-se, contudo, estabelecer algumas comparações.

Tentando verificar este tipo de ligações, alguns fatos interessantes foram revelados por estudo de Tom O. Miller Jr. (1978). O autor, além de salientar as semelhanças entre as Tradições Itararé e Casa de Pedra, propondo sua unificação, associa esta Tradição única às etnias Kaingáng e Xokleng, habitantes históricos da porção meridional do Brasil e pertencentes ao tronco lingüístico Macro-Jê. Esta associação entre uma tradição ceramista pré-histórica e sociedades indígenas atuais foi possível devido, principalmente, às observações e estudos de Miller Jr. com relação à cerâmica ainda confeccionada por anciãs de grupos Kaingáng paulista.

O fato de alguns destes grupos históricos não mais possuírem cerâmica, conforme as descrições dos cronistas, é explicada por Miller Jr. (1978/79/80: 90) da seguinte maneira:

> "(...) as pressões de invasões, primeiro de Tupis, depois de portugueses, fizeram com que os grupos Jê tivessem de se fragmentar e ficar em movimento. Isto não coaduna com cerâmica e dificulta a agricultura. Eu lanço a hipótese, a ser testada no campo, que a agricultura e a cerâmica é bastante antiga entre alguns povos Jê".

Na obra coletiva sobre "Os cultivadores do planalto e do litoral", são esclarecedoras as idéias de Schmitz sobre as populações cultivadoras, portadoras destas "tradições ceramistas locais" sulinas (SCHMITZ, 1978/79/80: 33-4):

> "(...) é possível que devamos imaginar esses primeiros agricultores do planalto como coletores bem estabelecidos com alguma caça, onde lentamente se vão introduzindo algumas plantas, como acontece em outras áreas de cultivo. E em termos bem crassos poderiam ter sido semelhantes aos grupos da Tradição Una, Itararé e Taquara, onde parece predominar a coleta e haver uma pequena suplementação agrícola. Este esquema de um coletor que suplementa a sua coleta e a sua caça com um pouco de agricultura com certeza não existe mais na Tradição Aratu, um grupo agricultor que faz da planta cultivada o seu sustento básico".

O mesmo autor (SCHMITZ, 1978/79/80: 48) assim descreve a economia das populações vinculadas a esta abrangente Tradição cultural, possíveis ancestrais dos grupos Jê meridionais:

> "Os grupos parecem ter forte apoio em coleta, onde sobressaem os pinhões e os moluscos marinhos, e na caça. Seu domínio de plantas cultivadas parece ter sido pequeno e concentrado na utilização de grãos semeados, sem possibilidade de cultivar mandioca por causa do frio das alturas. Os solos pobres não lhes permitiriam expandir os cultivos, com o que se viam obrigados a explorar cuidadosamente a apropriação de produtos naturais da mata, do campo e do litoral, para cobrir o ano inteiro".

Walter Alves Neves (NEVES et alii, 1984) levanta a questão relacionada à patologia dentária dos grupos ceramistas do Brasil Meridional, concluindo que os dentes muito cariados das populações do planalto es-

tariam indicando uso intenso de carbohidratos na alimentação, que poderiam provir de coleta e/ou cultivo. Ao contrário, as poucas cáries observadas nos grupos litorâneos revelariam ausência de cultivos na área.

O Sítio da Praia da Tapera tem um componente cerâmico Itararé sob a forma de uma aldeia com grande quantidade de material, à qual pertencem, talvez com alguma exceção ainda difícil de avaliar, os sepultamentos recuperados. Por causa da semelhança com elementos pré-cerâmicos, tanto de ordem cultural como biológica, não se pode deixar de revisar o povoamento anterior deste litoral.

2.2. AS CULTURAS LITORÂNEAS PRÉ-CERAMISTAS DO SUL DO BRASIL

Antes de 1950, consideravam-se os sítios conchíferos de Santa Catarina como um todo culturalmente homogêneo (Prous, in: PROUS & PIAZZA, 1977: 28).

Antônio Serrano (1948) havia-os pensado, juntamente com os do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, muito recentes, atribuindo-os aos ancestrais dos Guaianás históricos (PROUS, op. cit., p.28).

Tiburtius e Bigarella, em 1951, insistiam na existência de duas realidades distintas para os sítios litorâneos conchíferos do litoral norte de Santa Catarina: os que apresentam cerâmica e os que não a apresentam.

Foi somente na década de 60 que escavações sistemáticas e as primeiras datações radiocarbônicas começaram a lançar mais luz sobre os sítios litorâneos do Estado de Santa Catarina.

Os trabalhos de Anamaria Beck, condensados em sua Tese de doutoramento (1972), assinalam a existência de um período pré-cerâmico e outro cerâmico, bem como atestam a unidade cultural do litoral catarinense: semelhança da cerâmica e das pontas ósseas nas fases tardias; presença de zoólitos, de uma indústria lítica bem acabada e de estruturas com terra endurecida no pré-cerâmico. A autora não deixa de reparar algumas variações regionais.

Schmitz (1984: 41) salienta a "extraordinária unidade da cultura costeira na extensão de mais de mil quilômetros", referindo-se ao conteúdo cultural dos sambaquis (pré-cerâmicos) da costa meridional brasileira.

Da mesma forma, Prous (in: PROUS & PIAZZA, 1977: 35), após inventariar as indústrias lítica, óssea e conchífera, distingue em todo este

todos sítios litorâneos catarinenses, nota-se que, salvo pequenas variações, as semelhanças são bem marcantes. Esta semelhança é a base para a inclusão de todos eles na Tradição ceramista Itararé, primeiro definida no planalto do Paraná.

Trata-se de uma cerâmica utilitária, de confecção rudimentar, produzida através de roletes na grande maioria dos casos, quase toda ela simples, com apenas alguns fragmentos decorados (pinçados, carimbados, ponteados), de pequeno porte, cujos conjuntos de formas apresentam semelhanças entre si. O tratamento das superfícies caracteriza-se, por um alisado bom ou polido bem visível, ocorrendo, às vezes, o brunido na face externa. Também as cores das superfícies dos recipientes e o uso freqüente de reforços nas bordas demonstram semelhanças. As paredes das cerâmicas destes sítios são pouco espessas, situando-se na faixa dos 5 a 9 mm a média. O diâmetro das aberturas dos vasilhames costuma ser pequeno, mesmo nas formas mais horizontais (tigelas), acompanhando o tamanho pequeno das vasilhas. No geral, as bases são convexas, côncavas ou levemente aplanadas.

As diferenças entre estes sítios, de um modo geral, ocorrem no tamanho dos grãos do antiplástico (mais fino, mais grosso), na freqüência de certas formas, no uso maior ou menor de reforços nas bordas, na popularidade de certas tonalidades cromáticas das paredes externas e na ocorrência do brunido.

As diferenças apontadas poderiam estar ligadas a uma certa estabilidade e relativa durabilidade destas aldeias Itararé do litoral catarinense, a qual proporcionaria o surgimento de variações dentro de uma tradição cerâmica partilhada. Ou a uma assimilação diferenciada por populações diferentes.

A mesma cerâmica é partilhada pelos sítios do planalto atribuídos à mesma Tradição, mas que apresentam muitas diferenças na maneira de se instalar e nos demais artefatos. As relações entre os sítios do litoral e os do planalto precisam de pesquisa muito mais profunda do que comportava nosso tempo. Para se ter uma idéia das características das várias fases pode-se ver Schmitz (1988).

5. O MATERIAL LÍTICO

5.1. O MATERIAL DO SÍTIO

A indústria lítica da Tapera é abundante e diversificada. Marco Aurélio Nadal De Masi, que proporcionou todos os dados, analisou 4.271 peças, que compreendem as seguintes categorias de artefatos: lâminas de machado parcialmente lascadas, parcialmente polidas e com dispositivo de encabamento; artefatos fusiformes; prismas naturais de basalto, parcialmente lascados ou polidos; alisadores em canaleta; alisadores; seixos com dispositivo de encabamento; seixos retalhados uni e bipolarmente; quartzos retalhados bipolarmente; seixos; percutores; percutores/bigorna.

Este é o material correspondente à amostra levada pelo Pe. João Alfredo Rohr, S.J. ao museu. Para se ter uma idéia do que ficou no campo, só consultando o diário da escavação, onde está discriminado o material descartado, compreendendo principalmente seixos, lascas e fragmentos. Na distribuição, que fizemos, do material no espaço da escavação pode-se ter uma idéia de sua abundância.

Os artefatos foram produzidos mais freqüentemente sobre diabásio diaclasado (caso da maioria das lâminas de machado, prismas naturais polidos ou lascados e alguns artefatos fusiformes). No entanto, há outros que são confeccionados sobre seixos: alguns artefatos fusiformes; alisadores em canaleta; alisadores; algumas lâminas de machado; seixos e quartzos retalhados; percutores e percutores/bigorna.

A matéria-prima utilizada era farta e encontrada nos arredores do próprio Sítio, exceção talvez feita ao xisto, sobre o qual é produzida uma quantidade expressiva de fusiformes (57,6%), entre outros artefatos. O xisto ocorre na Ilha, mas nos mapeamentos geológicos não está registrado; ao menos no Pântano do Sul já localizamos um afloramento.

Os diques de diabásio estão presentes encostados ao Sítio, junto à desembocadura do pequeno córrego denominado Rio da Êra e ao longo da enseada, junto à qual está implantado.

Os seixos, igualmente, acham-se disseminados em toda a orla da praia marítima, próxima ao Sítio.

Quanto às rochas granitóides, também utilizadas, são a própria base geológica da ilha e, portanto, disponíveis em abundância, sob a forma de seixos, matacões e rochas maciças. Junto com eles aparecem quartzos e quartzitos.

A indústria lítica da Tapera foi caracterizada, preliminarmente, através de sua tecnologia de produção.

Para tanto, procedeu-se à caracterização dos diferentes tipos de matérias-primas utilizadas, na forma e ocorrência. Além disso, foi feita a separação das várias peças líticas, as quais foram definidas a partir de elementos indicadores, como, por exemplo, presença de bulbo, plataforma de percussão, cicatrizes de lascamento, tipo de trabalho secundário realizado e utilização, observando-se o desgaste.

Após a definição das peças, as mesmas foram separadas em função da presença ou não de córtex natural, bem como por apresentarem, ou não, trabalho secundário (polimento ou preparação).

Estas etapas do trabalho de caracterização da indústria lítica da Tapera e a combinação das variáveis utilizadas nas mesmas, forneceram dados para a realização do fluxograma de tecnologia de produção. Através dele, procura-se caracterizar os estágios de produção das peças desde a matéria-prima bruta até o seu beneficiamento como artefato.

A matéria-prima foi usada da seguinte maneira: 3.197 peças (74,6%) foram produzidas em diabásio; 847 peças (20%), em quartzo leitoso; 123 peças (2,9%), em rochas granitóides; 76 peças (1,8%), em xistos; 15 peças (0,3%), em sílica microcristalina; 9 peças (0,2%), em cristal de quartzo; 3 peças (0,08%), em zeolita e 1 peça (0,02%), em madeira silicificada, de um total de 4.271 peças líticas analisadas (Vide Quadro I).

Os artefatos foram reunidos em quarenta e dois agrupamentos (os números dos grupos são os que estão indicados nas pranchas):

Grupo 1. Seixos naturais. Tamanho de 14 x 3 a 5,5 x 2cm (comprimento x largura x espessura);

Grupo 2. Fragmentos de seixos naturais com uma superfície polida por atrito (alisadores). Alguns apresentam depressão com superfície irregular (bigornas). Tamanho de 18,5 x 16 a 7 x 7 cm;

Grupo 3. Fragmentos de seixos naturais com sulcos cilíndricos produzidos por atrito. Alisador em canaleta. Tamanho de 6 x 5 a 4 x 3 cm;

Grupo 4. Seixos naturais quebrados. Tamanho de 5 x 4 a 2 x 1 cm;

Grupo 5. Seixos naturais com marcas de esmagamento em uma ou nas duas extremidades longitudinais. Percutores. Tamanho de 14,5 x 13,5 a 4 x 3,5 cm;

Grupo 6. Seixos naturais com marcas de esmagamento. Apresentam em uma superfície plana marcas irregulares causadas por apoio. Percutores-bigornas. Tamanho de 13,5 x 11 a 4 x 3,2 cm;

Grupo 7. Seixos naturais com marcas de esmagamento, quebrados. Percutores quebrados. Tamanho de 11,5 x 8 a 3 x 1,5 cm;

Grupo 8. Seixos com entalhes nas extremidades laterais. Pesos de rede. Tamanho de 13,5 x 11 a 4 x 3,2 cm;

Grupo 9. Seixos naturais com sulco circular ou furo em uma das extremidades longitudinais. Adorno.

Grupo 10. Seixos naturais e fragmentos oxidados com marcas de raspagem. Tamanho de 10 x 9 a 1 x 1 cm;

Grupo 11. Seixos naturais e fragmentos de seixos naturais com marcas irregulares na superfície plana, provocadas por apoio. Bigorna. Tamanho de 12 x 10 a 5 x 4 cm;

Grupo 12. Seixos lascados bipolarmente, com dois pontos de percussão opostos entre si. Tamanho de 9 x 8,5 a 3 x 2,5 cm;

Grupo 13. Núcleos bipolares com córtex natural. Tamanho de 9 x 6 a 5 x 4 cm;

Grupo 14. Núcleos bipolares sem córtex natural. Tamanho de 10 x 7 a 2,5 x 1,5 cm;

Grupo 15. Lascas bipolares retas e finas. Tamanho de 7 x 6 a 2,5 x 1,5 cm;

Grupo 16. Lascas bipolares alongadas e espessas. Tamanho de 5,5 x 4 a 1,5 x 1 cm;

Grupo 17. Lascas bipolares com córtex natural. Tamanho de 9 x 7 a 3 x 2 cm;

Grupo 18. Fragmentos bipolares com ponto de percussão. Tamanho de 8 x 5 a 3 x 2 cm;

Grupo 19. Lascas bipolares com evidências de encabamento. Tamanho de 11,5 x 9,5 a 10,5 x 5,5 cm;

Grupo 20. Lascas unipolares com córtex natural. Tamanho de 14 x 8 a 2,5 x 2,2 cm;

Grupo 21. Lascas unipolares sem córtex natural. Tamanho de 8 x 4,5 a 2,5 x 2 cm;

Grupo 22. Seixos lascados. Tamanho de 13,5 x 9,5 a 9 x 7 cm;

Grupo 23. Fragmentos. Tamanho de 16 x 8 a 3 x 1 cm;

Grupo 24. Seixos lascados bifacialmente. Tamanho de 13,5 x 9,5 a 9 x 7 cm;

Grupo 25. Seixos lascados bifacialmente, com marcas de encabamento (polidos ou não). Tamanho de 16,5 x 8 a 10 x 5 cm;

Grupo 26. Lascas unipolares com superfície externa polida. Tamanho de 10 x 6 a 2 x 1,5 cm;

Grupo 27. Cristais naturais. Tamanho de 6 x 3 a 3 x 2 cm;

Grupo 28. Cristais polidos, de forma alongada. Tamanho de 3,5 x 1,2 a 1,3 x 1,4 cm;

Grupo 29. Cristais lascados bipolarmente. Tamanho de 5 x 2,5 a 4 x 2 cm;

Grupo 30. Fragmentos de prismas naturais com as extremidades longitudinais quebradas. Tamanho de 16 x 8 a 3,5 x 2,5 cm;

Grupo 31. Fragmentos de prismas naturais com as extremidades longitudinais quebradas e polidos com sulco em "V", indicando corte em sua superfície. Tamanho de 3,5 x 3 a 3 x 2,2 cm;

Grupo 32. Fragmentos alongados, polidos, às vezes com marcas de sulco (corte) nas bordas. Tamanho de 5,5 x 1,5 a 2 x 1,3 cm;

Grupo 33. Peças líticas de forma triangular com uma das extremidades longitudinais polida ou semipolida, sendo a outra extremidade longitudinal em forma de ponta triangular. As extremidades laterais são retas e formam um ângulo agudo entre si. Podem apresentar-se totalmente arredondadas e polidas, assim como apresentar faces naturais com córtex na forma prismática. Estas formas prismáticas (facetadas) podem ser polidas. Tamanho de (incluindo as subdivisões do Grupo 33) 6,5 x 2 a 1,5 x 0,7 cm;

Grupo 33a. Peças líticas que apresentam uma das extremidades longitudinais de forma triangular e a outra extremidade longitudinal de forma trapezoidal, com terminação polida. Não apresenta arestas. Estas podem ser detectadas, mas se apresentam polidas. De maneira geral, são todas arredondadas. Algumas peças apresentam córtex natural;

Grupo 33b. Peças líticas polidas que apresentam forma bipirâmida, arredondada, com entalhe circular em uma das extremidades longitudinais. A outra extremidade longitudinal apresenta-se quebrada;

Grupo 33c. Peças líticas polidas e semipolidas que apresentam forma bipirâmida achatada. Podem apresentar córtex natural. Os tamanhos das extremidades (pirâmides) são proporcionais;

33d. Peças líticas polidas que apresentam forma bipirâmida arredondada, sendo que uma das extremidades longitudinais (pirâmides) é mais alongada que a outra;

Grupo 33e. Peças líticas polidas que apresentam forma bipirâmida arredondada com dois entalhes circulares em uma das extremidades longitudinais, sendo esta extremidade bem menos alongada que a outra extremidade longitudinal;

Grupo 33f. Peças líticas polidas que apresentam uma extremidade longitudinal em forma cônica e a outra extremidade bastante alongada, em forma de espátula com uma face plana e outras facetas menores;

Grupo 34. Fragmentos de prisma com as duas extremidades longitudinais quebradas, com marcas de lascamento nas extremidades laterais. Tamanho de 15 x 7 a 3 x 2,5 cm;

Grupo 35. Fragmentos de prismas com marcas de lascamento nas extremidades longitudinais. Tamanho de 12 x 6 a 4 x 4 cm;

Grupo 36. Fragmentos de prismas com marcas de lascamento nas extremidades longitudinais e laterais. Tamanho 24,5 x 9 a 5 x 3 cm;

Grupo 37. Fragmentos de prismas com lascamento e/ou totalmente polidos com gume lascado em bisel ou ângulo baixo em uma das extremidades longitudinais. A outra extremidade longitudinal apresenta-se quebrada. Tamanho de 24 x 10 a 6,5 x 2 cm;

Grupo 38. Fragmentos de prismas com gume polido em bisel ou ângulo baixo em uma das extremidades laterais. Tamanho de 9 x 3,5 a 6 x 3 cm;

Grupo 39. Fragmentos de prismas polidos. Tamanho de 8,5 x 5 a 2 x 2 cm;

Grupo 40. Fragmentos de prismas alongados com espessura proporcional à largura e evidências de esmagamento em suas extremidades longitudinais, com marcas de encabamento. Tamanho de 14 x 3 a 5,5 x 3 cm;

Grupo 41. Fragmentos de prismas alongados com espessura proporcional à largura, polidos em suas extremidades, com marcas de encabamento. Tamanho de 14 x 3 a 5,5 x 3 cm;

Grupo 42. Lascas com ou sem córtex, que não apresentam bulbo ou ponto de percussão, cuja face interna apresenta superfície irregular (lascas naturais). Tamanho de 10 x 4,5 a 3 x 2,5 cm.

Depois procurou-se registrar as variedades de desgaste, que nos levariam às funções.

A análise funcional foi realizada buscando-se as evidências de estrias, desgastes, polimento, presença de corantes, observados em lupa binocular com aumento de 25 X. Desse modo podem-se inferir as possíveis funções dos artefatos analisados. Estes, funcionalmente, são: percutores, bigornas, facas, polidores, machados, pesos-de-rede, raspadores.

Percutores

Apresentam, normalmente, como superfície ativa, dois polos longitudinais opostos entre si, caracterizando dessa forma um grupo de percutores (Estampas 20f 20c). Outros grupos são os que apresentam apenas uma extremidade longitudinal ativa (Estampa 20a). Mais três grupos morfológicos somam-se aos mencionados anteriormente. São os percutores circulares com evidências de utilização em toda a área periférica (Estampas 20e, 20g); percutores que, além das duas extremidades longitudinais, apresentam uma terceira superfície ativa lateral mesial; e um artefato, cujas duas superfícies ativas, opostas entre si, estão situadas em posição diagonal em relação ao maior comprimento (Estampa 20b).

As superfícies ativas caracterizam-se predominantemente por uma textura irregular, sujerindo predominantemente a função de lascar.

O encabamento ocorre em algumas peças, caracterizado por pequenos entalhes ou desgastes ou concavidades naturais (Estampa 20d).

Em sua maioria não apresentam restos de corante, à exceção de um percutor com duas superfícies ativas, em cada uma das extremidades longitudinais, com corante vermelho associado (Estampa 20f).

Entre os percutores circulares há uma peça com duas superfícies planas polidas, com posterior lascamento das mesmas, indicando múltipla função (Estampa 20e). Estrias de polimento não foram observadas em lupa binocular. Dentro do aspecto multifuncional alguns percutores apresentam também evidências de utilização como apoio: são os denominados percutores/bigornas (Estampa 20g).

Alguns percutores em prismas de diabásio apresentam-se polidos ou polidos e lascados em sua porção lateral, com evidências de esmagamento em uma das superfícies longitudinais. A superfície ativa se caracteriza por uma textura regular.

Bigornas

São produzidas sobre seixos naturais e prismas de diabásio. Quando sobre seixos, geralmente se caracterizam como percutores/bigornas (Estampa 20g). Quando sobre prismas, apenas como bigornas (Estampas 21k e 21i).

A superfície gerada quando da utilização das bigornas, apresenta formas variadas, indo desde uma superfície com marcas irregulares, passando por superfícies irregulares formando uma depressão pouco profunda, havendo casos em que a superfície apresenta forma de uma depressão côncava com marcas irregulares. Estas variações ocorrem somente em bigornas sobre seixos.

Em todos os artefatos a superfície com marcas irregulares que os caracteriza, apresenta posição central.

As bigornas com cavidade acentuada, na verdade já seriam recipientes (Estampa 22i), pequenos pilões, onde a superfície côncava é polida e não tem marcas irregulares. Um destes exemplos apresenta-se como um artefato multifuncional. Além da concavidade, apresenta evidências de utilização como percutor, em toda a superfície periférica. Esta superfície ativa periférica apresenta evidências de corante negro, sugerindo a utilização na produção ou uso do mesmo (Estampa 22a).

Dentro das concavidades dos ditos recipientes não há evidências de corantes, apenas superfícies polidas.

Um outro artefato apresenta duas destas concavidades polidas, sendo uma mais profunda que a outra (Estampa 21h). Além destas, nas porções laterais, também apresenta dois pares de superfícies côncavas e polidas. Estes pares laterais de superfícies polidas sugerem a formação das mesmas por polimento, insinuando, nestas condições, função de polidores, ao contrário das outras duas que tendem para um pequeno recipiente. Ainda dentro do aspecto multifuncional do artefato, a ocorrência de textura irregular na porção periférica da peça, sugere a função de percutor.

Polidores a alisadores

Apresentam-se em sua maioria quebrados, sendo possível verificar dois tipos de estrias: circulares (Estampa 22b) e retilíneas (Estampa 22d), sendo estas últimas mais raras. Às vezes as superfícies polidas são côncavas. Uma peça apresenta evidências de corante negro.

Há muitos polidores circulares em blocos rochosos nas proximidades do sítio.

Ocorre apenas um alisador-em-canaleta (Estampa 22c).

Lascas unipolares

Apenas uma lasca produzida por percussão direta apresenta retoque e desgaste (Estampa 22e). O retoque é lateral, denticulado, convexo, curto e em ângulo semi-abrupto, caracterizando um raspador lateral denticulado de ângulo alto. O desgaste ocorre em quase toda a extensão do gume.

Óxidos-corantes

As cores comuns são o vermelho, o amarelo e o negro. O vermelho é Fe^{+3}, o amarelo é Fe^{+2}, e o negro possivelmente gordura animal.

A maior parte dos óxidos de ferro, na amostra do sítio, provém de afloramento de canga de ferro (mineralizações supergênicas — laterização — possivelmente associadas a granitos).

As marcas de raspagem são sutis, não se caracterizando por estrias e sim por uma raspagem mais homogênea do tipo alisamento de superfícies, marcado por algumas concavidades.

Outra fonte de corantes vermelhos e amarelos são os basaltos oxidados, onde por associação ao K e Na, formam argilas associadas; isto é, o resultado final é mais uma argila rica em Fe^{+2} e Fe^{+3}. O processo de oxidação é que cria os óxidos de Fe tanto nos basaltos como na formação supergênica. Na formação supergênica o óxido de ferro está associado a uma matriz mais quartzosa, enquanto na oxidação dos basaltos está associado a argilas.

Seixos e prismas com gume em bisel polido e/ou lascado

Estes artefatos são bem caracterizados pela ocorrência de estrias no gume, ou pela ocorrência de desgaste no gume. As estrias, apresentam-se, em relação ao gume, de forma paralela (Estampas 24d, 24e, 24f, 24g, 25c), oblíqua (Estampas 23d, 23e, 23f, 24a, 24b), ou per-

pendicular (Estampas 23a, 23b, 23c, 23g, 23h, 24c, 24h, 25b), havendo um caso onde há ocorrência de estrias cruzadas obliquamente entre si (Estampa 25a). Dessa maneira recuperam-se os movimentos executados quando do manuseio do artefato.

Alguns artefatos apresentam restos de corante vermelho no gume (Estampas 24b, 24c, 25b). Muitos apresentam reativação de gume e posterior utilização, evidenciada pelo desgaste (Estampas 24d, 24g, 25b, 25c, 25e, 25f).

Há um grupo destes artefatos sobre prismas de pequeno comprimento e pequena largura, com gume, que apresentam evidências de utilização, assim como outros mais alongados e estreitos, também com evidências de utilização (Estampas 26f, 26g, 26h, 26i, 26j, 26k, 261).

Um fragmento de gume apresenta evidências de utilização após fragmentação (Estampa 25d).

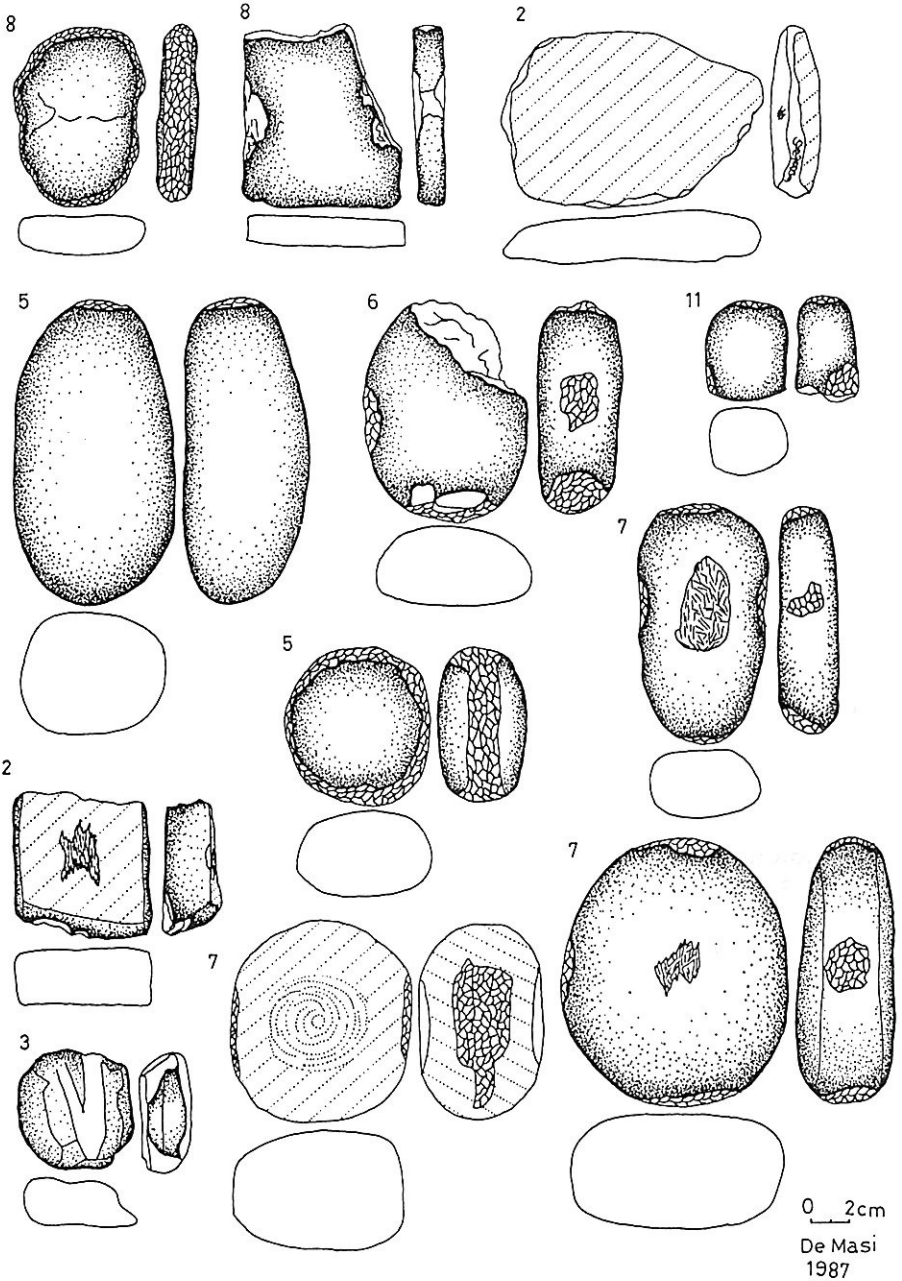
Um grupo de prismas estreitos e longos apresenta estrias de utilização perpendicular em apenas uma face do gume, o qual, por sua vez, apresenta-se às vezes com contorno arredondado (Estampas 26m, 26n).

Existem fragmentos de prismas cujo gume polido é paralelo ao maior comprimento, os quais apresentam estrias paralelas ao gume, sugerindo a função de facas (Estampas 26a, 26b, 26c, 26d). Uma das peças apresenta dois gumes em ambas as porções laterais (Estampa 26e).

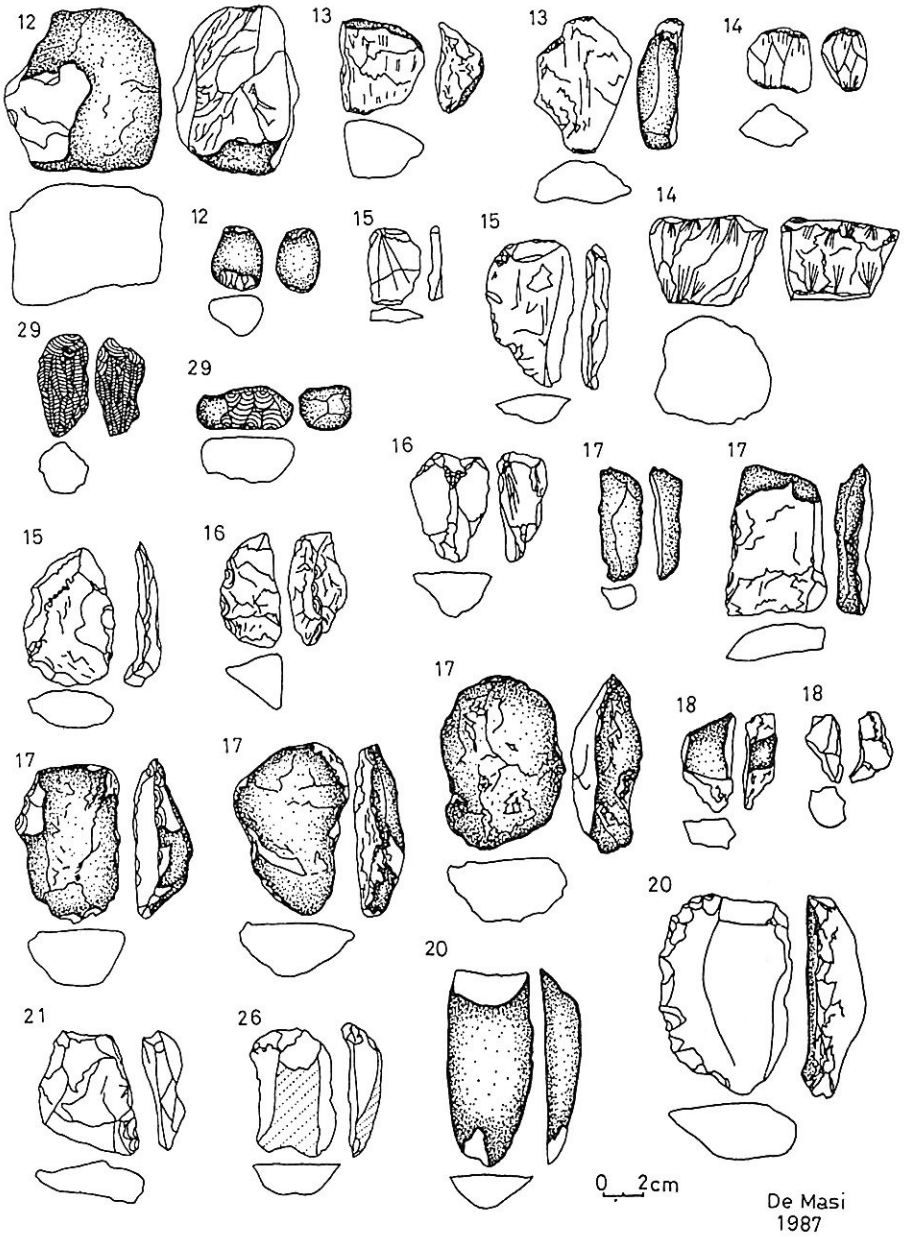
Pesos-de-rede

São caracterizados geralmente como seixos naturais ou mesmo prismas naturais com entalhe paralelo ou perpendicular ao maior comprimento. Sua função está relacionada à atividade de pesca.

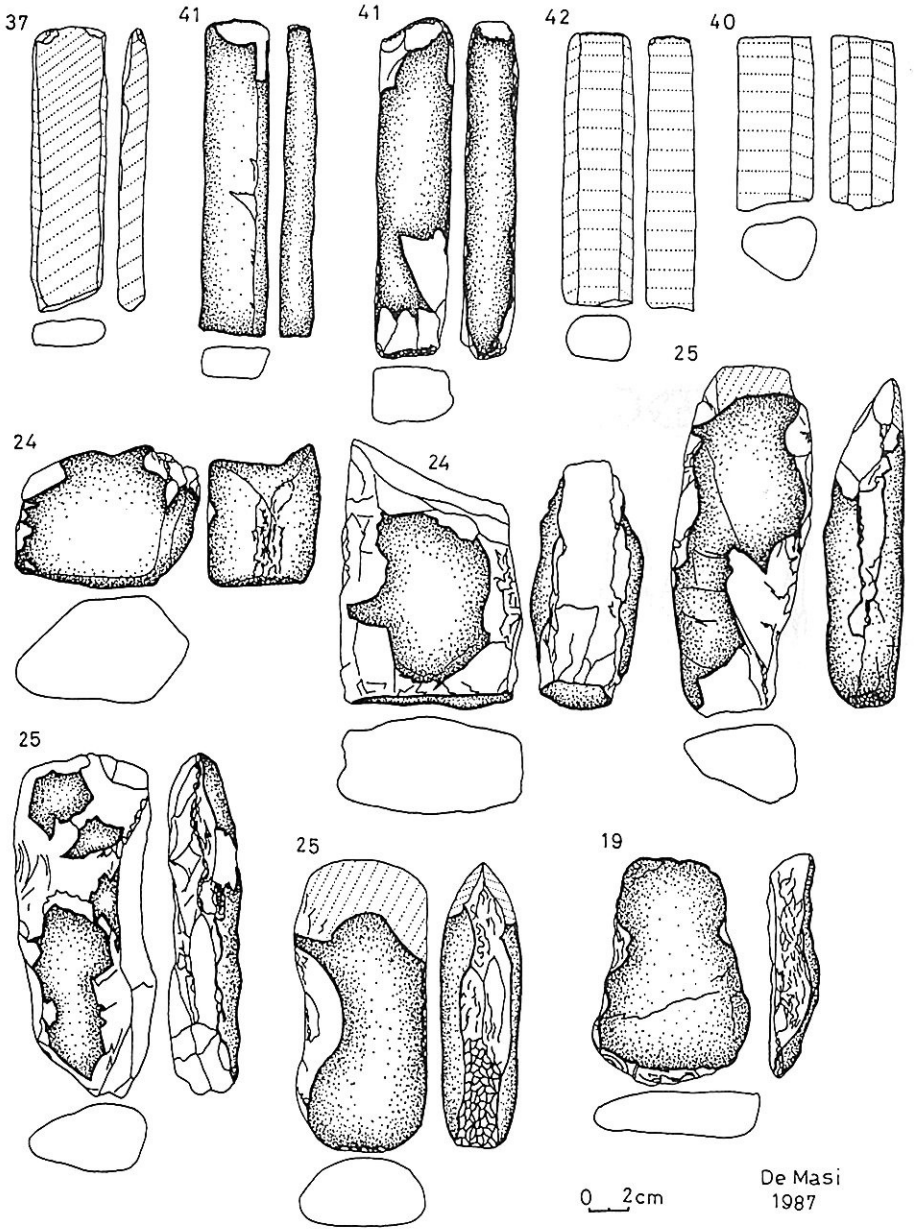
Assim a indústria lítica se caracteriza pela produção de instrumentos com gume, a serem usados encabados, como machados, talhadores e facas, destinados a corte através de golpe ou incisão linear. Os primeiros poderiam ser ligados à derrubada da mata em locais escolhidos ou seriam utilizados para aprovisionamento de madeira e lenha e para a confecção de embarcações e artefatos de madeira em geral; as segundas, para toda sorte de trabalhos relacionados com a função de cortar, raspar ou fender. Da mesma forma, há numerosas espátulas ou goivas com gume perpendicular ao maior comprimento, fabricadas sobre estreitas plaquetas de diabásio, que poderiam ser úteis para abrir moluscos ou destacá-los dos substratos duros nos quais se encontram presos.



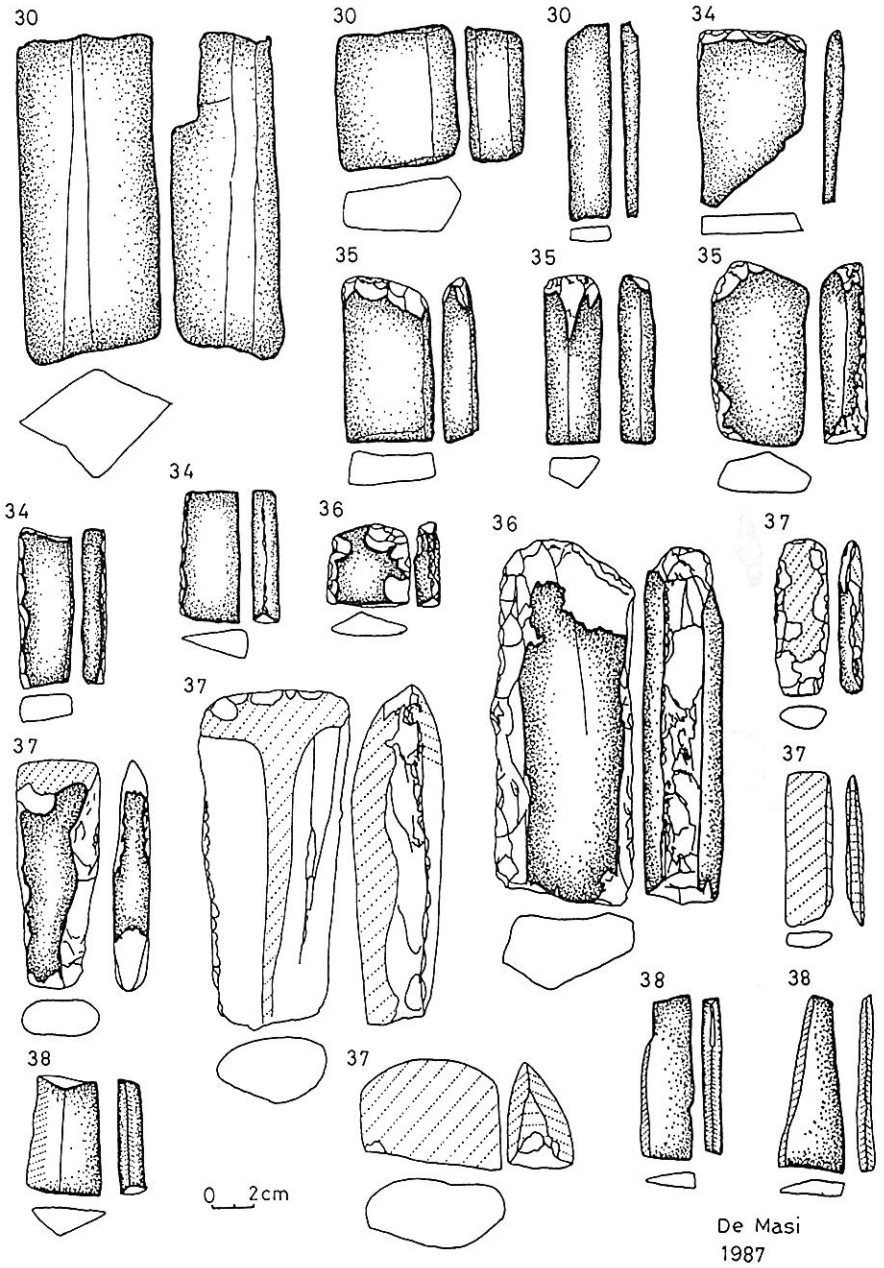
ESTAMPA 15: Material lítico, por grupos.



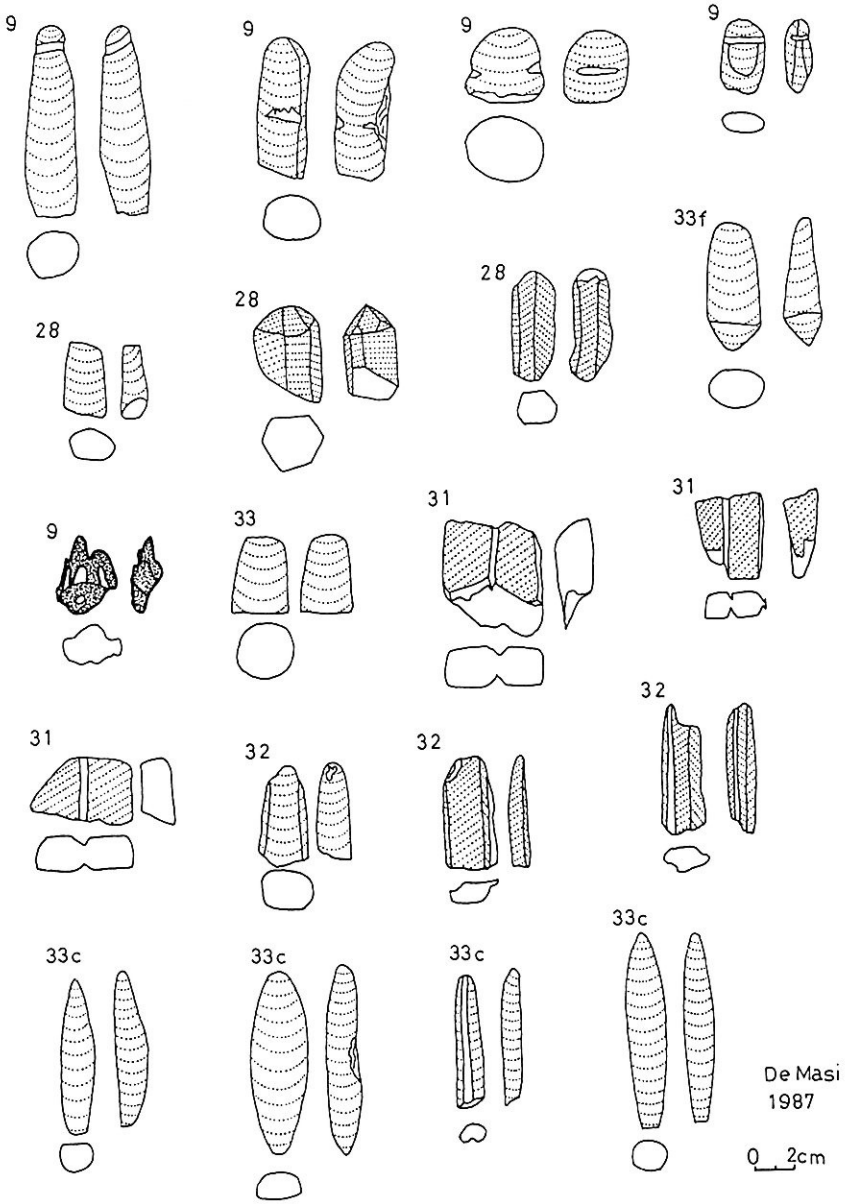
ESTAMPA 16: Material lítico, por grupos.



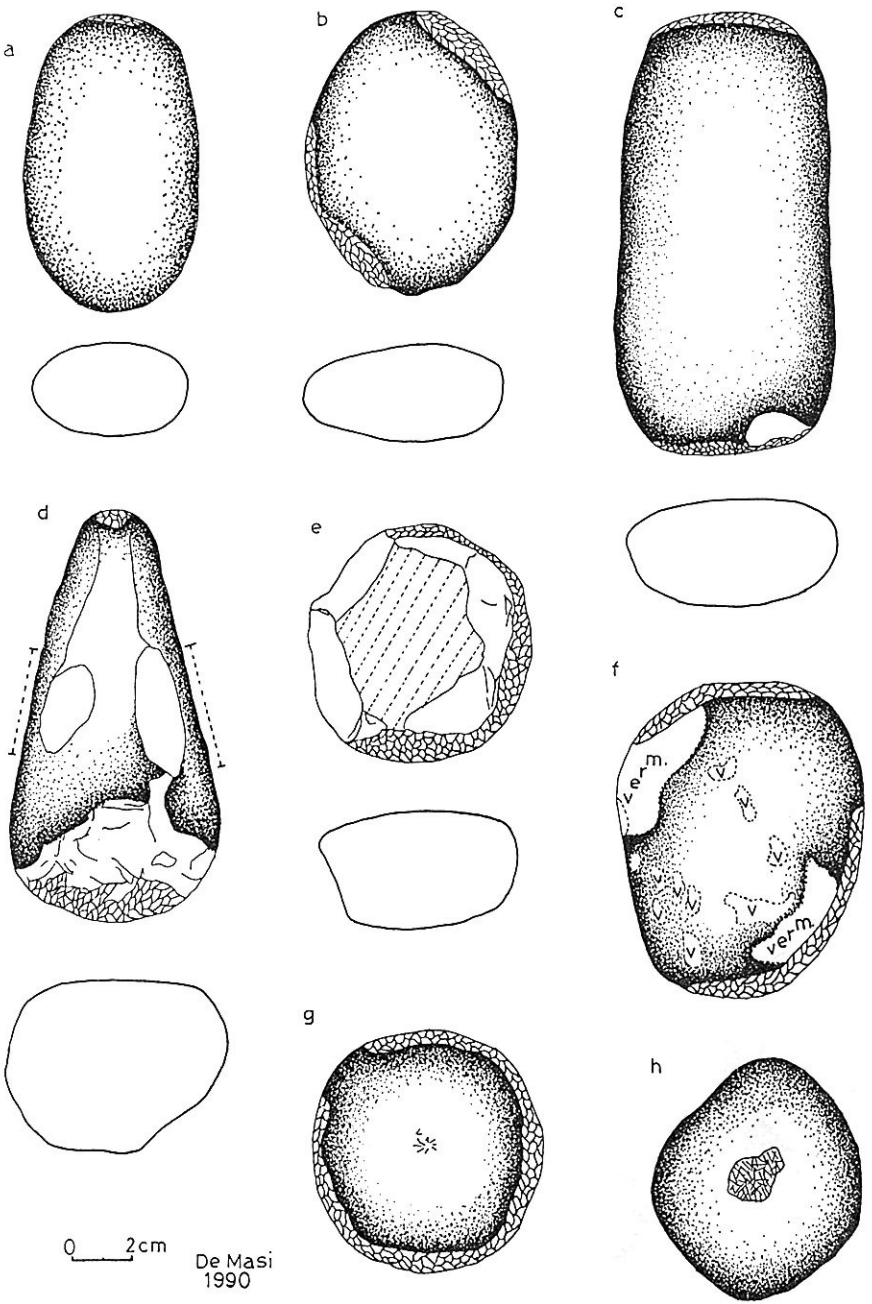
ESTAMPA 17: Material lítico, por grupos.



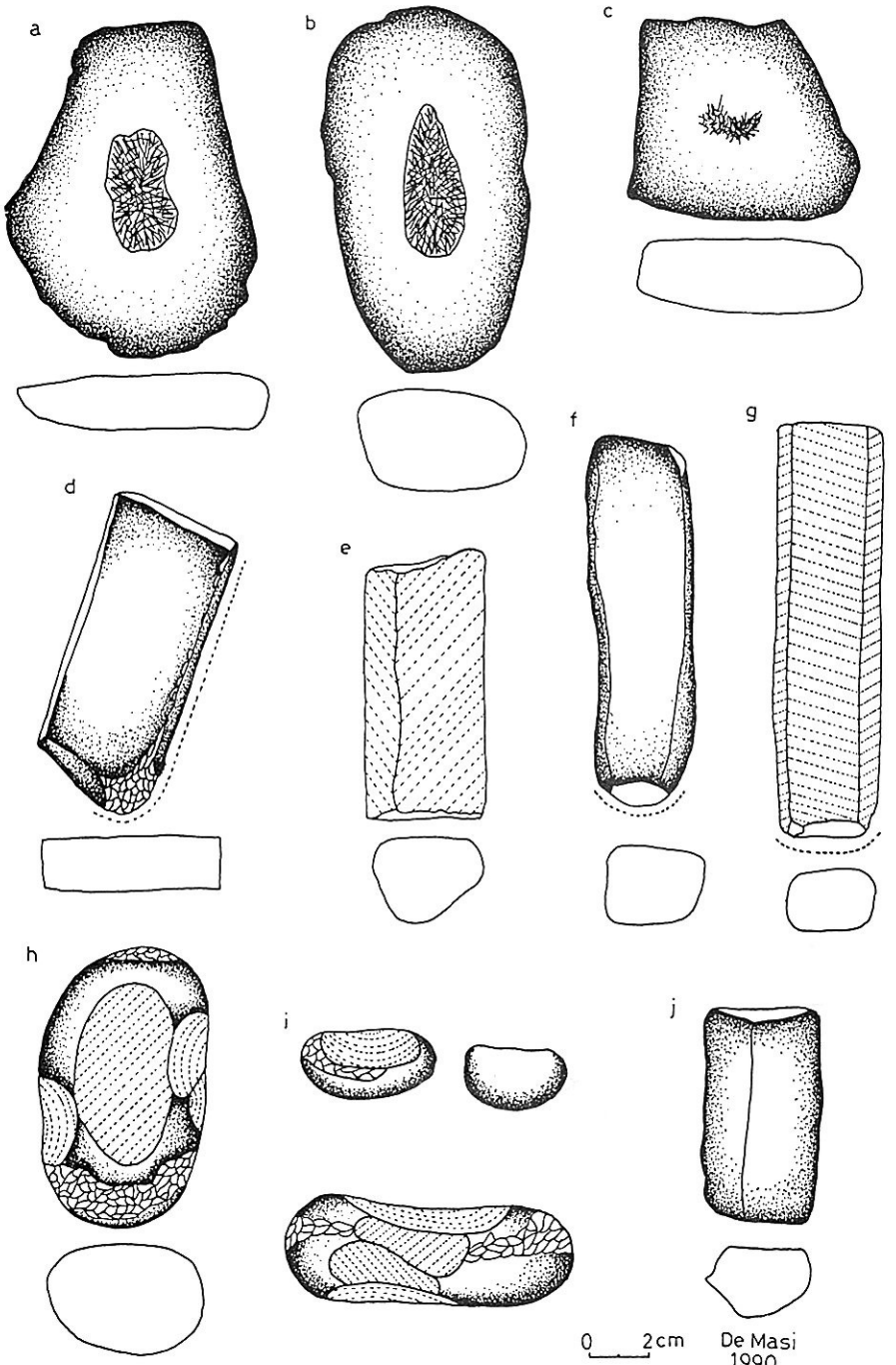
ESTAMPA 18: Material lítico, por grupos.



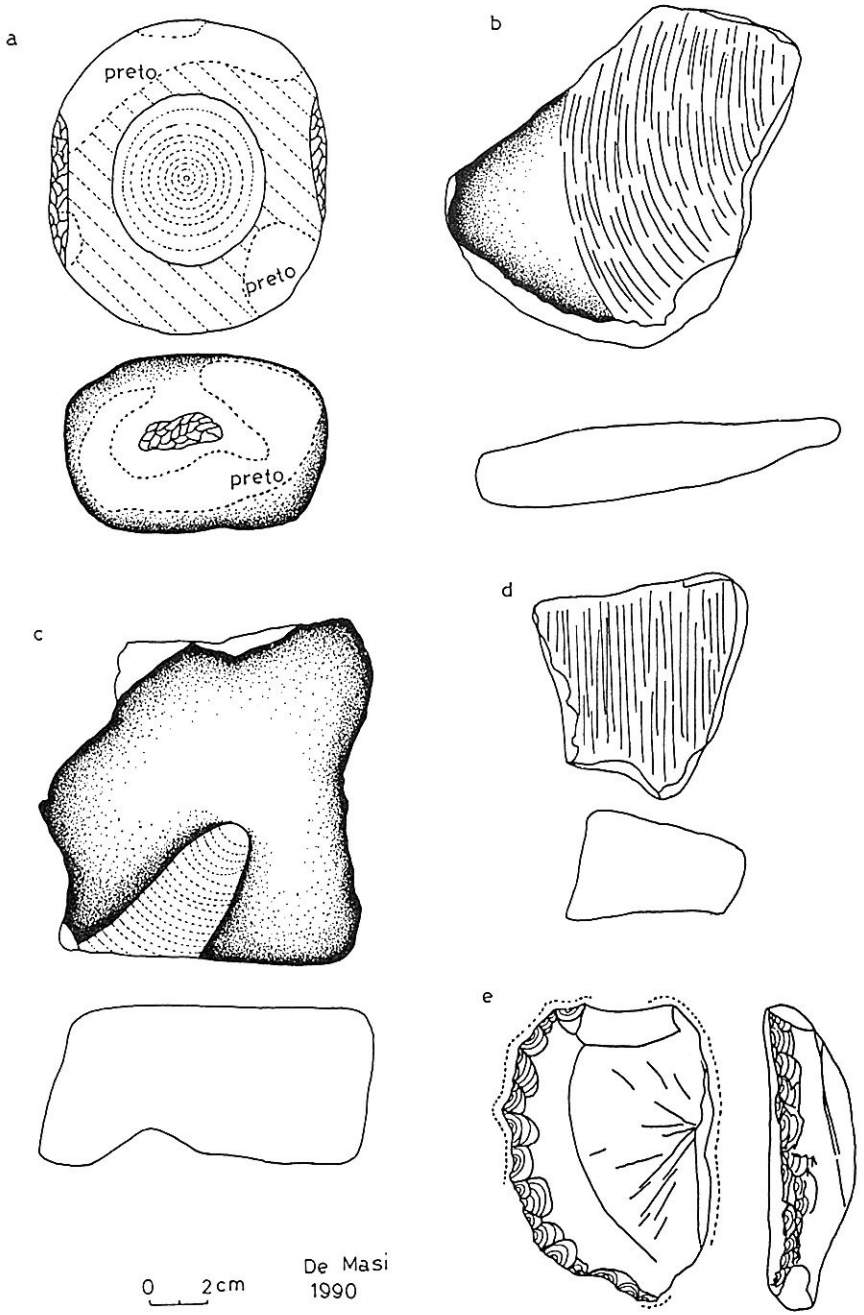
ESTAMPA 19: Material lítico, por grupos.



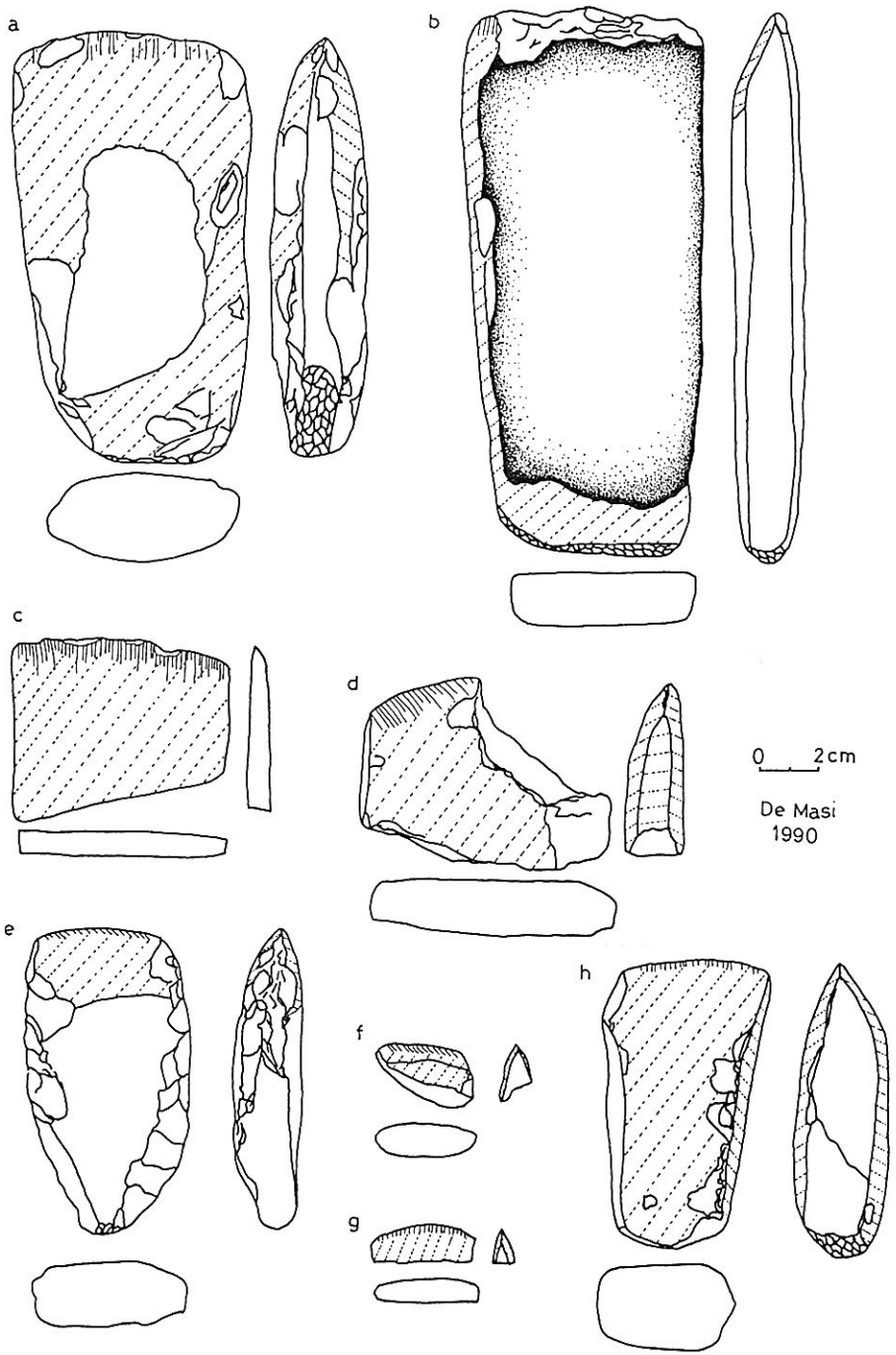
ESTAMPA 20: Material lítico, marcas de uso.



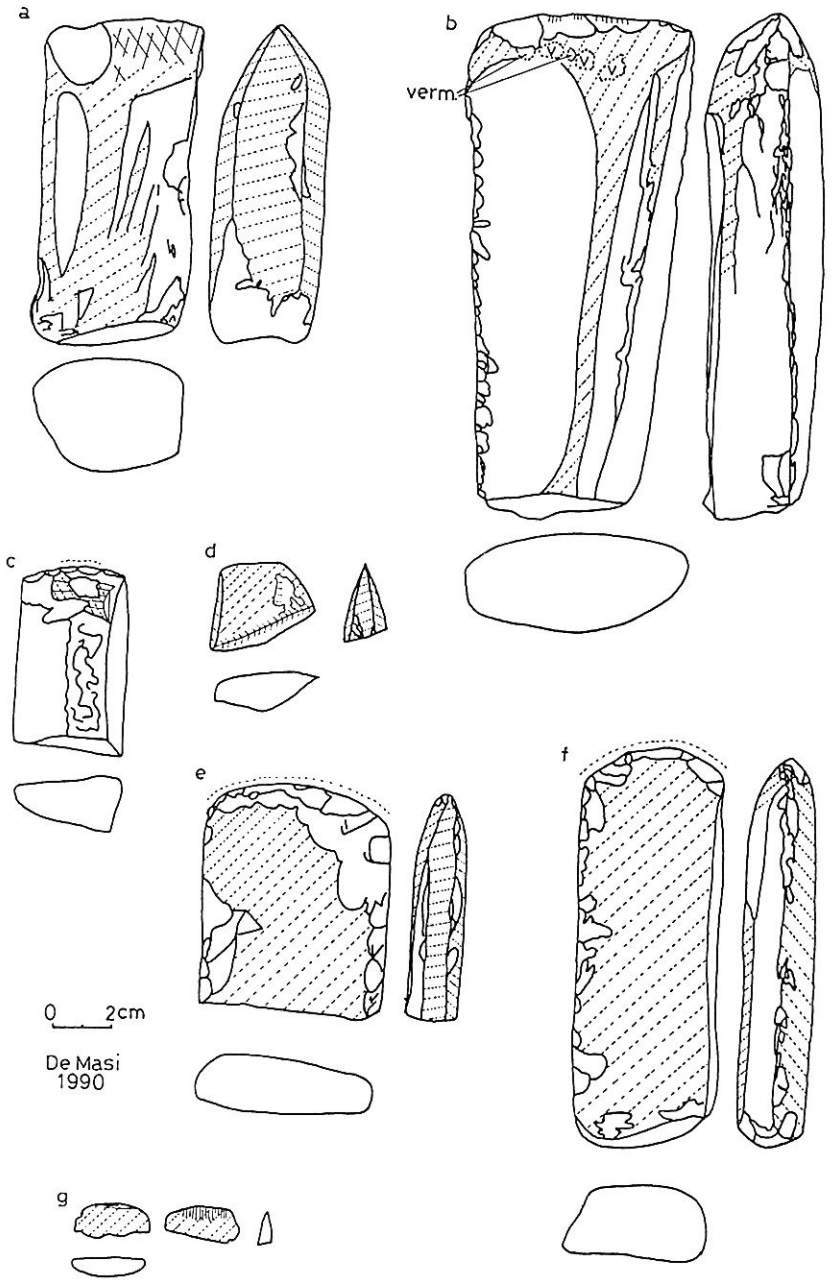
ESTAMPA 21: Material lítico, marcas de uso.



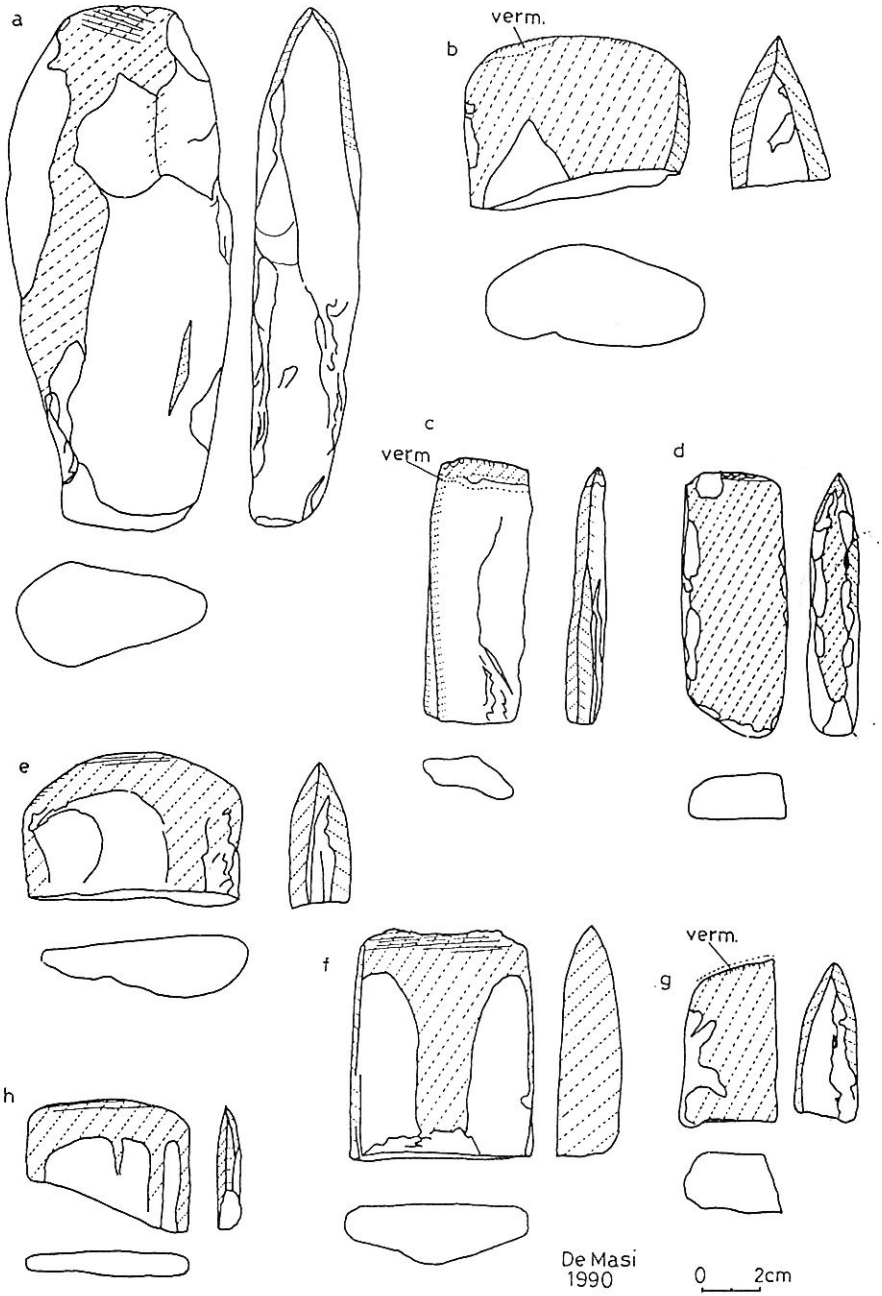
ESTAMPA 22: Material lítico, marcas de uso.



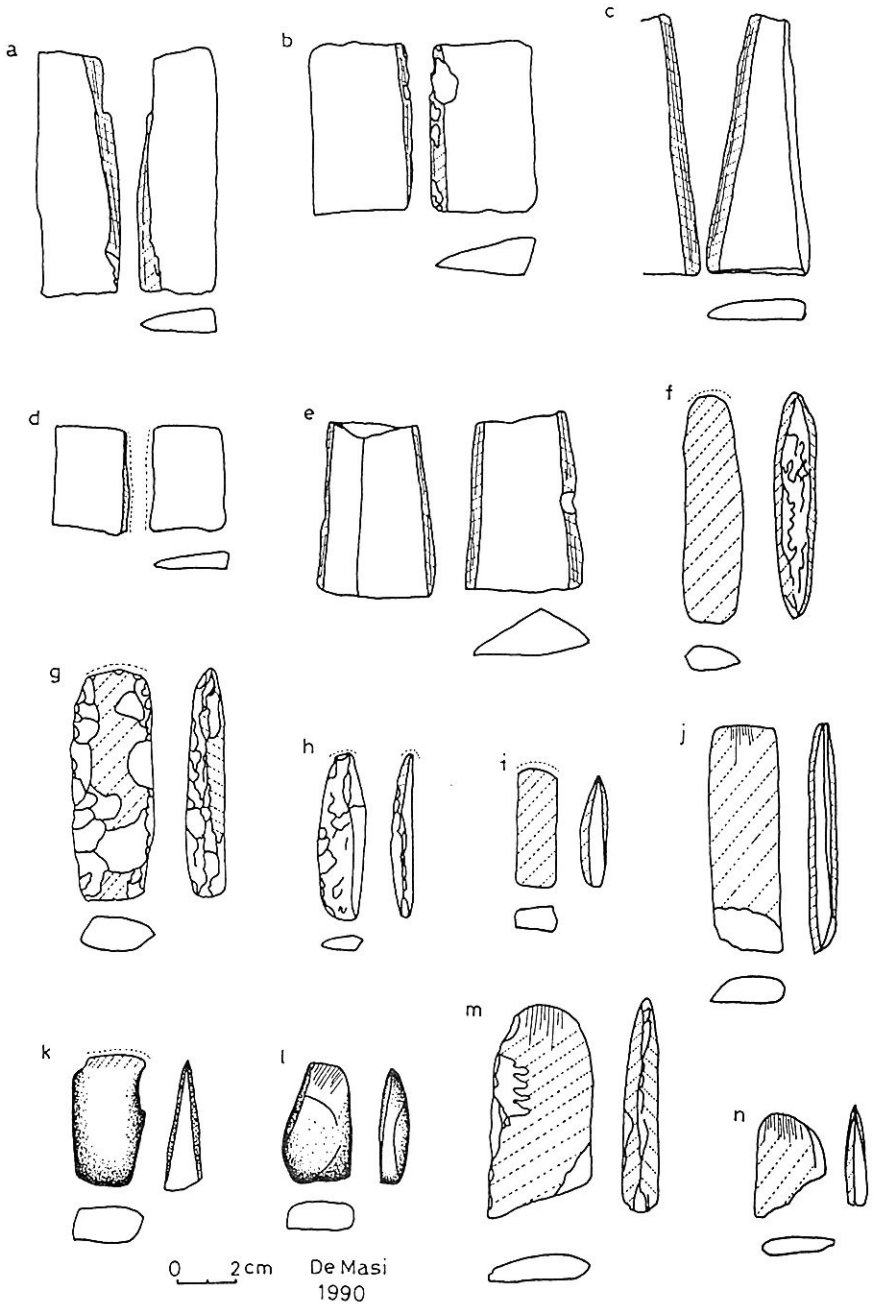
ESTAMPA 23: Material lítico, marcas de uso.



ESTAMPA 24: Material lítico, marcas de uso.

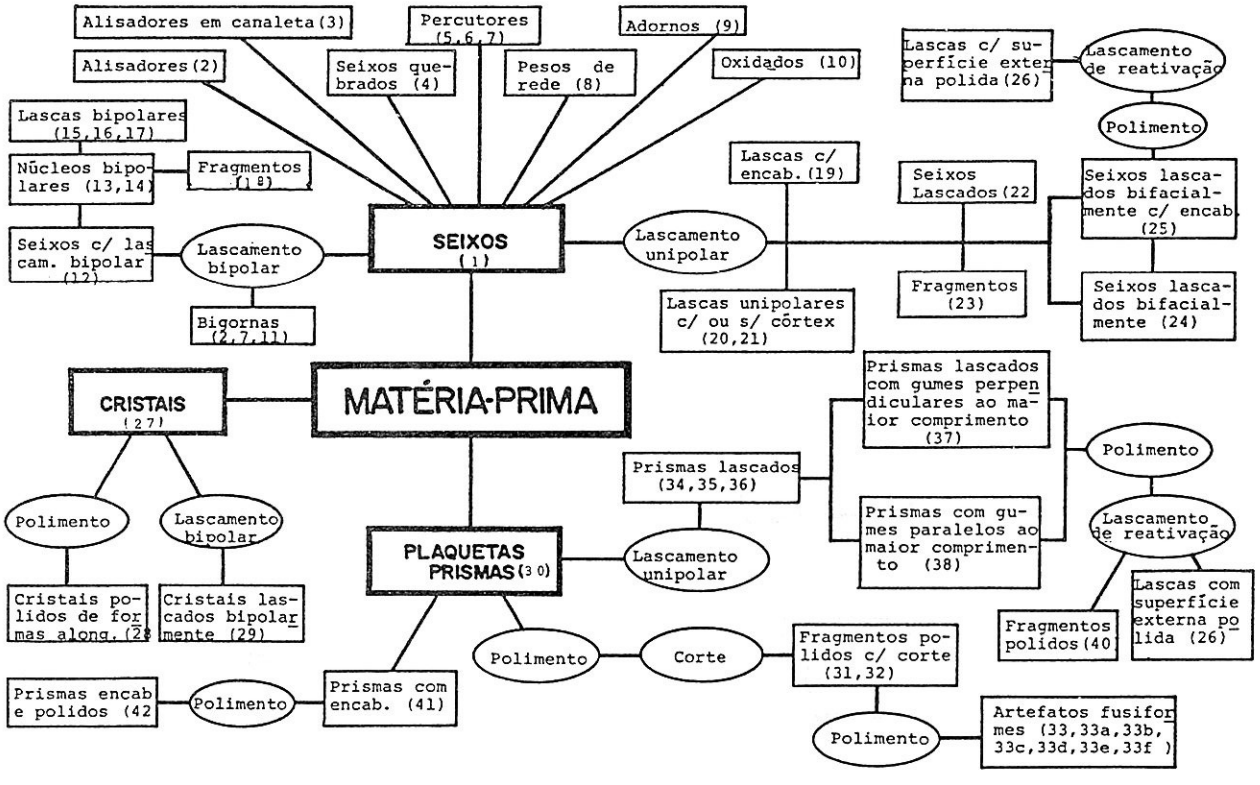


ESTAMPA 25: Material lítico, marcas de uso.



ESTAMPA 26: Material lítico, marcas de uso.

FLUXOGRAMA:


MATÉRIA-PRIMA
SEIXOS (1)
Alisadores em canaleta (3)
Alisadores (2)
Percutores (5,6,7)
Seixos quebrados (4)
Pesos de rede (8)
Adornos (9)
Oxidados (10)
Lascas bipolares (15,16,17)
Núcleos bipolares (13,14)
Fragmentos (18)
Seixos c/ lascam. bipolar (12)
Lascamento bipolar
Bigornas (2,7,11)
Lascas c/ encab. (19)
Lascamento unipolar
Lascas unipolares c/ ou s/ córtex (20,21)
Seixos Lascados (22
Fragmentos (23)
Seixos lascados bifacialmente c/ encab. (25)
Seixos lascados bifacialmente (24)
Lascas c/ superfície externa polida (26)
Lascamento de reativação
Polimento
CRISTAIS (27)
Polimento
Lascamento bipolar
Cristais polidos de formas along. (28)
Cristais lascados bipolarmente (29)
PLAQUETAS PRISMAS (30)
Lascamento unipolar
Prismas lascados (34,35,36)
Prismas lascados com gumes perpendiculares ao maior comprimento (37)
Prismas com gumes paralelos ao maior comprimento (38)
Polimento
Lascamento de reativação
Lascas com superfície externa polida (26)
Fragmentos polidos (40
Polimento
Corte
Fragmentos polidos c/ corte (31,32)
Polimento
Artefatos fusiformes (33,33a,33b, 33c,33d,33e,33f)
Prismas com encab. (41)
Polimento
Prismas encab e polidos (42

QUADRO 4

GRUPOS DE ARTEFATOS LÍTICOS E MATÉRIA-PRIMA

Agrupamentos / Matéria-prima / Utilização	DIABÁSIO					GRANITÓIDES					SÍLICA MICROCRIS.					QUARTZO LEITOSO					CRISTAL DE QUARTZO					XISTOS					HADEIRA SILICIFICADA					ZEOLITA					TOTAL
	s/desgaste	c/desgaste	c/preparação	com encab. semipolido	com encab. lascado	s/desgaste	c/desgaste	c/preparação	com encab. semipolido	com encab. lascado	s/desgaste	c/desgaste	c/preparação	com encab. semipolido	com encab. lascado	s/desgaste	c/desgaste	c/preparação	com encab. semipolido	com encab. lascado	s/desgaste	c/desgaste	c/preparação	com encab. semipolido	com encab. lascado	s/desgaste	c/desgaste	c/preparação	com encab. semipolido	com encab. lascado	s/desgaste	c/desgaste	c/preparação	com encab. semipolido	com encab. lascado	s/desgaste	c/desgaste	c/preparação	com encab. semipolido	com encab. lascado	
1	73					11										56																									140
2	358																																								358
3	3																																								3
4	5																																								5
5	56					22																																			78
6	33																																								33
7	16					28																																			44
8	6					4																																			10
9	4																																								4
10	420																																								420
11	94																																								94
12																10																									10
13																7																									7
14																109																									109
15																325		1																							326
16																69		1																							70
17																156		6																							162
18																94																									94
19	3					4																																			7
20	747		1			34					11																														793
21	254																																								254
22	12															3																									15
23	91					11					3																														105
24	5	1																																							6
26	75																																								6
27																					6																				75
28																9																									6
29																					3																				9
30	165																																								3
31	2																									2															165
32	9																									3															4
33	1																																								12
33a	1																																								1
33b	4																																								1
33c	3					2																																			4
33d	23																									1															6
33e	5																									69															92
33f	6										1					1															1										6
34	61																																				3				11
35	33																																								61
36				63																																					33
37				335																																					63
38				3																																					335
39	74					1																				1															3
40	131																																								76
41	6					1																																			131
42	3																																								7
TOTAL	2790	1	1	403	2	122			1		15					839		8			9					76					1					3					3
% de Matéria-prima utilizada	3.197 74,6%					123 2,9%					15 0,3%					847 20%					9 0,2%					76 1,8%					1 0,02%					3 0,08%					4271 100%

A função dos alisadores em canaletas ou alisadores estaria ligada ao fabrico das numerosas e diversificadas pontas de projétil em osso, descritas mais adiante, ou para a confecção de prováveis instrumentos em madeira, concha e pedra.

A categoria de artefatos que envolvem percutores, bigornas e fragmentos com ponto de percussão estaria ligada às funções de percutir e apoiar golpes para quebrar, amassar, esfarelar, esmagar. Há, nesta categoria, instrumentos com dupla função.

Os artefatos fusiformes teriam função eminentemente como adorno, de uso individual. Sua presença pode indicar continuidade, na área, de antigas populações pré-cerâmicas que se teriam modernizado com a introdução da cerâmica.

Como se trata de um sítio com dois (ou mesmo três) componentes, que estão misturados nas camadas arqueológicas, é muito difícil separar o que pertenceria a um ou a outro componente, com algumas exceções: os artefatos fusiformes certamente pertencem ao grupo da Tradição Itararé; os alisadores em canaleta provavelmente ao da Tradição Tupiguarani. Os sítios usados para comparação também não resolvem o problema por não haver uma descrição detalhada do material e, mesmo se houvesse, talvez não fosse suficiente para isso.

5.2. O MATERIAL DE OUTROS SÍTIOS DA TRADIÇÃO ITARARÉ

As comparações aqui estabelecidas são de caráter geral, objetivando apenas traçar um panorama amplo do material lítico encontrado em alguns sítios litorâneos de Santa Catarina, ligados à Tradição Itararé.

Trabalhos futuros deverão descer a maiores detalhes, especialmente no que se refere às comparações relacionadas com as lâminas de machado, artefatos não exclusivos da Tradição Itararé e bastante parecidos às do Tupiguarani.

Da mesma forma, no que diz respeito aos artefatos fusiformes, as comparações exigem um detalhamento bastante maior na tentativa de estabelecer as diferenças internas e/ou regionais, que poderiam dar a conhecer identidades mais ou menos específicas para sítios ou grupos de sítios cerâmicos, bem como as diferenças existentes entre os artefatos fusiformes ligados a assentamentos pré-cerâmicos e aqueles referentes a sítios com cerâmica.

Objetivou-se um caminho bem mais modesto, que era visualizar as semelhanças mais aparentes, sem grandes detalhes, para estabelecer um panorama geral do material lítico dos sítios que seguem abaixo comentados.

Os artefatos líticos mais característicos recuperados no Sítio da Base Aérea são as lâminas de machado, que podem ser simplesmente lascadas, eventualmente com o gume e algumas arestas alisadas, ou quase totalmente polidas. Ocorrem, ainda, ''quebra-cocos'', percutores/bigorna, percutores, alisadores, lascas, seixos e artefatos fusiformes (SCHMITZ, 1988: 115).

No Sítio do Rio Lessa, a matéria-prima mais utilizada foi o diabásio. Alguns artefatos foram confeccionados em quartzo e granito. Na categoria de artefatos polidos e semipolidos, aparecem as lâminas de machado, os artefatos fusiformes (de secção triangular ou ovalada) e plaquetas retangulares. Na de artefatos lascados, tem-se resíduos de lascamento e instrumentos destinados a cortar, fender, talhar, raspar e furar. Os artefatos não modificados foram utilizados para moer, afiar, alisar, bater, cortar, raspar e lastrar (SCHMITZ, 1988: 112; BECK, 1972: 174-85).

Os artefatos líticos mais característicos do Sítio da Praia das Laranjeiras são as lâminas de machado ou talhadores com dispositivo para acabamento. São confeccionadas sobre seixos de basalto lascados e geralmente com o gume e as arestas mais salientes polidos. Rohr (1984: 32) se pergunta se algumas destas lâminas poderiam ter sido utilizadas como abridores de conchas. Além de refugos de lascamento (lascas, algumas trabalhadas, retocadas ou polidas), aparecem seixos facetados por raspagem, seixos com dispositivos de encabamento para uso como talhadores ou esmagadores, percutores (discoidais, globulares e elipsoidais), percutores/bigorna, pesos de rede, alisadores e artefatos fusiformes. Registra-se, ainda, a presença de matéria corante (SCHMITZ, 1988: 110).

Nos sambaquis do Rio Pinheiros nº 8 e do Forte Marechal Luz, no norte de Santa Catarina, ocorrem indícios de corante vermelho. No primeiro, foi registrada a presença de lâminas polidas de machado (SCHMITZ, 1988: 105).

O Sambaqui de Enseada I revelou duas ocupações distintas. Os instrumentos líticos estão quase ausentes. Os materiais polidos e semipolidos são constituídos por lâminas de machado, pesos, facas e plaquetas. Ocorreram poucas lascas e nenhum instrumento lascado. Os instrumentos mais abundantes são aqueles que utilizaram materiais sem modificação, tendo sido usados para bater, apoiar e alisar. Registraram-se

grande quantidade de pedras quebradas pelo fogo (SCHMITZ, 1988: 107; BECK, 209-11).

Sobressai, à primeira vista, a grande quantidade de lâminas de machados polidas, semipolidas ou lascadas, além dos percutores e apoios de percussão e polidores, presentes em quase todos os sítios litorâneos comparados.

Por outro lado, igualmente os fusiformes apresentam-se como artefatos típicos do conjunto de sítios, indicando uma proximidade cultural entre as populações ceramistas destes assentamentos.

A semelhança com os sítios pré-cerâmicos do litoral de Santa Catarina é menor. Artefatos semelhantes entre as ocupações ceramistas e as pré-cerâmicas indicam a possibilidade de um desenvolvimento não totalmente interrompido, cujo detalhe ainda nos escapa.

6. O MATERIAL PRODUZIDO A PARTIR DE OSSO E CONCHA

6.1. O MATERIAL DO SÍTIO (Ver estampas 27-30)

A indústria sobre osso, dente e concha do Sítio da Praia da Tapera é diversificada e abundante. Segundo Rohr (trabalho preparatório de publicação) teriam sido coletadas 3.502 peças, entre inteiras, quebradas e fragmentadas, que sofreram alguma alteração intencional pelo homem para a sua confecção.

Em ossos, os artefatos mais característicos e abundantes são as pontas de projétil, feitas em fragmentos de ossos longos de aves ou mamíferos, ou em acúleos e esporões de peixes.

São peças leves, de menos de 10 cm de comprimento, produzidas a partir de ossos partidos ao comprido, apontados numa ou em ambas as extremidades, ou a partir de acúleos e esporões correspondentemente adaptados. Que se trata, ao menos em sua maior parte, de pontas que armavam projéteis se deduz daquelas pontas que se acham cravadas em vértebras humanas, na coleção do Museu. Podiam ser usadas na caça de animais terrestres e marinhos e eram usadas também contra homens. Entre as populações que habitaram o Sítio da Praia da Tapera não era uso armar os projéteis com pontas de pedra lascada.

Para separar as pontas usamos como critério básico o modo de preensão da parte óssea na haste. Ela pode ser feita paralelamente à li-

nha da haste, quer embutida dentro dela, quer recebendo a haste no canal medular, quer sendo presa no lado externo. Assim temos pontas que têm uma extremidade de preensão e uma extremidade ativa, perfurante. — Ou ela pode ser presa à haste obliquamente, de modo que a parte média da ponta óssea seja a parte de preensão e as duas pontas sejam ativas: uma para penetrar na carne, a outra para reter nela o projétil.

No primeiro caso, quando a armadura é paralela à haste, ou sua continuação, podemos separar ao menos duas grandes morfologias da parte de preensão:

1. Pontas com pedúnculo destacado do limbo por um ombro; os bordos do pedúnculo costumam ser paralelos e o limbo largo. O perfil transversal da ponta é predominantemente simétrico. As peças são produzidas em fragmentos de osso longo de mamífero e modeladas por abrasão. O tamanho total, nas cinco peças mais ou menos completas recuperadas, não excede os 60 mm. Dos exemplares recuperados só um está com o pedúnculo inteiro; nos outros exemplares os pedúnculos estão quebrados, mostrando onde, possivelmente, estão os seus pontos frágeis.

Pontas desse tipo aparecem na Tapera e em outros sítios da tradição Itararé do Programa.

2. Pontas com pedúnculo pouco ou nada destacado do limbo, formando antes uma continuidade com o mesmo, estreitando suavemente em direção à extremidade passiva, ou mantendo paralelos os bordos da extremidade de preensão. O perfil transversal da ponta é predominantemente simétrico. É possível separar algumas formas:

2.1. Pontas com a extremidade proximal obtusa, os bordos aproximadamente paralelos ou convexos e a parte distal apontada simétrica, ou assimétrica. Quando largas, são feitas de fragmentos de osso longo de mamífero; quando estreitas, são feitas de fragmentos de ossos longos de aves, às vezes de mamíferos; em ambos os casos são modelados por abrasão, podendo ser longas ou curtas e apresentar pequenas variações de formas (32 exemplares). Uma forma muito comum é a utilização do esporão de arraia, com ou sem maiores modificações, servindo a parte não-serrilhada para o encaixe na haste e a parte denteada como elemento ativo (53 exemplares, sendo 4 com bordos serrilhados, 49 sem serrilha). Em lugar do esporão de arraia também se pode usar o acúleo de certos peixes (15 exemplares), especialmente o bagre, utilizando-o serrilhado ou liso.

Essa forma ocorre em todos os sítios Itararé e pré-cerâmicos do Programa.

2.2. Pontas com a parte proximal longa, estreita e um pouco apontada e a distal mais curta e larga (2 exemplares). Costumam ser feitas em fragmentos de osso longo de mamíferos.

Uma de suas formas, a mais longa, ocorre nos outros dois sítios da tradição Itararé do Programa, uma mais curta no sítio pré-cerâmico da Armação do Sul.

No segundo caso, de pontas presas obliquamente à haste, e com duas extremidades ativas, distinguimos, para fins de comparação entre os sítios, pontas grandes (com 8 cm ou mais), médias (com 4 cm ou mais), pequenas (menores que 4 cm). Elas costumam estar feitas em fragmentos de osso longo de ave, com exceção das maiores, geralmente produzidas sobre fragmento de osso longo de mamífero. Na Tapera há 4 grandes, 71 médias, 19 pequenas.

Pontas semelhantes existem em outros sítios da tradição Itararé e pré-cerâmicos, mas a proporção entre as pontas grandes, médias e pequenas não é constante.

Fragmentos e pontas quebradas das espécies simples e duplas, feitas geralmente sobre fragmentos de osso longo de ave, há, na Tapera, mais 515. Esta grande quantidade de pontas quebradas pode ser atribuída ao uso das mesmas, podendo elas quebrar com o impacto ou com a retirada da carne do animal abatido. Algumas vezes a ponta poderia ter realmente este tamanho e ter originalmente uma das extremidades quebrada.

Só num outro sítio Itararé do Programa, que é o da Praia das Laranjeiras, há um conjunto grande de pontas quebradas (32 exemplares).

Existe ainda uma série de fragmentos longitudinais de ossos longos de ave, que têm uma das pontas pedunculada, com os bordos do pequeno pedúnculo côncavos e a extremidade do mesmo rombuda. Pensamos inicialmente que poderiam ser pedúnculos de uma ponta simples, mas não temos mais essa convicção porque, embora os bordos longitudinais tenham sido trabalhados, a outra extremidade geralmente não o foi, mas simplesmente quebrada. Na Tapera são 17 exemplares.

Também aparece em outros sítios Itararé e pré-cerâmicos do Programa.

Ocorrem ainda ossos longos de aves ou mamíferos, serrados, batidos, furados e fragmentados polidos; diáfises serradas em duas extremidades, com furo (1 exemplar) ou sulco circular (1 exemplar) numa dessas

extremidades; fragmentos longos regularizados e alisados, com formato de agulha perfurados (2 exemplares) ou não na extremidade menos aguaçada (4 exemplares); um osso de mamífero teria sido preparado como artefato fusiforme, semelhante a uma variedade rara em pedra.

Há ossos perfurados em partes aproximadamente centrais das faces e que dificilmente poderiam ser considerados adornos: um disco intervertebral com dois furos, uma placa de quelônio com um furo, um osso de baleia gastado e furado, o qual poderia ser um suporte para atividades não identificadas.

Em outros sítios do litoral há materiais semelhantes.

Mais comuns são os dentes furados, ou adaptados junto à raíz para preensão; alguns poderiam compor colares ou servir de pingentes e outros ser engastados em cabos e formar instrumentos compostos.

Os dentes de mamíferos mais comuns são os de jaguatirica (12 dentes perfurados), de onça (2 perfurados), de Felis sp (1 perfurado), de didelfídeo (1 perfurado), de bugio (1 perfurado), de porco-do-mato-queixada (1 perfurado), de Otaridae (3 perfurados, 1 com incisão circular, 1 com rebaixamento em lados opostos da raíz). Também há três dentes de mamíferos marinhos, dos quais se retirou parte da raíz.

Dentes trabalhados dessa forma não são comuns nos outros sítios do Programa.

Mais comuns são dentes de peixes com duas perfuraçoes junto à raíz, às vezes também com outras modificações e cortes e inclusive queima pelo fogo: De *carcharodon carcharias*(?), 42 exemplares com duas perfurações, 9 exemplares desgastados ou calcinados, 10 exemplares com marcas. De *Galeocerdo cuvier*, 7 com duas perfurações, 5 desgastados, 5 com pequenas marcas e cortes. De *Prionace glauca*, 3 com duas perfurações, 14 desgastados, 3 calcinados. De *Odontaspis taurus*(?), 19 com duas perfurações, 54 desgastados ou com corte, 25 calcinados.

Há muitas diferenças para os outros sítios trabalhados no Programa.

Dentes caninos de *Tayassu pecari* com cortes ou marcas de desgaste apareceram 12. Poderiam ser usados em funções de raspar, alisar ou igualar.

Aparecem em alguns outros sítios do Programa, mas poucos.

A maior parte desses dentes foi encontrada dispersa no meio das camadas arqueológicas, mas às vezes estavam associados a sepultamentos, como 12 dentes de *Carcharodon carcharias*(?), que estavam junto ao

sepultamento 134, formando aparentemente um colar; um dente junto ao sepultamento 109; na maior parte deles, uma, às vezes as duas perfurações estavam abertas, quebradas em conseqüência do uso.

Vértebras de peixe com perfuração aparecem abundantemente nas camadas arqueológicas ou associadas a sepultamentos; como, entretanto, não é fácil separar as vértebras realmente perfuradas pelo homem daquelas que o são naturalmente, ou cujas partes centrais se deterioraram com o tempo, este número tem de ser usado com reservas.

Se os ossos eram usados tanto para fins utilitários como ornamentais, as conchas o eram mais como adorno. Assim foram recuperadas 698 conchas perfuradas de gastrópodes e 98 discos perfurados de ***Mitella guyanensis***. Cinco conchas de ***Crassostrea rhizophorae*** apresentam perfuração e de duas outras foram feitas pontas simples. A maior parte delas acompanhavam sepultamentos e se constituiam em colares.

A matéria-prima para a produção desses artefatos deveria ser abundante, como subproduto do abastecimento alimentar variado. O uso para uma função ou outra estava ligado às qualidades nela reconhecidas.

Rohr identificou vinte e quatro grupos de artefatos morfológica e funcionalmente diferentes entre si, sendo quatorze sobre ossos, seis sobre dentes e quatro sobre conchas.

Quando o material guardado no Museu foi retomado para esta monografia e reclassificado por Mônica Lacroix Wacker, Maria Eloisa Maciel de Almeida e Pedro Ignácio Schmitz, nem sempre houve coincidência na classificação e número de peças encontradas, como se pode ver imediatamente quando se compara a classificação precedente com a que segue. Na reclassificação buscamos apoio naquela feita por Tereza Domitila Fossari (1985), mas ela era insuficiente para nossos objetivos.

Tomando em consideração que, para a distribuição espacial dos materiais, tornou-se obrigatório basear-se nas anotações do diário de campo, uma vez que as peças recolhidas ao museu às vezes têm indicação deficiente, reproduziu-se a classificação feita por Rohr, usada nos estudos preparatórios deste sítio e nos publicados de outros (Praia das Laranjeiras e Pântano do Sul). No trabalho intitulado Terminologia Queratosseodontomalacológica, Rohr (1977b) faz uma descrição dos tipos de artefatos, cuja denominação é aqui usada.

A) Material ósseo

Grupo 1 — Pontas de projétil (1.284 peças). Ossos longos seccionados e apontados em uma ou duas extremidades.

1.1. Pontas simples (229 peças). Aguçadas numa extremidade.

1.1.1. em ossos de aves (74 peças).

1.1.2. em ossos de mamíferos (52 peças).

1.1.3. em esporão de arraia ou acúleo de peixe (103 peças).

1.2. Pontas duplas (837 peças). Aguçadas nas duas extremidades.

1.2.1. em ossos de aves (822 peças).
— inteiras (178 peças)
— quebradas (194 peças)
— fragmentos (450 peças)

1.2.2. em ossos de mamíferos (15 peças).
— inteiras (14 peças)
— fragmentos (1 peça)

1.3. Pontas grosseiras lascadas (matéria-prima em preparo?) em osso de mamífero (218 peças).

Grupo 2 — Furadores (18 peças).

2.1. em osso de ave, simples (1 peça).

2.2. em osso de ave, dupla (2 peças).

2.3. em nadadeiras de peixe (15 peças).

Grupo 3 — Agulhas (9 peças).

3.1. inteiras (5 peças).

3.2. fragmentos (4 peças).

Grupo 4 — Plaquetas seccionadas (3 peças).

4.1. de ave, simples (1 peça).

4.2. de mamífero, dupla (2 peças).

Grupo 5 — Artefatos fusiformes em osso (1 peça).

Grupo 6 — Pingentes em osso de mamífero (1 peça).

Grupo 7 — Facas em osso de mamífero (2 peças).

Grupo 8 — Batedores (?) em osso de mamífero (1 peça).

Grupo 9 — Ossos com marca de corte (75 peças).

9.1. de mamíferos (7 peças).

9.2. de aves (68 peças).

Grupo 10 — Discos em osso de peixe com duas perfurações (1 peça).

Grupo 11 — Fragmentos de plaqueta perfurada (1 peça).

Grupo 12 — Vértebras de peixe com perfuração (725 peças).

Grupo 13 — Placas de tartaruga perfuradas (1 peça).

Grupo 14 — Miscelânia em osso de mamífero (7 peças).

Material sobre Dentes

Grupo 1 — Dentes perfurados — 1 furo (61 peças).

1.1. mamíferos (57 peças).

1.1.1. cetáceo (boto) (2 peças).

1.1.2. graxaim (18 peças).

1.1.3. onça (2 peças).

1.1.4. gato-do-mato (3 peças).

1.1.5. otarídeo (foca) (3 peças).

1.1.6. otarídeo (6 peças).

1.1.7. porco-do-mato (8 peças).

1.1.8. jaguatirica (14 peças).

1.1.9. bugio (1 peça).

1.2. seláquios (4 peças).

1.2.1. mangona (1 peça).

1.2.2. anequim (3 peças).

Grupo 2 — Dentes duplamente perfurados de seláquios (333 peças)

2.1. anequim (155 peças).

2.2. cação (24 peças).

2.3. mangona (129 peças).

Grupo 3 — Raspadores-alisadores em canino superior de porco-do-mato (8 peças)

Grupo 4 — Raspadores em canino inferior de porco-do-mato (29 peças)

Grupo 5 — Formões em canino inferior de porco-do-mato (16 peças)

Grupo 6 — Dentes trabalhados de seláquio (123 peças)

6.1. anequim (7 peças).

6.2. tintureira (9 peças).

6.3. Prionace (28 peças).

6.4. mangona (79 peças).

Material Conchífero

Grupo 1 — Conchas perfuradas de gastrópodes (698 peças)

1.1. Neritina virginea (53 peças).

1.2. Conus clerii (1 peça).

1.3. Olivella sp (644 peças).

Grupo 2 — Discos perfurados de Mytella guyanensis (98 peças)

Grupo 3 — Conchas perfuradas de Crassostrea rhizophorae (5 peças)

Grupo 4 — Pontas simples em Crassostrea rhizophorae (2 peças)

A quase totalidade dos materiais aqui comentados está concentrada em, apenas, aproximadamente 608 m^2 da área total escavada do Sítio e que corresponde ao espaço ocupado pelos sepultamentos.

Pouco menos de um terço do material produzido sobre ossos, dentes e conchas acha-se associado a sepultamentos, principalmente as conchas perfuradas, os dentes de seláquio duplamente perfurados, raras vértebras de peixe com perfuração e algumas pontas ósseas.

6.2. COMPARAÇÕES COM OUTROS SÍTIOS, PUBLICADOS

Com a indústria óssea e conchífera tem-se o mesmo problema que com o resto do material do Sítio da Praia da Tapera: como separar o material Itararé da primeira ocupação, do material da ocupação Tupiguarani. Só através da comparação. Como não existem sítios Tupiguarani comparáveis, ela foi realizada somente para os sítios Itararé litorâneos.

Foram encontradas no Sítio da Base Aérea (Caiacanga-mirim) três pontas ósseas (uma pedunculada e duas duplas), além de uma peça óssea apontada como furador e perfurada na outra extremidade (SCHMITZ, 1988:115). Além disso, tem-se quatro buris em dente de porco-do-mato, numerosos adornos sobre dentes e conchas (conchas perfuradas, dentes de cação duplamente perfurados, colares de *Olivella*, discos perfurados de conchas), geralmente associados a sepultamentos de crianças (Prous, in: PROUS & PIAZZA, 1977:107).

As pontas confeccionadas sobre ossos de aves, mamíferos e sesporão de arraia são os artefatos mais representativos do instrumental ósseo do Sítio do Rio Lessa. Muitos dentes de seláquios foram utilizados (com desgaste da coroa, ausência das apófises laterais, rebaixamento da raiz por alisamento) ou aproveitados como adorno (duplamente perfurados na raiz). Igualmente, dentes de boto, bugio e porco-do-mato foram seccionados longitudinalmente em duas metades, sofreram desgaste na coroa ou tiveram a raiz perfurada. Foram encontradas placas circulares e perfuradas no centro, confeccionadas sobre conchas, com provável uso como peças de adorno (colares) (BECK, 1972:185-189; SCHMITZ, 1988:112-113).

A indústria óssea e conchífera do Sítio da Praia das Laranjeiras abrange pontas de projétil (simples, com e sem pedúnculo e duplas), agulhas com olho, anzóis, ossos apontados numa extremidade, instrumentos confeccionados em dentes de porco-do-mato (para raspar, furar) e vários tipos de adornos. Na última categoria, tem-se vértebras de peixes perfurados, dentes de mamíferos com um furo, dentes de cação com dois furos, artefatos fusiformes de dentes de elefante marinho, e conchas de gastrópodes (***Olivella sp***, ***Conus sp***) usadas como contas de colar (ROHR, 1984:33-37; SCHMITZ, 1988:110).

No Sambaqui do Rio Pinheiros n° 8, pontas de osso estavam associadas, juntamente com material cerâmico, a sepultamentos fletidos (SCHMITZ, 1988:105).

Rohr (1984:33) refere-se à indústria óssea do Sambaqui do Forte Marechal Luz como aparentada àquela recuperada do Sítio das Laranjeiras e no Sambaqui da Enseada I. Ela era abundante e parece quase exclusivamente proveniente dos níveis cerâmicos: são anzóis, pontas duplas, dentes perfurados e utilizados, uma plaqueta perfurada em osso de baleia (Prous, in: PROUS & PIAZZA, 1977:89).

No Sambaqui de Enseada I, principalmente na ocupação ceramista, a indústria sobre osso e dente é abundante e diversificada. Foram encontradas pontas (simples, duplas, pedunculadas), anzóis, placas ósseas, vértebras com perfuração, dentes de seláquios trabalhados ou perfurados, bem como dentes perfurados de mamíferos. Os instrumentos sobre conchas constituem-se em adornos. Beck cita um único instrumento utilitário sobre concha: uma ***Macoma constricta***(?), cuja borda retocada poderia ter sido utilizado como serra (BECK, 1972:212-225; SCHMITZ, 1988:107).

Estes sítios apresentam com o da Praia da Tapera muitas coincidências: um grande número de pontas de projétil, a maior parte com

morfologia idêntica; dentes de seláquio duplamente perfurados, dentes de mamíferos perfurados ou usados para outros fins; e um número elevado de adornos feitos a partir de conchas. Estas coincidências seriam difíceis de explicar se o material recuperado na Praia da Tapera não fosse da ocupação Itararé. Mas o detalhamento poderá ser feito somente quando todos os sítios do Programa estiveram completamente estudados e os demais sítios escavados tiverem os seus materiais analisados usando o mesmo critério.

As coincidências com relação aos sítios pré-cerâmicos são menos marcadas, mas existem e talvez não possam ser atribuídas exclusivamente à instalação no mesmo ambiente.

7. O ABASTECIMENTO

7.1. OS RESTOS ALIMENTARES

A identificação dos restos alimentares recuperados em sítios arqueológicos é tarefa imprescindível para se chegar à caracterização de importantes aspectos culturais de uma dada comunidade pré-histórica. Através da análise desses restos podem-se descobrir os padrões de subsistência existentes no passado, além de elucidar aspectos ligados à tecnologia de produção de artefatos, ao padrão de mobilidade, à sazonalidade ou perenidade do assentamento, sem falar na própria caracterização da comunidade biótica à época da ocupação, o que, por sua vez, leva a inferências sobre a constituição ambiental.

A identificação foi realizada por André Luiz Jacobus, que também atualizou a nomenclatura para os moluscos. Estes originariamente haviam sido identificados por Hugo de Souza Lopes, do Instituto Osvaldo Cruz.

Jacobus identificou a quantidade total de fragmentos para cada espécie e estimou o número mínimo de indivíduos presentes nos restos. As cifras conseguidas não representam informações importantes, na medida em que a amostra levada ao museu é uma parte mínima dos restos recuperados e não é proporcional a eles, não tendo caráter de amostragem significativa do universo.

Os animais identificados são os seguintes (o número entre parênteses é o dos restos identificados e o número em negrito o cálculo do número mínimo de indivíduos presentes):

I — Mamíferos

Anta *(Tapirus terrestris)* (1) **1**
Baleia (1)
Boto *(Tursiops truncatus)* (2) **1**
Bugio *(Alouatta sp)* (8) **3**
Capivara *(Hydrochaeris hydrochaeris)* (50) **1**
Coati *(Nasua nasua)* (1) **1**
Cutia *(Dasyprocta azarae)* (50) **1**
Gato-do-mato *(Felis sp)* (9) **2**
Graxaim *(Dusycion sp)* (1) **1**
Jaguatirica *(Felis pardalis)* (20) **6**
Leão marinho *(Otaria sp)*
Lobo marinho *(Otarídeo)* (19) **5**
Lontra *(Lutra sp)*
Mico *(Cebus sp)* (1) **1**
Onça *(Panthera onca)* (2) **1**
Paca *(Agouti paca)* (23) **2**
Porco-do-mato-queixada *(Tayassu pecari)* (103) **34**
Ratão-do-banhado *(Myocastor coypus) (1)* **1**
Tatu *(Dasypus sp)*
Veado *(Ozotocerus* ou *Mazama)* (18) **2**

II — Aves (5) **2** não identificadas

III — Répteis

Lagarto (14) **5**
Tartaruga (1)

IV — Peixes

Anequim *(Carcharodon carcharias)* (81)
Arraia
Bagre (23) **7**
Enchova *(Pomatomus saltatrix)* (2)
Enxada *(Chaetodipterus faber)* (17) **10**
Mangona *(Odontaspis)* (629)
Miraguaia *(Pogonias chromis)* (31) **15**
Tubarão azul *(Prionace glauca)* (70)
Tintureira *(Galeocerdo cuvieri)* (20)

V — Moluscos

Bivalves
Amiantis purpuratus
Anomalocardia brasiliana
Arca imbricata
Crassostrea rhizophorae
Lyropecten nodosus
Lucina pectinata
Mytella guyanensis
Trachycardium muricatum
Gastrópodes marinhos
Astraea latispina
Bulla striata
Cerithium atratum
Conus clerii
Cymathium parthenopeum
Littorina flava
Neritina virginea
Olivancillaria urceus
Olivella sp
Phalium granulatum
Siratus senegalensis
Strombus pugilis
Tegula viridula
Thais haemastoma
Gastrópode terrestre
Megalobulimus oblongus

VI — Crustáceos

Goiá *(Galappa flamea)* (13) 8

7.2. CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE BIÓTICA

Além da identificação da fauna, que à época das ocupações do Sítio arqueológico apresentou importância econômica do ponto de vista do abastecimento das duas aldeias, realizou-se a caracterização da comunidade biótica que interagiu espacialmente com os homens que habitaram a Praia da Tapera.

Tal estudo, que só foi possível realizar quanto aos mamíferos, peixes e moluscos, delineando dita comunidade biótica, revelou o meio ambiente, reconstituindo-o. Para tanto, buscou-se precisar, quando possível, o maior número de dados referentes a cada espécie identificada, principalmente os referentes a tamanho, agregação, *habitat*, alimentação, período de atividade, reprodução e comportamento perante o homem.

I — MAMÍFEROS *

Veados

Há cinco espécies registradas para o Rio Grande do Sul, área mais próxima para a qual se conseguiram dados: cervo-do-pantanal *(Blastocerus dichotomus)*, veado-mateiro *(Mazama americana)*, veado-virá *(Mazama gouazoubira)*, veado-bororó *(Mazama rufina)* e veado-campeiro *(Ozotocerus bezoarticus)*. Quais delas, precisamente, estariam presentes na área do Sítio não se sabe, pois os ossos são insuficientes para esta determinação.

O cervo-do-pantanal, que habita grandes banhados e pântanos com capins altos, certamente não foi reconhecido entre os restos ósseos. Indicamos, portanto, os hábitos daqueles que mais provavelmente habitaram a área.

Veado-Mateiro

Mammalia, Artiodactyla, Cervidae, *Mazama americana*
Mede 105-142 cm. Pesa 25 Kg.
Hábito solitário.
Vive em matas altas ou cerrado, de preferência à beira de rio.

Deixa a mata só ao anoitecer ou na primeiras horas da manhã para pastar raminhos, ervas, frutos e outros elementos vegetais. Durante o dia dorme na mata fechada.

Sua atividade é noturna e crepuscular.

---

* Na busca dos hábitos dos mamíferos usamos CABRERA e YEPES (1960), SILVA (1984), SANTOS (1979, 1981, 1982, 1984), CORREA DA COSTA e outros (1981).

Os filhotes, em número de um ou dois, nascem de preferência entre maio e outubro.

É muito arisco, fugindo do homem com movimentos rápidos e refugiando-se no rio.

Veado Catingueiro

Mammalia, Artiodactyla, Cervidae, *Mazama gouazoubirá*

Mede 109-102 cm. Pesa 15 Kg.

Vive em caatingas, cerrados e matas ralas, em lugares abertos e extensos banhados, durante as horas em que está pastando.

Alimenta-se de vegetais.

É noturno e crepuscular; durante o sol forte descansa, abrigado.

A fêmea pare um filhote por vez.

À aproximação do homem foge com grande velocidade.

Porco-do-Mato-Queixada

Mammalia, Artiodactyla, Tayassuidae, *Tayassu pecari*

Mede 76,5-105 cm. Pesa 16-30 Kg.

Hábito gregário, reunindo machos e fêmeas.

Vive em matas densas e úmidas; gosta de banhos nos rios.

Come vegetais e animais. Fuça o chão em busca de alimento.

É terrícola.

A fêmea pare dois filhotes, que seguem a mãe imediatamente.

A atividade é diurna.

Não ataca o homem. Bate os dentes de forma característica para assustar os inimigos. Quando assustado corre com grande velocidade em fila indiana e se entoca para se esconder; correndo, abre caminho com a força do corpo ou a dentadas. Enxerga pouco, mas ouve bem, razão, talvez, de se assustar com facilidade.

Pode ser localizado pelos seus carreiros e pela terra revolvida.

Graxaim

Mammalia, Carnivora, Canidae, *Dusicyon thous*

Mede 100-112 cm. Pesa cerca de 5 Kg.

Hábito solitário.

Vive nas matas. Para esconderijo procura tocas, fendas e ocos de árvores no chão.

Tem um amplo espectro alimentar, podendo se dizer que come de tudo. Regime alimentar oportunístico. Come ratos.

É terrícola.

Atividade essencialmente noturna, mas também pode ser observado de dia.

O número de filhotes, por ninhada, é geralmente cinco. A fêmea se dedica durante alguns meses à ninhada.

Aproxima-se dos acampamentos em busca de alimento. Mas foge do homem.

No Rio Grande do Sul existe mais a espécie *Dusicyon gymnocercus*, o graxaim-do-campo, cuja presença é pouco provável na Tapera por ser uma espécie típica dos pampas, regiões abertas, como campos e capoeiras, onde tem sido observada mais comumente do que em matas.

Jaguatirica

Mammalia, Carnívora, Felidae, *Felis pardalis*

Mede 100-130 cm. Pesa 7-15 Kg.

Hábito solitário.

Vive em florestas densas ou vegetação do tipo parque. Trepa, com facilidade, em grandes árvores para caçar ou esconder-se. Refugia-se em ocos ou covas ao pé de grandes troncos e em grutas. Nada bem.

Tem espectro alimentar amplo: come gambás, pequenos e médios roedores até o tamanho de uma cutia (sua presa favorita), pecari e veado pequeno. Raramente come pássaros, mas agarra répteis relativamente grandes, inclusive lagartos. A maioria de suas caçadas são feitas sobre o solo.

Atividade noturna.

Gato-do-Mato

Mammalia, Carnívora, Felidae, *Felis sp*

No Rio Grande do Sul existem seis espécies. Possuem habitat diferenciado segundo a espécie.

Onça

Mammalia, Carnívora, Felidae, *Leo onca*

Mede 220-270 cm. Pesa 60-130 Kg.

Hábito solitário.

Vive em florestas úmidas, na proximidade da água, ou em capões de mato.

Come várias espécies de animais, mas prefere capivaras e jacarés, que ataca por trás, procurando atingir o pescoço e cabeça com o primeiro golpe. Pesca.

É terrestre, mas nada bem e sobe fácil em árvores.

Atividade crepuscular; passa o dia dormindo, escondida.

Tem visão e audição agudas.

O acasalamento se dá em agosto e setembro. A fêmea produz duas a três crias.

Com seis semanas de idade os filhotes já acompanham a mãe.

A onça evita o homem.

Coati

Mammalia, Carnívora, Procyonidae, *Nasua nasua*

Mede 73-136 cm.

Hábitos sociais, vivendo em grupos de vários indivíduos. Procede como nômade, sem se fixar numa região. Quando a noite os surpreende, onde estiverem, aí acampam para dormir nas ramagens, ou em anfractuosidades de grandes árvores.

Vivem em florestas de porte alto.

Comem vegetais e animais variados. Na procura destes utilizam seguidamente o comprido focinho e principalmente o nariz que, sendo

muito flexível, é introduzido em buracos, sob cascas de árvores, no chão, em ninhos etc.

Andam no chão e sobre árvores, sendo os deslocamentos nestas feitos com rapidez e agilidade.

Atividade principal durante o dia, mas também se movimentam à noite; cavam a terra em busca de pequenos animais.

A fêmea pare de 3 a 5 filhotes, após uma gestação de 67 a 73 dias. Ela esconde os filhotes e cuida deles.

Se em perigo, foge, refugiando-se em árvores, ou luta. Quando atingido, finge-se de morto.

Lontra

Mammalia, Carnívora, Mustelidae, *Lutra longicaudalis*

Mede 100-120 cm.

Hábito social.

Vive em rios e lagos. Escava tocas nas barrancas para reproduzir-se e esconder-se durante o dia.

Alimenta-se de peixes, moluscos, crustáceos e aves que captura, com grande habilidade, dentro da água.

Vida semi-aquática.

Atividade noturna.

A ninhada, em cada parição, é de dois a quatro filhotes.

Foge do homem.

Tatu

Mammalia, Edentata, Dasypodidae, *Dasypus novemcinctus*

Mede 60-80 cm. Pesa 4-8 Kg.

Hábito gregário, vivendo na mesma toca vários animais, geralmente do mesmo sexo.

Vive em várias formações vegetais.

Come invertebrados terrestres, principalmente insetos, mas também pequenos vertebrados e vegetais.

Atividade principalmente, mas não exclusivamente, noturna.

É terrícola, usando tocas de várias aberturas como esconderijo e ninho.

A fêmea pare quatro filhotes. O cruzamento é em agosto e a gestação dura 260 dias.

Tem bom olfato. Em presença do homem foge e se esconde na toca, que denuncia sua presença.

No Rio Grande do Sul há mais a espécie ***Dasypus hybridus***, o tatu-mulita, que vive em campos e lugares abertos.

Anta

Mammalia, Perissodactyla, Tapiridae, ***Tapirus terrestris***

Mede cerca de 200 cm. Pesa cerca de 300 Kg.

Hábito solitário, ou em casais.

Vive em matas fechadas e altas na proximidade de água.

Alimenta-se de vegetais, folhas, frutos e raízes.

É terrícola.

Atividade noturna, mas também diurna.

A fêmea pare um só filhote, que fica 6 meses com a mãe. A gestação dura 397 dias.

É tímida. Anda normalmente em trilhas, que sempre terminam junto de fontes aquáticas.

Quando acossada, investe, derrubando o que encontra no caminho. Quando corre dentro do mato faz muito barulho, porque desloca-se de cabeça baixa e vai arrebentando cipós e galhos que possam impedir sua passagem. Para refugiar-se procura a água, nadando e mergulhando muito bem.

Bugio

Mammalia, Primates, Cebidae, ***Alouatta caraya***

Mede 114-184 cm. Pesa 7-9 Kg.

Hábitos sociais, vivendo em pequenos bandos, de 10 ou mais indivíduos de ambos os sexos.

Vive no alto das árvores em florestas densas, só descendo para beber água.

Come folhas, frutos, sementes e pequenos animais.

Atividade diurna e crepuscular.

A fêmea pare um filhote, que nasce entre maio e agosto. Ele fica agarrado às costas da mãe.

É lento. Assusta-se com a presença do homem e foge de galho em galho, usando o rabo preênsil.

Denuncia-se pelo ronco, que se escuta a um Km de distância, ao cair da tarde.

Mico

Mammalia, Primates, Cebidae, ***Cebus apella***

Mede 86 cm. Pesa 2-4 Kg.

Hábito social, andando em grupos de vários animais, de ambos os sexos.

São animais das matas, que vivem nas copas de árvores altas. Movimentam-se constantemente.

Come folhas, flores, frutas, ovos e pequenos animais.

É arborícola.

Atividade diurna.

A fêmea pare um filhote após 180 dias de gestação, o qual nos primeiros meses de vida anda agarrado nos pelos ventrais da mãe e, quando mais crescido, passa a andar sobre as costas desta.

Fogem por cima dos galhos quando em perigo.

Emitem gritinhos e saltam, o que os denuncia.

Ratão-do-Banhado

Mammalia, Rodentia, Capromyidae, ***Myocastor coypus***

Mede 70-100 cm. Pesa 7-9 Kg.

É migratório, vivendo em agrupamentos.

Vive em banhados, lagoas, rios e outros locais com água.

Faz refúgio e ninho em barrancos; em superfícies grandes de água com vegetação baixa, os refúgios são construídos com talos, pedaços de juncos e capins, que eles cortam e carregam, formando grandes plataformas, acima da superfície da água. Fica nesses lugares durante o dia, dormindo, entre a vegetação. Para comer pode ficar dentro da água, pegando a vegetação flutuante ou fixa na superfície, ou sair para terra firme.

Alimenta-se de vegetais.

Normalmente observam-se na natureza fêmeas com dois a quatro filhotes, mas as ninhadas podem ser de maior número. Podem procriar duas vezes ao ano. A fêmea cuida dos filhotes durante uns 3 meses.

Quando perseguido, foge e esconde-se na água.

As fezes, cilíndricas, alongadas, de cor verde, assim como as trilhas nas margens úmidas, constituem bons vestígios para indicar a presença deste grande rato.

Paca

Mammalia, Rodentia, Dasyproctidae, *Agouti paca*

Mede cerca de 70 cm. Pesa até 10 Kg.

Hábito solitário.

Vive em áreas cobertas com vegetação alta, como matas, capoeirões, sempre às margens de mananciais hídricos. Mora em tocas que ela mesma cava, com várias ramificações e saídas para a superfície, ou em outras concavidades naturais.

Come vegetais diversos, mas parece ter preferência por frutas.

É terrícola.

Atividade noturna, com audição e olfato bem desenvolvidos, mas com pouca visão.

A fêmea pare anualmente dois filhotes, às vezes um só. Deles cuida durante meses. A procriação se dá entre abril e setembro.

Quando perseguida, procura refúgio dentro da água, onde mergulha rapidamente.

Nos lugares onde vive é possível encontrar trilhas bem demarcadas por onde passa sempre.

Cutia

Mammalia, Rodentia, Dasyproctidae, *Dasyprocta azarae*

Mede uns 50 cm.

Tem hábitos solitários.

Vive em matas e capoeiras, em ocos de árvores, nas anfractuosidades dos barrancos, ou tocas abandonadas, debaixo de raízes ou árvores caídas.

Come frutos, sementes e vegetais suculentos encontrados no chão.

É terrícola. Salta e corre com grande velocidade entre a vegetação.

Atividade crespuscular. Tem visão reduzida, mas olfato e audição acentuada.

A fêmea pare dois a três filhotes, que guarda em esconderijos escuros. A gestação é de 104 dias.

Embora mansa, fugidia e esquiva, quando se defronta com o inimigo reage e sabe valer-se dos magníficos dentes que possui.

Capivara

Mammalia, Rodentia, Hydrochaeridae, *Hydrochaeris hydrochaeris*

Mede 100-130 cm. Pesa 25-30 Kg.

Hábitos gregários, com bandos de 8 a 20 indivíduos de ambos os sexos. Cada grupo tem um território definido.

Vive à beira da água, na mata. É semi-aquática, nada bem.

Come vegetais e plantas aquáticas de diversas espécies.

As atividades são diurnas e noturnas, desenvolvendo-se principalmente às primeiras horas da manhã e de tarde; com o sol quente refugia-se na água, ou na sombra.

A fêmea pare quatro a seis ou mesmo oito filhotes.

É lenta e pacífica. Bate os dentes, quando irritada. Refugia-se na água, onde permanece escondida.

Denuncia sua presença pelos montículos de fezes que deposita. Os rastos também são de fácil reconhecimento.

Lobo Marinho

Mammalia, Otariidae, *Arctocephalus australis*

Mede cerca de 180 cm. Pesa cerca de 80 Kg.

Hábito social.

Vive a maior parte do tempo dentro da água, saindo para a terra durante o cio e o parto. Nada de forma rápida e graciosa. Vive em ilhas oceânicas rochosas. Costuma vir na corrente fria do Antártico, estabelecendo colônias no sul do Brasil, onde o clima pode favorecê-lo.

Alimenta-se de peixes, crustáceos e moluscos do grupo dos polvos e lulas (cefalópodes).

No período da reprodução, os machos formam um harém em costas rochosas. Após a cobertura voltam à água e cerca de um ano mais tarde novamente nos mesmos locais as fêmeas parem os filhotes. O nascimento dos filhotes, geralmente um por parto, causa o aumento das colônias, pois estes permanecem junto dos adultos.

Durante o dia machos e fêmeas vão para a água, ficando só os filhotes na terra. À noite as mães reunem-se aos filhos. Depois de crescidos o suficiente para enfrentar o mar, os jovens vão para a água.

No inverno os animais adultos voltam à água, ficando os locais de procriação ocupados por grupos numerosos, formados principalmente por machos jovens.

Leão Marinho

Mammalia, Otariidae, *Otaria byronia*

Mede 270-350 cm. Pesa em torno de 300 Kg; machos grandes podem atingir até 500 Kg.

Como o lobo marinho vem nas correntes frias, tendo como origem a Antártica.

No período da procriação reunem-se em grandes grupos. Os machos procuram formar seus haréns com muitas fêmeas. Neste período ocorrem lutas.

Vivem a maior parte do tempo na água marinha, mas também penetram em água doce. Saem para as costas rochosas com pouco declive ou para praias sem movimento humano. A vida terrestre é sempre dependente da temperatura do ar e do solo.

Alimentam-se principalmente de peixes e moluscos.

Baleia

Mammalia, Balaenopteridae

Mede 9 a 30 m.

É mamífero adaptado exclusivamente à vida aquática, em mares e oceanos.

A família é composta de seis espécies que ocorrem em todos os oceanos.

Andam sós, aos pares ou em grandes grupos, quando existe abundância de alimento.

Comem plancton, peixes pequenos que vivem em grandes cardumes, e algumas espécies comem também peixes grandes.

As baleias parem um filhote por vez e as espécies de grande tamanho não procriam todos os anos.

Traem-se pelos jatos que expelem. Muitas vezes encalham na praia.

Boto

Mammalia, Delphinidae, *Tursiops truncatus*

Mede cerca de 3 m. Pesa cerca de 200 Kg.

Mamífero especializado exclusivamente à vida aquática em mares e oceanos. Delfinídeo comum nas costas do sul do Brasil.

Anda em grupos, às vezes numerosos, que podem estar subdivididos em pequenos agrupamentos.

Preferem águas próximas à costa.

Alimentam-se de peixes e parecem dar preferência à tainha.

São muito visíveis e por isso facilmente expostos à caça.

II — PEIXES

Anequim *(Carcharodon carcharias)*

É o mais agressivo e voraz dos tubarões. Pode alcançar até 6 m de comprimento e 1.100 Kg (GODOY, 1987).

Arraia

Diversos gêneros e espécies, com hábitos também bastante diferentes.

Bagre-Bandeira *(Bagre bagre)*

Costuma viver em águas próximas da costa, de fundos arenosos ou lodosos. É capaz de suportar condições de baixa salinidade. Ocorre das Antilhas até Santa Catarina. Pode atingir até 50-60 cm de comprimento e pesar 4 Kg (Idem).

Enchova *(Pomatomus saltatrix)*

Vive em cardumes, migrando de sul a norte. Leva vida errante em mar aberto. Ocasionalmente aparece em lajes e pontas de ilhas. Muito voraz, alimenta-se de pequenos peixes e crustáceos. Tem em média 60 cm de comprimento e 3 Kg de peso, embora possa atingir maiores dimensões (LIMA & PINHEIRO DA SILVA, 1984:10).

Enxada *(Chaetodipterus faber)*

Vive tanto em pequenos grupos como em grandes cardumes. Freqüenta águas rasas e proximidades de pedras e recifes. Alimenta-se de grande variedade de invertebrados, tanto bentônicos quanto planctônicos. Mede cerca de 50 cm e pode alcançar até 90 cm (Iid., p.16).

Mangona *(Odontaspis taurus)*

Vive em águas rasas, sobretudo no verão. Não é agressiva quando não está ferida. Sua carne é considerada de boa qualidade entre os cações. Pode atingir até 3 m de comprimento total; com 2, 5 m pode pesar cerca de 120 Kg (GODOY, 1987).

Miraguaia *(Pogonias chromis)*

Vive em águas costeiras, onde há influência de grandes rios, sobre fundos de areia e lama. Pode atingir mais de 1 m de comprimento total (Idem).

Tintureira *(Galeocerdo cuvieri)*

Vive em águas tropicais e subtropicais de todos os mares. É uma espécie perigosa. A sua carne é considerada de boa qualidade. Comprimento: 4 m (média). Peso: 450 a 600 Kg (Idem).

Tubarão Azul *(Prionace glauca)*

Vive em alto mar, dificilmente chegando a águas rasas. Costuma nadar na superfície com as nadadeiras dorsais fora da água. Alimenta-se principalmente de peixes de cardume. É peixe vivíparo, nascendo de cada vez 25 a 50 filhotes. Mede 250 a 350 cm. Pesa 90 Kg.

III — MOLUSCOS

O nível das conchas no Sítio arqueológico da Praia da Tapera é formado principalmente por *Crassostrea rhizophorae*. Ocorrem, entretanto, várias outras espécies de bivalves e de gastrópodes marinhos. A existência de *Megalobulimus oblongus* (gastrópode terrestre) é freqüentemente citada por Rohr. Todavia, não se tem condições de concluir sobre a proporção de cada espécie no substrato arqueológico, com o que se perde importante informação sobre o abastecimento.

Os dados abaixo listados sobre *habitat* e dimensões das espécies marinhas que ocorreram no registro arqueológico da Tapera foram compilados de Rios, 1975.

Bivalves

Amiantis purpuratus — vive na areia; em água pouco profunda. 34 x 28 mm.

Anomalocardia brasiliana — vive sob substratos lodosos, areno-lodosos ou arenosos em águas rasas das zonas entre marés de praias bem abrigadas, podendo suportar variações de salinidade. 34 x 28 mm.

Arca imbricata — em rochas e corais unidas por *byssus*. 41 x 25 mm.

Crassostrea rhizophorae — vive aderida a substrato duro como rocha ou vegetação de mangue. 57 x 40 mm.

Lucina pectinata — vive sob substrato lodoso ou arenoso em águas rasas, podendo suportar baixa salinidade (regiões estuarinas, principalmente mangues). 51 x 48 mm.

Lyropecten nodosus — vive em substratos arenosos ou de algas calcáreas. 55 x 48 mm.

Trachycardium muricatum — vive em fundos arenosos ou areno-lodosos. 47 x 46 mm.

Gastrópodes Marinhos

Astraea latispina — vive em rochas e corais das zonas entre marés. 56 x 50 mm.

Bulla striata — vive enterrada em fundos areno-lodosos nas zonas entre marés. 28 x 16 mm.

Cerithium atratum — vive em substratos arenosos e baixios lodosos. 34 x 13 mm.

Conus clerii — vive em fundos areno-lodosos. 50 x 28 mm.

Cymatium parthenopeum — vive em regiões de praia, sobre substratos arenosos ou rochosos, 72 x 37 x 32 mm.

Littorina flava — vive em rochas da zona supratidal. 18 x 12 mm.

Neritina virginea — vive em baixios lodosos de água salgada. Sobre raízes de mangue. 14 x 8 mm.

Olivancillaria urceus — vive na areia, geralmente, em águas rasas. 55 x 40 mm.

Olivella sp

Phalium granulatum — vive em substratos arenosos. 73 x 49 x 43 mm.

Siratus senegalensis — vive em fundos arenosos em águas rasas. 69 x 39 x 34 mm.

Strombus pugilis — vive em águas rasas de fundos de areia e lama. 83 x 55 x 47 mm.

Tegula viridula — vive em rochas e corais das zonas entre marés. 23 x 19 mm.

Thais haemastoma — vive em região intertidal sobre substrato duro, rocha ou bancos de ostras da zona de maré. 75 x 52 x 44 mm.

Gastrópode Terrestre

Megalobulimus oblongus — vive entre ou sob folhas secas e troncos podres em regiões úmidas e escuras.

7.3. ABASTECIMENTO E MEIO AMBIENTE

Os mamíferos, cujos restos foram recolhidos, provêm em sua maior parte da terra firme. São predominantemente animais de porte médio e grande, estando ausentes animais pequenos característicos como preás e ratos.

A anta, o bugio, a cutia, a capivara, o coati, o gato-do-mato, o graxaim, a jaguatirica, a onça, a paca, o porco-do-mato e o veado são animais da floresta e devem ter sido caçados na Mata Atlântica, que recobre os morros da ilha e do continente fronteiriço. De todos, o mais abundante é o porco-do-mato, certamente caçado em razão de sua carne; mas a jaguatirica, que vem em seguida, poderia ser buscada por outras razões.

O tatu e o lagarto podem vir dos areais baixos de vegetação menor e mais aberta, onde deveriam ter sido abundantes também as preás.

O ratão-do-banhado e a lontra têm muito ambiente nos banhados, lagoas e rios.

Os mamíferos marinhos estão representados por quatro famílias: baleias, botos, lobos marinhos e leões marinhos. As baleias deveriam abundar nas baías do lado leste da Ilha, a ponto de se estabelecer aí, no período colonial e imperial, a Armação do Sul destinada à caça de baleias. É de supor que seriam aproveitados pela população pré-histórica principalmente os animais encalhados nas praias. Os botos, como chegam perto da praia e penetram nas lagoas e rios, poderiam ser eventualmente caçados até na Baía Sul. Os lobos e leões marinhos, provenientes

das regiões frias do sul do Continente, através da corrente fria, teriam suas colônias nas ilhas rochosas do mar aberto e nas encostas rochosas da Ilha de Santa Catarina, oferecendo um alvo fácil, razão provável de sua representatividade nos restos.

As tartarugas por um lado e os pinguins por outro, comuns em outros sítios de mar aberto, aqui foram pouco recuperados; os pinguins talvez pouco reconhecidos nos ossos.

Sobre outras aves nada se pode dizer por falta de identificação.

Os peixes preados identificados são poucos. Predominam totalmente aqueles que vivem perto da costa, em águas rasas, como a enxada, a mangona, o bagre-bandeira e a miraguaia, que podiam ser pescados na Baía Sul. Mas estão bem representados também peixes grandes e perigosos, como o anequim, a tintureira e o tubarão azul.

Os moluscos marinhos bivalvos e gastrópodes provêm de águas rasas, ou superfícies entre-marés, onde se criam em substratos arenosos, areno-lodosos ou lodosos, ou crescem presos às rochas ou raízes de plantas, sendo todos relativamente fáceis de apanhar. Para todos eles havia ambiente propício na proximidade do sítio, no estuário do Rio Ribeirão, nos manguezais vizinhos ou nos blocos rochosos.

Estranhamente não foram recuperados equinodermas, muito abundantes em outros sítios, estabelecidos junto a costões rochosos.

O gastrópode terrestre podia ser apanhado na mata lindante.

Em se tratando de um sítio com dois componentes, um da Tradição Itararé e outro Tupiguarani, nunca vai ser possível, só pelo estudo dos restos de alimentos guardados na coleção, saber como cada uma dessas populações usou o ambiente.

Mas, como paralelamente foram examinados os restos de alimentos, abundantemente recolhidos, do Sítio Itararé da Praia das Laranjeiras, instalado em ambiente semelhante, e que apresenta um só componente cultural, pode-se ter uma idéia de como se comportava esta população. Os restos alimentares, estudados por Jacobus, indicam o uso dos seguintes animais: anta, queixada, veado-mateiro ou campeiro, cervo do pantanal, capivara, paca, cutia, gambá, tamanduá mirim, tamanduá bandeira, bugio, mico, coati, mão pelada, irara, lontra, gato-do-mato, puma, onça, lobo marinho, delfim, boto e baleia, dentre os mamíferos; pinguim e espécies não identificadas, dentre as aves; jacaré, tartaruga e cágado, dentre os répteis; miraguaia, agulhão, bagre, caranha, baiacu de espinho, peixe espada, enchova, enxada, baiacu, corcoroca, sarjo de

dente e tintureira, dentre os peixes; ouriço do mar, carangueijo púrpura e goiá, dentre os invertebrados; e 44 espécies de moluscos.

O mesmo abastecimento variado é mostrado também pelo Sítio Itararé da Ponta do Lessa, estudado por Beck (1972), e que se encontra perto, dentro mesmo da cidade de Florianópolis. Os peixes, que representam a parte mais importante da dieta alimentar das populações do Sítio, pertencem às seguintes espécies: corvina, pescada amarela, bagre, miraguaia, arraia e seláquios. Também foram utilizados na alimentação mamíferos terrestres e marinhos (porco-do-mato, bugio, baleia, boto) e aves não identificadas. A fauna malacológica identificada é aquela característica de *habitat* de águas tranqüilas — enseadas, praias arenosas, baías e costas rochosas e baixios. No registro arqueológico, as bivalves (8 espécies identificadas) estavam mais representadas do que as univalves (6 espécies identificadas, sendo uma de gastrópode terrestre). ocorrem, igualmente, crustáceos e equinodermas em pequena quantidade.

Dificilmente saber-se-á como seria o abastecimento do aldeamento Tupiguarani da Praia da Tapera, sobreposto ao assentamento Itararé, pois não se tem nenhum sítio próximo, em ambiente parecido, cujos restos tenham sido discriminados e que possam ser usados para comparação.

7.4. OBSERVAÇÕES

Pelas informações disponíveis, no que pese o caráter não representativo das amostras analisadas, não se pode refletir sobre qual atividade econômica teria predominado no quadro do abastecimento do Sítio da Praia da Tapera.

O que se pode concluir fica restrito à afirmação de que os habitantes pré-históricos da Tapera lançaram mão dos ricos recursos provenientes dos vários microambientes que circundam o Sítio, e que são de fácil acesso, através do emprego de várias técnicas de obtenção de alimentos.

A caça de mamíferos terrestres está bem representada. A quase totalidade proviria da Mata Atlântica dos morros vivinhos. Como predominantemente têm hábitos crepusculares ou noturnos podemos imaginar que a sua preação se daria nessas horas: no crepúsculo vespertino e matutino. Projéteis armados com pontas ósseas, deveriam ser usadas de preferência para caçar antas, bugios, capivaras, jaguatiricas, micos, onças, pacas, porcos-do-mato e veados. Mas durante a noite poderiam es-

tar funcionando armadilhas para animais ariscos, de difícil visualização, que aceitam iscas definidas, ou para animais que seguem trilheiros fixos.

Animais como o tatu e o lagarto poderiam ser apanhados com porretes.

Já a caça de mamíferos marinhos, a pesca e a coleta de moluscos, também de grande peso, deveriam ser atividades predominantemente diurnas. Tanto para os mamíferos aquáticos, como para os grandes peixes também se deveriam usar os projéteis armados com pontas de osso. Para a pesca, imaginamos que usariam também redes, cujos pesos são abundantes entre os restos. Sem canoas esta atividade não pode nem mesmo ser imaginada.

Para a coleta da maior parte dos moluscos, não há necessidade de um instrumento especializado, nem de barcos: eles ocorrem nos baixios, no mangue ou grudados na rocha; no último caso um seixo ou um talhador seriam suficientes para desprendê-los.

Os peixes e os moluscos, renovados permanentemente, ofereceriam um recurso menos aleatório que a caça no mato ou no mar. A coleta de produtos vegetais, para a qual não temos mais documentos que uns coquinhos calcinados, deveriam ter caráter estacional e suplementar.

Quanto à produção de alimentos, em roças de derrubada e queimada, não temos comprovação. A grande quantidade de cerâmica Itararé parecia difícil de explicar sem ela. Mas como os esqueletos das populações Itararé do litoral norte do Estado indicaram claramente ausência de forte consumo de carbohidratos e também lá a cerâmica é muito abundante, devemos supor que ela tenha tido outro uso. Machados para cortar as árvores não faltam no patrimônio recuperado.

Desta forma, as populações Itararé parecem ter usado eficientemente os recursos dos variados microambientes da vizinhança do Sítio, através da caça, da pesca, da coleta animal e vegetal. Pouca necessidade haveria de se moverem para lugares distantes em busca de outros recursos. Quando o faziam, embora continuando a viver na tranquilidade da Baía Sul, atravessando a Ilha encontrariam grandes lagoas, como a do Peri e da Conceição, e em pouco tempo estariam na praia do mar aberto, com suas baleias, botos, lobos marinhos e peixes de grande porte.

8. OS SEPULTAMENTOS

8.1. PADRÕES DE SEPULTAMENTO (Ver estampa 31a, b, c nas folhas soltas)

As escavações de Rohr no Sítio da Praia da Tapera trouxeram à luz cento e setenta e dois esqueletos humanos, inteiros ou fragmentários, todos eles concentrados em área bem específica, que estava compreendida entre as coordenadas 5 e 14, por um lado, e A e T, por outro, compreendendo cerca de 608 m^2 do total de aproximadamente 2.000 m^2 escavados.

A deposição do corpo, via de regra, foi realizada em covas, que em apenas 13% dos casos chegam a uma profundidade superior a 60 cm, sempre medida a partir da superfície (23 casos em 172). Devido à pequena espessura da camada arqueológica, muitos sepultamentos atingiram a base arenosa na qual o Sítio está assentado ou ficaram na divisa da terra preta com a areia pura da praia. Nos 148 casos onde há registro sobre a estratigrafia referente ao sepultamento, 100 deles estão localizados em cova feita na areia subjacente e 15 no limite com a camada arqueológica propriamente dita, seja no nível das conchas seja no nível da terra preta.

O tamanho das covas, geralmente, acompanha o comprimento do próprio corpo a ser depositado, ou seja, as covas de adultos ficam em torno de 160-166 cm e as de crianças oscilam entre 40 e 85 cm, conforme a idade. Há, entretanto, três sepulturas (n°s. 100, 162 e 165) que atingem, respectivamente, dois, dois e um metro e oitenta centímetros de comprimento.

A estratigrafia relacionada aos sepultamentos é muito complexa e não foi descrita para todos os casos. Todavia, as possibilidades simples de ocorrência, de acordo com a própria estratigrafia do sítio, são as seguintes:

a) sepultamentos realizados na areia da base do sítio;

b) sepultamentos realizados nos níveis arqueológicos:

— na terra preta, abaixo das conchas;
— no nível das conchas;
— na terra preta, acima das conchas;
— na terra preta em área em que não existe camada de conchas.

Estas informações, particularizadas para cada sepultamento, seriam importantes para se estabelecer a idade relativa dos sepultamentos entre si, já que de acordo com os dados referentes à estratigrafia e ao tipo de sedimento que envolvesse o enterramento, poder-se-ia presumir a época da deposição do corpo, ou seja, se posterior, anterior ou simultânea com a formação de determinado nível arqueológico.

Dos 135 sepultamentos onde foi possível observar o tipo de disposição do esqueleto, 111 deles estão estendidos ao comprido (82,22%). Poucos encontram-se flexionados: 17, a maior parte crianças, estão semifletidos (11,85%) e 6 (5 adultos e 1 criança) estão completamente fletidos (4,44%). O fato de a maior parte dos chamados semifletidos serem crianças indica o pouco valor classificatório desta categoria: as crianças não teriam sido acomodadas para o sepultamento como os adultos, mas depositadas numa disposição livre, talvez aquela em que tivessem morrido. Um caso é atípico. Trata-se do sepultamento n° 28, que é caso de doença rara de deformação óssea pajeitiforme (PEREIRA et alii, 1984). Estava deitado de costas, com a cabeça atirada para trás e o mento verticalmente para cima. Tinha um braço levantado e um joelho dobrado, com o pé sob a tíbia da outra perna. Nos demais sepultamentos, não foi possível observar o tipo de disposição do corpo, pois estavam muito perturbados, com os ossos em desalinho, às vezes faltando partes do esqueleto. Aliás, esta é uma das características dos enterramentos da Tapera, que mais adiante será comentada.

É de se notar que, dos sepultamentos fletidos, cinco deles (n°s. 80, 108, 117, 119, 160) estão em área onde não existe a camada de conchas.

Ainda no que diz respeito aos sepultamentos fletidos, deve-se frisar que três deles (n°s. 117, 119, 160) têm pedras como material associado, assinalando estas a sepultura, ou segurando o corpo na posição. Ademais, estes sepultamentos, com exceção feita ao de n° 160, que se encontra próximo ao riacho que ladeia o sítio, no setor 13A, estão concentrados numa porção bem particular do Sítio, próxima ao mar, que compreende os setores 6H, 6K, 6L, 7K, 8K e 8L.

O número 160 parece um caso particular ainda por outra razão: ao contrário dos outros indivíduos que apresentam pouquíssimas cáries, este tem os dentes muito cariados.

Tomando os dados brutos, tem-se as seguintes informações sobre a deposição dos mortos, que é sempre primária.

A posição do esqueleto, na cova, via de regra, é horizontal. Há um caso (n° 164), no qual ela é oblíqua, isto é, o esqueleto de criança de

tenra idade encontra-se em plano inclinado. Todavia, deve-se esclarecer que em algumas ocasiões (19 em 154) a região da cabeça encontra-se em nível superior à dos pés, o que pode variar, caso a caso, de alguns poucos centímetros até 20 cm.

O decúbito é ventral em 56 sepultamentos (42,42% dos 132 casos, onde foi possível observar); lateral (direito ou esquerdo) em 49 enterramentos (37,12%) e dorsal em 26 esqueletos (19,69%). Há, igualmente, alguns casos (4) nos quais o decúbito é ventral ou dorsal em parte do esqueleto e na parte restante é lateral (n°s. 84, 117, 148 e 150).

No que diz respeito à orientação do esqueleto, possuem-se as seguintes informações: norte-sul: 51; norte-leste: 1; nordeste-sudoeste: 40; nordeste-sudeste: 4; leste-oeste: 34 e noroeste-sudeste: 15 sepultamentos. Quanto à posição da cabeça, tem-se: norte: 36 casos; nordeste: 32; leste: 24; sudeste: 14; sul: 16; sudoeste: 8; oeste: 6 e noroeste: 1.

Os dados acima poderiam ser reveladores se os sepultamentos fossem realizados em espaços abertos, onde, por exemplo, a posição do mar ou de algum outro acidente geográfico fosse determinante da disposição dos mortos. A maior parte dos agrupamentos, no conjunto dos enterros, indicam claramente que as referências eram outras. Os sepultamentos realizados em segmentos de círculo, muitas vezes em decúbito lateral e a face voltada na direção do que poderia ser o centro do círculo, dão a forte impressão de que a referência era a parede interna da moradia. Para muitos outros sepultamentos a referência parece ter sido um espaço igualmente delimitado, provavelmente fora das habitações, como se fossem cemitérios domiciliares. Mais adiante estas posições serão detalhadas.

Para os 172 sepultamentos da Praia da Tapera, possui-se algum tipo de informação sobre idade na época da morte. Estes dados provêm das anotações de três pesquisadores: Rohr, Neves e Pereira (anotações deixadas entre os documentos do Museu do Homem do Sambaqui), sendo de Rohr as informações sobre crianças e jovens. No estudo de Maria Eloísa Maciel de Almeida estes dados deverão ser revisados e aplicados a todos os indivíduos do Sítio. Para o presente estudo, estas idades foram assim agrupadas:

GRUPO DE IDADE

GRUPOS	Nº
Criança (sem referência precisa à idade)	6
Menos de 1 ano	27
1 a 2 anos	11
3 a 5 anos	15
6 a 10 anos	10
10 a 16 anos	5
Adulto	79
Maduro	19

Deste modo, chegou-se às seguintes cifras:

— sepultamentos de crianças (0 meses a 10 anos): 69;
— sepultamentos de pré-adolescentes e adolescentes (10 a 16 anos): 5;
— sepultamentos de adultos: 83;
— sepultamentos de adultos maduros: 19.

No que se refere ao sexo, possuem-se informações só para alguns do grupo de adultos e maduros. Há somente um dado para o agrupamento de adolescentes (sepultamento nº 115, do sexo feminino). Para os adultos, dispõem-se de 43 referências: 23 são do sexo feminino, 18 de masculino e em 2 casos não há concordância na informação dos dois pesquisadores (Neves e Pereira, sepultamentos 98 e 166). Quanto aos maduros, há referências para 19 enterramentos: 8 são do sexo masculino, 8 do feminino e em 3 casos as informações são discordantes (Neves e Pereira, sepultamentos 39, 82 e 167).

No que diz respeito ao material associado aos sepultamentos, cinqüenta e dois esqueletos tinham junto a si alguma espécie de mobiliário funerário*. Este material está representado por artefatos líticos, ósseos ou conchíferos. Dentre as peças líticas associadas a enterramentos, tem-se: lâminas de machados, "quebra-cocos", artefatos fusiformes, lascas e seixos ou blocos de rocha. O material ósseo era constituído por pontas de vários tipos, inteiras ou fragmentadas, de ossos animais ou humanos, crânios e outros ossos humanos (ladeando-os ou formando coroas ao re-

* Rohr, no campo, anotava em fichas específicas todos os detalhes relativos aos sepultamentos. Daí, provém a maioria das informações sobre o material associado, tendo sido complementadas pelos dados constantes de tabela sobre a indústria óssea e sobre conchas, confeccionada pelo arqueólogo após as escavações do Sítio.

dor dos esqueletos) e por vértebras de peixe. O material conchífero, transformado em rodelas ou quadrados perfurados de conchas (*Olivella* sp. e outras), e o de dentes (de cação duplamente perfurados ou de mamíferos com um furo) constituía colares, cintos ou pingentes que acompanhavam o morto.

Destes 52 sepultamentos que tinham junto a si algum tipo de material, 18 eram crianças até 10 anos de idade. Os 34 restantes eram adultos ou adultos maduros de ambos os sexos. Para os adultos, 8 eram do sexo masculino, 9 do feminino e em 11 casos não foi possível determinar o sexo ou os dados dos antropólogos físicos, que os estudaram, discordam entre si. Quanto aos maduros, 4 eram do sexo masculino, 1 do feminino e para 1 caso houve discordância das informações sobre o sexo.

Com o objetivo de melhor compreender o significado do mobiliário funerário que fazia parte integrante do ritual destinado a alguns mortos da Tapera (30,2%), procedeu-se a uma divisão arbitrária dos vários grupos de idade para se relacionar o material associado à classe de idade. Da mesma forma, para as classes de idade onde há alguma informação sobre sexo (adultos e maduros), fez-se, separadamente, o estudo do material associado de acordo com o grupo de idade e levando em consideração o sexo.

Para a classe mais geral das crianças até 10 anos de idade, o material associado mais representativo e que está presente em 70,5% dos casos analisados são os colares de pequeno gastrópode marinho (*Olivella* sp.) e/ou de rodelas perfuradas de conchas e/ou de dentes de cação duplamente perfurados e/ou dente perfurado de felino. Aparece, igualmente, uma variante do colar: cinto de 9 dentes de cação duplamente perfurados num sepultamento. Além destes colares, deve-se citar a presença de artefatos fusiformes em dois sepultamentos, de um "quebra-coco", de duas pontas ósseas e a ocorrência de conchas atapetando duas covas. Em um apareceram três vértebras de peixe perfuradas. Em três sepultamentos desta classe de idade ocorreram ossos humanos provenientes da perturbação de sepultamentos anteriores.

No que diz respeito ao grupo de idade dos adultos do sexo masculino, as ocorrências, por ordem de maior freqüência, são as seguintes:

— pontas ósseas (em 4 sepultamentos);
— pedras (em 2 sepultamentos);
— artefatos fusiformes (2 artefatos fusiformes em 1 sepultamento);
— pedra apontada em diabásio (fusiforme?) (em 1 sepultamento);

— coroa de concreções de cinza (em 1 sepultamento);
— ossos humanos provenientes de sepultamento anterior, perturbado, apareceram em 3 sepultamentos.

Quanto aos adultos femininos, tem-se o seguinte quadro:

— pontas ósseas ou fragmento de ponta óssea (em 5 sepultamentos);
— pedras (em 3 sepultamentos);
— colar de rodelas perfuradas de conchas (1 sepultamento);
— dente de anequim duplamente perfurado (1 sepultamento).

Para o grupo dos adultos onde não foi possível determinar o sexo, ou houve discordância das informações sobre sexo, tem-se as seguintes ocorrências de material associado por ordem de freqüência:

— pedras (em 4 sepultamentos);
— colares (de vértebras de peixe; de rodelas e quadrados perfurados de conchas; de dentes de cação duplamente perfurados) (em 3 sepultamentos);
— lâmina de machado lítico (em 1 sepultamento);
— pontas grandes em osso humano (em 1 sepultamento);
— conchas de ***Connus*** sp. perfuradas no ápice (em 1 sepultamento);
— vértebra anormal de peixe (em 1 sepultamento);
— cinza e carvão sobre o esqueleto (em 1 sepultamento);
— estacas havia ao redor da cova (em 1 sepultamento);
— ossos humanos provenientes de sepultamento perturbado apareceram em 2 sepultamentos.

Quanto aos maduros, masculinos, tem-se:

— lâmina de machado lítico (em 1 sepultamento);
— dentes de cação duplamente perfurados (em 1 sepultamento);
— cinto de rodelas perfuradas de conchas (em 1 sepultamento);
— lasca cortante de diabásio (em 1 sepultamento);
— ponta óssea dupla (em 1 sepultamento);
— vértebra de peixe perfurada (em 1 sepultamento).

Para o único sepultamento de adulto maduro feminino com material associado, tem-se uma pedra.

Para o adulto maduro onde há discordância nas informações sobre sexo, tem-se como material associado um artefato fusiforme.

Comparando os acompanhamentos funerários das diferentes classes de idade, percebe-se que algumas coisas aparecem mais freqüentemente em umas do que em outras.

Colar e cinto são muito comuns em crianças, menos freqüentes em mulheres; aparecem em um sepultamento apontado como masculino.

Tapetes de conchas são exclusivos das crianças; pedras exclusivas dos adultos. Elas serviriam para manter a posição do corpo e, nas crianças, seriam desnecessárias.

Pontas de osso, dentes de cação perfurados e vértebras de peixe são comuns.

Lâminas de machado aparecem só com adultos; quando o sexo é conhecido, é no masculino.

Concreções de cinza ao redor do sepultamento só com adulto masculino.

Artefatos fusiformes, geralmente pensados como tembetás, aparecem em duas crianças, em dois adultos masculinos e em um adulto maduro, onde as informações sobre sexo são divergentes.

Um "quebra-coco" aparece com criança.

Estes dados insinuam diferenças entre crianças e adultos e entre adultos do sexo masculino e do sexo feminino. Dois sepultamentos, um de adulto masculino e outro de adulto sem determinação de sexo, com o corpo cercado por concreções de cinza (158) e pedras e crânios (31) tiveram um tratamento diferente; não temos certeza se tal tratamento representa uma diferença estrutural ou apenas acidental. A pequena quantidade de ocorrências torna impossível inferências mais precisas.

Como mais um comentário aos sepultamentos da Praia da Tapera, deve-se ressaltar que as inferências sobre os mesmos ficaram prejudicadas, uma vez que nem sempre se tem referência ao tipo de sedimento que envolvia o esqueleto. Este dado é importante para aquilatar-se a idade relativa do conjunto dos sepultamentos de um sítio, na medida em que a simples referência ao nível de ocorrência de um sepultamento não fornece qualquer informação referente à linha do tempo. O estabelecimento de uma cronologia relativa deve basear-se nas informações detalhadas a respeito da estratigrafia do sepultamento, isto é, dados sobre a constituição das camadas que ocorrem acima do esqueleto somadas às características do sedimento próximo ao enterramento. Se, por exemplo, houver uma camada de conchas acima de um dado esqueleto e não houver conchas junto ao sedimento que o envolve, este sepultamento, muito provavelmente, é anterior ao período de formação da camada de conchas. O raciocínio inverso, igualmente, é verdadeiro. No caso de um sítio como o da Praia da Tapera, com camada ocupacional embasada em

areia estéril da praia, se o sedimento envolvente a um sepultamento for constituído apenas ou principalmente de areia pura, isto estaria indicando uma idade relativa ao início da própria ocupação do sítio, pois a camada arqueológica propriamente dita ainda não se constituíra plenamente.

Seguindo este raciocínio, as informações fornecidas por Rohr para o tipo de sedimento que envolvia o esqueleto permite montar o seguinte quadro:

SEPULTAMENTOS DA TAPERA

TIPO DE SEDIMENTO QUE ENVOLVIA O ESQUELETO

Tipo de Sedimento	Esqueletos
Terra preta e (farelo de) concha	2,3,4,9,11,12,14,18,20,23,26,30,31,41,43,44,45,-46,52,54,56,57,63,86,94,96,97,98,99,100,101,102,-113,115,131,137,155,156,161,162,163,164,169,170 e 171
Terra preta	42,49,50,70,71,72,73,74,76,78,85,87,88,90,91,92,-106,110,152,154,157 e 160
Terra preta c/areia	66,117,118,119,121,124,125,126,127,128,129,135,-136,159
Areia com fraca percentagem de terra preta	6 7
Areia pura	39,28

Entretanto, na prática, as observações deste tipo ficam bastante restritas. Antes de trabalhar com os dados concretos sobre sepultamentos, pensava-se que, no caso de um esqueleto depositado abaixo de uma camada de conchas conter concha ou farelo de concha no sedimento que o envolvesse, seria incontestável a relação temporal deste com o surgimento desta camada ou sua idade relativa posterior ao seu aparecimento. Todavia, durante a análise, alguns senões antepuseram-se a esta metodologia de trabalho. Ficou patente que podem ocorrer sepultamentos depositados em setores sem camada de concha, mas que foram cobertos

com elas, vinculando-os, portanto, à época do surgimento de uma camada constituída por conchas. Ademais, como pouco se sabe a respeito da formação desta camada, que se apresenta sob a forma de muitas "lentes" esparsas, que provavelmente começaram a se formar desde a ocupação do sítio, tornou-se impraticável o estabelecimento de inferências quanto à idade relativa dos esqueletos entre si tendo-se como base a presença de conchas no sedimento que envolvia os sepultamentos. Persistindo este tipo de análise, poder-se-ia considerar anterior ao surgimento da camada de conchas um sepultamento que fosse realizado longe de uma "lente" em formação e que portanto não traria traços de conchas no sedimento mais próximo ao esqueleto, o que falsearia as comparações.

Assim, abandonou-se tal metodologia de trabalho, por falaciosa, restringindo-se a análise à constatação da idade relativa entre pares de esqueletos, através da observação de perturbações sofridas por determinados sepultamentos, onde o esqueleto perturbado é anterior ao que o perturbou.

Também através da observação das perturbações, pôde-se inferir a antigüidade relativa dos três padrões de sepultamento que ocorrem na Praia da Tapera.

A planta de topo da área onde ocorrem os sepultamentos permite visualizar a forma como os esqueletos foram dispostos uns em relação aos outros. Através da análise deste material e das informações constantes dos registros de sepultamentos, pode-se chegar à determinação de três padrões diferentes para enterrar os mortos da Tapera.

Um deles, que parece ser o mais antigo em vista das perturbações ocorridas posteriormente, consiste em depositar o morto contra a parede interna da habitação, formando cada conjunto de sepultamentos deste padrão um segmento de círculo, que acompanhava a estrutura circular das choupanas, cujo diâmetro ficaria em torno de 4 a 6 m. Deste primeiro momento, tem-se quatro exemplos registrados. As choupanas correspondentes não teriam sido todas contemporâneas. Os esqueletos correspondentes a este padrão estão estendidos ao comprido, dispostos em decúbito lateral, mas de modo que a face esteja voltada para o que seria o centro do círculo, ou seja, da habitação. Nestes sepultamentos há raro material associado; um único enterramento deste padrão apresentou mobiliário funerário. Apenas por comporação pôde-se vinculá-los à Tradição Itararé, uma vez que o Sítio da Praia das Laranjeiras, assentamento Itararé do litoral norte catarinense, apresenta esta padrão de sepultamento. Esqueletos de adultos de ambos os sexos estão presentes nos segmentos de

círculo. Em apenas um deles (Segmento de círculo II), aparece um sepultamento de criança, com idade aproximada de 9 anos. Os sepultamentos de crianças seriam feitos fora da casa, em outro tipo de cemitério?

O segundo padrão de sepultamento está bastante claro em alguns conjuntos; noutros fica mais difícil percebê-lo. Consiste em depositar os mortos em espaços delimitados, que podem ou não coincidir com o espaço ocupado pelas antigas choupanas do primeiro padrão. Estes espaços delimitados, que poderiam corresponder a cemitérios domiciliares, possivelmente estiveram cercados, limitando áreas que geralmente se configuram como quadriláteros. O material associado aos esqueletos deste padrão é tipicamente Itararé. Estes espaços delimitados podem ser pequenos, abrigando dois ou três enterramentos, ou bastante grandes, ocupando áreas maiores e com maior concentração de esqueletos. Nestes cemitérios, ocorrem tanto adultos e maduros de ambos os sexos como crianças, provavelmente todos os falecidos de uma casa. Os decúbitos são diversos, mas há uma tendência para os sepultamentos em decúbito ventral ou dorsal, não lateral. A orientação dos corpos parece não seguir qualquer orientação magnética pré-estabelecida, mas a disposição geralmente é paralela ou subparalela. Muitos esqueletos que compõem estes cemitérios perturbaram enterramentos do primeiro padrão, indicando sua menor antigüidade relativamente àqueles. Dentro do mesmo padrão há sobreposição de conjuntos, demonstrando que esta forma de sepultar durou muito tempo e que sobre as choupanas derruídas se construiram outras novas, com seus respectivos cemitérios domiciliares.

Nestes cemitérios, ou algumas vezes aparentemente fora deles, ocorrem sepultamentos que seguem outro padrão. Trata-se de esqueletos fletidos de adultos, onde pedras, em alguns casos, foram utilizadas para manter esta posição do corpo. Também ocorrem sepultamentos fletidos ou semifletidos de crianças. Nestes, não ocorrem pedras que desempenhem esta função e não foram considerados como sepultados conforme o terceiro padrão. Alguns sepultamentos que seguiram este padrão de enterrar perturbaram esqueletos depositados de acordo com o segundo padrão, o que indicaria sua menor antigüidade, ao menos ocasional, em relação àqueles.

Os cemitérios do 2° e do 3° padrão deveriam estar ao lado das choupanas a julgar pela disposição geral que assumem e sua relação com o resto do material.

Sepultamentos em estruturas habitacionais

Segmento de círculo I
Setores 8C e 8D
Sepultamentos 16 e 24

Os dois sepultamentos (adultos sem determinação sexual) estão estendidos ao comprido, com as faces voltadas para o interior do círculo. Foram perturbados por sepultamentos posteriores, enterrados conforme o segundo padrão. Não há material associado aos dois adultos que compõem este segmento de círculo, cujo diâmetro atingiria 4 metros, aproximadamente.

Segmento de círculo II
Setores 7F, 8F, 8E, 9E e 9F
Sepultamentos 41, 42, 43, 49 e 62

Dispostos em segmento de círculo, estes esqueletos, quando foi possível observar, encontram-se em decúbito lateral esquerdo, com as faces voltadas para o interior do centro. Tem-se um adulto feminino, um adulto masculino, dois adultos sem determinação sexual e uma criança de 8 a 10 anos. Alguns enterramentos deste segmento de círculo, que atingiria 4 a 5 metros de diâmetro, sofreram perturbação posterior por ocasião de abertura de novas covas para sepultamentos que seguiram outro padrão de enterrar os mortos. Apenas o sepultamento n° 49, de adulto, apresentou material associado: três conchas de bivalve, duas com dois furos e uma com um furo.

Segmento de círculo III
Setores 7 e 8G; 7 e 8F
Sepultamentos 67, 72 e 73

Trata-se de segmento de círculo formado pelo sepultamento de três maduros femininos. O decúbito é lateral esquerdo (dois casos) ou lateral direito (um caso). As faces estão voltadas para o que seria o interior da choupana, cujo diâmetro aproximado atingiria 4 a 5 metros. Alguns destes sepultamentos sofreram perturbações por enterramentos posteriores, que seguiram o mesmo ou outro padrão de sepultar. Não há material associado aos sepultamentos que compõem este segmento de círculo.

Segmento de círculo IV
Setores 9 e 10R
Sepultamentos 125 e 126

O decúbito é lateral esquerdo, estando as faces voltadas para o interior do círculo, cujo diâmetro atingiria aproximadamente 6 metros.

Compõem este segmento de círculo um adulto sem determinação sexual e um maduro masculino. O 125 foi perturbado por sepultamento posterior. O 126 apresentava evidências de estacas ao redor do esqueleto, cinza e carvão em cima dos ossos.

Embora isolados, sem comporem segmentos de círculos, alguns outros sepultamentos poderiam ter sido depositados contra a parede interna de choupanas, pois as características destes enterramentos seguem tal padrão de sepultar. Trata-se dos sepultamentos 23 (Setor 9C,D; adulto), 39 (6 e 7E; maduro, indicação de sexo duvidosa), 66 (Setor 7 e 8F; adulto feminino), 74 (Setor 7 e 8G; criança de 6 a 8 anos, acompanhada de artefato fusiforme), 76 (Setor 8G, 9FG; maduro masculino). O decúbito em todos é lateral, estando a face voltada no sentido oposto do que seria a parede da habitação e, portanto, para o centro.

Cemitérios domiciliares

O mais típico parece ser o mais afastado.
Setores 8, 9 e 10 R; 9 e 10 S
Sepultamentos 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158.

Duas crianças de menos de 1 ano; uma criança de 2 a 3 anos; dois adultos masculinos, estendidos um em decúbito dorsal, e outro em ventral; um maduro masculino, estendido em decúbito dorsal; um adulto feminino, estendido em decúbito dorsal.

Uma criança usa um colar formado de 4 dentes de anequim duplamente furados, mais um dente de graxaim perfurado; vem acompanhada ainda de um artefato fusiforme. Dois homens vêm acompanhados de ponta de projétil em osso. Um deles tem o corpo cercado por uma coroa de concreções de cinza, destacando muito sua posição.

Disposição paralela num espaço limitado de uns 7 m^2.

Bastante característicos são ainda os seguintes:

Setores 6 e 7 D
Sepultamentos 25, 26, 27, 28, 29.

Uma criança recém-nascida; uma criança de 2 a 3 anos; um maduro masculino estendido em decúbito dorso-lateral; um adulto estendido em decúbito dorsal; um adulto sem mais indicações.

Uma criança vem acompanhada de um "quebra-coco"; um adulto masculino de 4 pontas de projétil, talvez a causa de sua morte.

Disposição paralela, com exceção de uma criança atravessada sobre um adulto num espaço de uns 4 m^2.

Setores 6, 7, 8 C
Sepultamentos 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14.

Uma criança de 3 a 4 anos; uma criança de 5 a 6 anos; um maduro masculino, estendido em decúbito ventral; um adulto masculino, estendido em decúbito dorsal; dois adultos femininos estendidos, um em decúbito dorsal, outro, ventral; dois adultos sem determinação de sexo, um estendido em decúbito ventral, outro, sem dados.

Uma criança com colar composto de seis conchas de ***Olivella*** sp., mais um dente de anequim duplamente furado, mais três vértebras de peixe. Um maduro masculino com cinto de rodelas de ***Mytella guyanensis***. Um adulto feminino com ponta óssea com as duas extremidades aguçadas.

Disposição paralela num espaço de uns 4 m^2. O fato de alguns sepultamentos se sobreporem sugere espaço delimitado.

Setores 8 e 9 C e D
Sepultamentos 18, 30, 31

Um adulto feminino estendido em decúbito ventral; dois adultos sem determinação de sexo, estendidos, um em decúbito ventral, o outro dorsal.

Um adulto está acompanhado de duas pedras; um adulto está cercado de pedras e dois crânios e junto à cabeça tem 5 grandes pontas de projétil feitas de ossos humanos; tem posição muito destacada.

Disposição aproximadamente paralela, em espaço de uns 3 m^2.

Setores 11 B e C; 12 C; 13 C
Sepultamentos 45, 46, 47, 161, 162, 163, 164.

Três crianças com menos de 1 ano; uma sem determinação de idade; um adulto feminino estendido em decúbito dorsal; dois adultos sem determinação de sexo, um em decúbito dorsal, outro, ventral.

Um adulto acompanhado de uma pedra; uma criança com a cova atapetada de conchas e com um colar composto de rodelas perfuradas de conchas e de conchas de pequeno gastrópode, três dentes de anequim com duas perfurações, 40 dentes de ***Prionace*** com dois furos e três dentes de ***Prionace*** trabalhados. Uma criança com colar composto por 53 conchas de pequeno gastrópode, dentes de cação duplamente perfurados, 1 dente de felino perfurado; mais uma ponta de projétil de osso e uma de ostra.

Este conjunto de esqueletos depositados paralelamente também poderia fazer parte de um grande segmento de círculo, incluindo mais os

sepultamentos 165, 166, 167, de adultos, estendidos, dois em decúbito dorsal, um ventral, aparecendo então como se enterrados dentro de uma grande habitação de uns 10 m de diâmetro. De qualquer forma, não encaixaria no padrão 1 por causa da disposição dos esqueletos.

Setores 6 e 7 JK
Sepultamentos 90, 91, 92, 93, 106.

Quatro crianças, das quais três com 1 a 2 anos, uma entre 6 e 8 anos, e uma mulher madura, esta estendida em decúbito ventral.

Uma das crianças de um a dois anos vem acompanhada de um cinto composto por 10 dentes de anequim duplamente perfurados.

Aparentemente em disposição paralela num espaço de uns 2 m^2.

Setores 7 e 8 JK
Sepultamentos 97, 107, 108, 110.

Uma criança de 8 a 10 anos, fletida, em decúbito lateral; dois adultos masculinos, um feminino, estendidos um em decúbito ventral, dois, em dorsal.

Um adulto masculino vem acompanhado de 2 (ou 3) artefatos fusiformes e três pontas com duas extremidades afiladas.

Disposição paralela num espaço menor que 4 m^2. Ao menos parcialmente sobreposto ao seguinte.

Setor 7 e 8 IJK
Sepultamentos 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 113, 114.

Três crianças de menos de 1 ano, uma de 2 a 4 anos; dois adultos femininos estendidos em decúbito ventral, três adultos sem determinação de sexo, estendidos, dois em decúbito lateral direito, um em decúbito ventral e um adulto feminino em decúbito dorsal.

Um adulto sem determinação de sexo tinha um colar de 11 vértebras de peixe.

Disposição aproximadamente paralela num espaço alongado de uns 8 m^2.

Setores 6 e 7 KL
Sepultamentos 117 e 118.

Um adulto feminino e um adulto sem indicação de sexo. O primeiro, fletido em decúbito entre ventral e lateral, com cinco pedras assinalando a cova; o segundo, estendido em decúbito ventral.

Em disposição paralela num espaço um pouco maior que 1 m^2.

Ainda poderiam ser incluídos, provavelmente, neste padrão os seguintes agrupamentos:

Setores 11 e 12 J
Sepultamentos 103, 104, 105.

Duas crianças de 1 a 2 anos; um adulto sem determinação de sexo, estendido em decúbito dorsal.

Uma criança com colar de cinco dentes de cação duplamente perfurados; e uma criança com colar de 7 dentes de cação duplamente perfurados.

Setores 11 e 12 M
Sepultamentos 139, 140, 171.

Uma criança de meses; uma criança de 2 a 3 anos; um adulto sem indicação de sexo, estendido em decúbito dorsal.

Uma criança com colar composto de conchas de marisco e rodelas perfuradas de conchas.

Setores 6 e 7 N
Sepultamentos 141, 142, 143.

Três crianças de meses.

Uma delas com dois dentes de cação duplamente perfurados.

Setores 10 e 11 P
Sepultamentos 147, 148, 149.

Uma criança de meses; uma criança de uns 10 anos; um adulto feminino, semifletido, em decúbito dorso-lateral.

Setores 12 e 13 G e 12 H
Sepultamentos 168, 169.

Uma criança de 1 a 2 anos; um adulto feminino, estendido em decúbito ventral.

Há numerosos outros sepultamentos, que provavelmente se encaixariam neste modelo, porém é mais difícil circunscrevê-los: estão isolados ou em conglomerados muito densos.

Sepultamentos fletidos

Um terceiro padrão, com os corpos completamente fletidos, ou com as pernas fortemente dobradas, está representado por poucos casos. Sete são bastante claros: n°s. 56, 80, 117, 119, 120, 136 e 160. Um caso é de um jovem de uns 15 anos, um de mulher, dois de homens, três de adultos sem indicação de sexo. Em três casos há pedras para manter a posição fletida ou ao menos cercando o corpo.

Embora a maior parte dos casos represente sepultamentos isolados e não se possa estabelecer uma relação com sepultamentos dos outros dois modelos, em três situações parece haver sobreposição com relação ao padrão dois, indicando serem mais recentes.

8.2. COMPARAÇÕES

As comparações que se pretendeu realizar foram prejudicadas pela falta de informações específicas para o conjunto dos sepultamentos ocorridos nos sítios litorâneos Itararé de Santa Catarina. Os dados disponíveis, no mais das vezes, referem-se apenas à disposição dos esqueletos, características do decúbito e material associado, não levando em conta os demais fatores pertinentes, os quais poderiam ser muito mais importantes para o estabelecimento de padrões de sepultamento. Não há informações, de um modo geral, sobre localização espacial destes enterramentos em relação a outras estruturas do assentamento, nem tampouco à inter-relação dos sepultamentos entre si. Ademais, a maioria dos sítios foi escavada parcialmente, não se podendo tecer considerações mais detalhadas sobre padrões e rituais de sepultamento.

Os únicos sítios do litoral catarinense que dispõem de informações mais detalhadas são o da Tapera e o da Praia das Laranjeiras, no litoral norte, ambos escavados por Rohr.

Na **Base Aérea** foram resgatados 54 esqueletos de adultos, jovens e crianças e fragmentos de dezenas de outros. Os mortos seriam enterrados, predominantemente, em posição estendida, em decúbito dorsal, raramente ventral, com os braços ao longo do corpo, sendo a orientação do esqueleto aproximadamente norte-sul, com a cabeça ora para uma, ora para outra direção. As crianças, mas também adultos, podiam vir acompanhados de colares de conchas, ou rodelas, às vezes com dentes de cação ou felino. Raramente havia ornato de pequeno seixo perfurado (ROHR, 1959: 199-266; SCHMITZ, 1988: 114).

Na escavação do **Sítio do Rio Lessa** não foram encontrados sepultamentos inteiros. Os restos ósseos estavam dispersos em toda as camadas e em todos os setores. Um dos sepultamentos sugere a presença de vários corpos; associados uma lâmina de machado polida, contas de prováveis adornos e impregnação de corante vermelho.

Pelo número de fragmentos de ossos humanos não foram poucos os sepultamentos efetuados no sítio. Porém estes se encontravam localizados muito próximos à superfície, tendo sido conseqüentemente des-

truídos pelo cultivo de roças, que foram realizadas de maneira constante sobre o sítio (BECK, 1972; SCHMITZ, 1988: 113).

No **Sítio da Praia das Laranjeiras** os sepultamentos escavados, por estarem mais ou menos conservados, eram 113, julgando o escavador que os mal conservados, e por isso não recuperados, seriam ainda mais numerosos. A maior parte estava em posição fletida total ou parcial; 17 adultos e 5 infantes estavam acompanhados de oferendas funerárias (1 adulto e os 5 infantes de objetos de adorno). Os sepultamentos formavam conjuntos densos, denotando cemitérios domiciliares bem delimitados. Ao lado deles há espaços sem enterros que supomos corresponderem ao interior das casas. Um determinado grupo desses cemitérios está orientado numa direção, ao passo que outros estão em direção diferente, como se estivessem acompanhando a orientação das habitações às quais serviam.

No **Sambaqui da Enseada I**, os dez sepultamentos da ocupação ceramista apresentam predominantemente as seguintes características: são primários, depositados em covas de argila, acompanhados de corante vermelho, em posição fletida, em decúbito lateral. São diferentes dos encontrados na primeira ocupação, que é pré-cerâmica (BECK, 1972, 1974; SCHMITZ, 1988: 107).

Estas poucas informações insinuam que as populações litorâneas, que usavam cerâmica de Tradição Itararé, não compartilhavam uma tradição de sepultar os mortos muito estrita.

A primeira ocupação da Tapera e a população da Praia das Laranjeiras parecem ter em comum o enterro de mortos contra a parede interna das choupanas; na Tapera eles estão estendidos; na Praia das Laranjeiras, fletidos, característica que compartilha com Enseada I.

Na segunda ocupação da Tapera os mortos estão enterrados estendidos, em decúbito dorsal ou ventral, como na Base Aérea, não se sabendo se nesta também em espaços limitados. Estendidos, como na segunda ocupação, encontram-se os sepultamentos pré-cerâmicos da Armação do Sul e do Sambaqui da Praia das Laranjeiras estudados no programa.

O fato de na Tapera, mais fortemente no final do período, aparecerem alguns sepultamentos fletidos não pode ser tomado como algo extravagante porque em sítios do litoral norte essa parece ser a forma de enterrar os mortos.

Uma dúvida persistente é se os sepultamentos do segundo e talvez do terceiro padrão não poderiam ser da população Tupiguarani, que

ocupou o sítio depois da Tradição Itararé. Pelos materiais que acompanham os sepultamentos ligados à Tradição cerâmica Itararé, não parece ser o caso. Mas como atribuímos os sepultamentos à Tradição Itararé pela comparação com sítios puros desta Tradição, buscou-se aqui também fazer a prova negativa, olhando como são os sepultamentos da Tradição Tupiguarani no Estado de Santa Catarina.

É importante lembrar que, apesar de na escavação não terem sido encontrados sepultamentos em urnas Tupiguarani, bastantes restos destes vasilhames grandes foram reunidos nas amostras levadas ao Museu.

Rohr (1984), na listagem dos sítios arqueológicos do Estado de Santa Catarina, faz referência à existência de urnas funerárias em sítios cerâmicos Tupiguarani dos seguintes municípios (os números entre parênteses correspondem à seqüência estabelecida pelo autor na obra citada): **Jaguaruna** (39, 40, 41, 44, 46, 50, 52, 55), **Imbituba** (13, 14), **Paulo Lopes** (1), **Palhoça** (8), **Florianópolis** (44), **Itapiranga** (3, 4, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 28, 29, 35, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 49, 50), **Mondaí** (1, 2), **Caxambu do Sul** (1, 2), **Águas de Chapecó** (1) e **São Carlos** (1, 2, 3, 4).

O número de urnas funerárias encontradas nesses sítios, referidos por Rohr, sobe a mais de cento e vinte e cinco. O autor não refere a localização das mesmas no espaço da aldeia.

O material associado a esses sepultamentos em urnas varia desde tembetás, lâminas de machados polidas, lâminas de machados semilunares e colares de discos perfurados de conchas, bastonete de resina e potes menores. No Sítio Itapiranga 8, foi encontrada urna funerária com esqueleto de criança, que tinha bracelete de pedras perfuradas de cor azul, verde e branca. Também junto ao esqueleto, dentro da urna, foi encontrada uma vasilha menor contendo um esqueleto de peixe.

Passando em revista alguns sítios concretos, que têm sepultamentos, observamos o seguinte.

No **Sítio de Rio Tavares** (Ilha de Santa Catarina, SC.LF.18) foram encontradas duas grandes urnas funerárias. Uma estava enterrada na areia estéril da base; a outra atravessava os diferentes níveis do sítio. Dentro de uma delas estavam depositados fragmentos de ossos longos de um esqueleto humano (PIAZZA, 1965: 53-79).

No Oeste Catarinense, ao longo do Rio Uruguai, foi estudada a maior parte dos sítios Tupiguarani, como se pode ver pela listagem do Pe. Rohr, e aí também são mais comuns urnas com sepultamentos (Municípios de Itapiranga, Mondaí, São Carlos).

Conforme Piazza, (1969a), a **Fase Mondaí** é constituída por sítios-habitações e/ou de enterramento. Piazza (Op.cit., p.02) faz referência a restos de urnas funerárias em alguns dos quarenta sítios da fase. Consta que estas urnas nem sempre estão agrupadas.

No **Sítio da Capela** (SC.U.21), estudado por Schmitz (1957), um pequeno curso d'água, afluente do Rio Uruguai, atravessa o sítio, dividindo-o em dois setores: na margem direita estende-se vasta área de urnas funerárias; na margem esquerda estavam localizados três fundos de cabanas ovais de 20 a 45 metros de diâmetro.

Do cemitério foram retiradas dez urnas de grandes dimensões e potes minúsculos. Anteriormente, dezenas delas foram atingidas pelos trabalhos agrícolas; algumas ainda continham restos humanos.

Schmitz e outros (com. pes., 1985) encontram em Itapiranga diversas urnas agrupadas com esqueletos bastante decompostos.

Conforme Piazza (1971), na **Fase Itá**, Subtradição Corrugada, no Alto Uruguai, a maioria dos sítios são sítios-habitação, alguns são sítios-cemitérios. Como a cerâmica obtida para análise estava muito fragmentada pelo trabalho agrícola, não se pôde verificar se as urnas estavam agrupadas ou, ainda, se possuíam tampas.

O mesmo autor estabeleceu a **Fase Ipira**, Subtradição Escovada, também no Alto Uruguai, na qual há sítios-habitações e sítios-cemitérios.

O mero fato de que se mencionem "urnas" ainda não nos autorizaria a falar de sepultamentos em urnas, porque os vasilhames grandes, às vezes simplisticamente assim denominados, não eram feitos para serem urnas, mas usados como tais quando velhos e geralmente imprestáveis. Eles se tornam urnas realmente apenas no momento do enterro.

Pelos dados reunidos no Estado e pelas informações de outros estados vizinhos podemos supor que os enterros Tupiguarani eram feitos em urnas e não diretamente na terra e que, portanto, os sepultamentos da Tapera não são deste grupo.

Onde estão e por que não apareceriam os sepultamentos Tupiguarani é uma questão difícil de responder. Uma das alternativas é que a escavação não tenha chegado até o lugar onde os mesmos se localizariam; muitas vezes eles se localizam na proximidade da aldeia e não dentro dela. Outra, a de que os esqueletos tenham tido menor preservação porque as urnas retêm a água muito mais que as areias grossas da praia e com isso decompõem mais rapidamente os elementos orgânicos. As urnas poderiam ter sido quebradas com o uso da terra ou o crescimen-

to das árvores. A pouca visibilidade dos enterros Tupiguarani é notória na maior parte dos sítios estudados no Sul do Brasil.

O sepultamento 160, fletido, separado e com muitas cáries, que parece indicar um indivíduo estranho, dificilmente poderia ser interpretado como um Tupiguarani, sendo mais provavelmente um visitante Itararé do Planalto.

Se em pesquisas futuras, nas áreas próximas, aparecessem sepultamentos diretamente na terra, mas ligados seguramente à cerâmica Tupiguarani, as inferências aqui realizadas poderiam ser retomadas.

8.3. OBSERVAÇÕES

Os 172 sepultamentos da Praia da Tapera, concentrados numa porção de aproximadamente 608 m^2 do total de cerca de 2.000 m^2 da área escavada, estariam, pois, todos vinculados à Tradição Itararé. Tal hipótese se tornou possível devido à comparação com os sepultamentos dos outros sítios litorâneos atribuídos à Tradição Itararé e pelo material associado aos sepultamentos. Também com a exclusão de que sejam semelhantes aos enterros Tupiguarani.

Os padrões de sepultamento presentes na Tapera levam a pensar na existência de dois momentos de ocupação Itararé do Sítio, provavelmente por duas populações diferentes. Um primeiro, onde os mortos eram enterrados contra as paredes das habitações, e um segundo, no qual os enterramentos eram feitos em espaços retangulares delimitados, provavelmente cercados, fora das habitações.

Não há maior informação sobre sepultamentos relacionados à ocupação Tupiguarani na área escavada, neste passo de nossa pesquisa.

9. A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS ARTEFATOS E ESTRUTURAS

Tendo-se em vista que o Sítio da Praia da Tapera teve ocupações em épocas diferentes, por duas tradições tecnológicas e culturais (a Itararé e a Tupiguarani), a análise da distribuição espacial dos artefatos e das estruturas na área do Sítio poderia contribuir para separar com maior probabilidade de sucesso os materiais arqueológicos pertinentes a cada uma delas. Esses materiais compreenderiam os artefatos líticos, os ós-

seos, os restos alimentares e as estruturas ligadas à habitação e ao sepultamento, uma vez que a cerâmica das populações ligadas a estas tradições é mais facilmente identificável por suas próprias características intrínsecas.

Entretanto, esta não é uma tarefa simples. E tem-se várias razões para que seja assim. Em primeiro lugar, está-se lidando com duas populações ceramistas. Ter-se-ão, deste modo, artefatos que se coadunem com esta especificidade econômica, ou seja, artefatos que desempenhem funções ligadas a estas atividades, tais como machados, afiadores, cerâmica, pedras para polir cerâmica. De outra parte, estando ambas assentadas num mesmo meio ambiente e podendo explorar, portanto, os mesmos recursos, necessitarão de instrumentos vinculados à sua exploração: machados para cortar e tratar madeira, projéteis para a caça; redes e/ou anzóis para a pesca, espátulas ou percutores para retirar moluscos dos substratos duros, para só mencionar alguns. Além disso, os recursos minerais e animais disponíveis para a confecção de instrumentos são os mesmos para ambos grupos: o basalto diaclasado, os seixos, os cristais, os granitóides para instrumentos de pedra; ossos, dentes e conchas para toda uma gama de usos.

Apesar desses determinantes, não se podem deixar de lado aqueles de ordem cultural, que obedecem a padrões bem definidos e isentos de "razão prática". Nestes aspectos irá residir a diferença e, com ela, a possibilidade de separar, senão a totalidade dos materiais, alguns deles, caracterizando-se os núcleos espaciais de ditas ocupações e suas especificidades.

A tarefa de se fazer uma análise espacial, isto é, estudar de que maneira estão distribuídos no espaço do Sítio os materiais e estruturas ligados às duas ocupações, impôs-se na medida em que se teve como objetivo especificar e compreender os padrões de assentamento das tradições Itararé e Tupiguarani no litoral central de Santa Catarina, investigando como eles se caracterizaram na Praia da Tapera.

É bom ressaltar, de começo, que os resultados atingidos com a distribuição espacial de alguns materiais devem ser encarados com muita precaução. Altas percentagens de alguns grupos de artefatos, principalmente os líticos, não possuíam referência, na peça, à localização espacial no Sítio. Assim, por vezes, apenas parte de certos agrupamentos de instrumentos assemelhados foram plotados na planta baixa do Sítio, o que pode mascarar outro tipo de tendência de localização no espaço se

pudéssemos considerar o restante das peças do mesmo agrupamento*. De qualquer forma, algumas certezas e outras tantas fortes probabilidades de acerto firmaram-se. Acompanhe nas plantas baixas 4-19.

O primeiro dado, que salta imediatamente aos olhos, é que os sepultamentos estão concentrados num espaço de aproximadamente 608 m^2 no ângulo formado pela praia e o Rio da Êra. Os sepultamentos mais antigos eram feitos em choupanas aparentemente circulares, de uns 4 a 6 m de diâmetro, enfileiradas num espaço aplanado, imediatamente atrás de uma praia bastante íngreme. Um pequeno número (2, no máximo 3 choupanas) se sucedia no mesmo espaço durante o tempo em que os sepultamentos eram feitos dessa maneira.

Sepultamentos posteriores foram realizados no mesmo espaço, mas também na proximidade, duplicando a área anterior. A maior parte deles ainda está agrupada em espaços limitados (cercados?), como se fossem cemitérios domiciliares, mas aparentemente não mais dentro das casas e certamente não mais ao longo das paredes. É provável que as choupanas, cuja forma não mais é possível reconstituir, estivessem no mesmo local, na vizinhança dos sepultamentos. Como o espaço ocupado é maior, é possível que tenham sido um pouco mais numerosas (digamos 3 a 4).

No espaço em que estão os sepultamentos, e presumivelmente as choupanas, encontram-se os aglomerados de seixos e os núcleos de cinza e carvão interpretados como fogões; dos 24 fogões expressamente indicados no diário de campo, apenas um encontra-se fora deste espaço. Estão concentrados aí, também, os materiais mais significativos: os ossos modificados, compreendendo as pontas, as vértebras de peixe, os dentes de mamíferos e de cação com dois furos; finalmente, os dentes não trabalhados de mamíferos, de cação, tubarão e miraguaia; os artefatos fusiformes, associados diretamente a sepultamentos ou achados isolados; a totalidade dos pesos de rede; pequenas pedras polidas; pequenos blocos raspados de óxido de ferro (freqüentemente associado a sepultamentos); as lascas provenientes de reativação de artefatos polidos.

---

* Algumas vezes, Pe. Rohr media o volume dos materiais, provavelmente os não levados para laboratório, ao mesmo tempo em que contava aqueles que, possivelmente, eram levados ao museu. Desta forma, para lascas, cerâmica em geral e seixos rolados, ficou-se com duas categorias de medida (volume em litros e quantidade em unidades). Para melhor visualização da distribuição espacial destes materiais no espaço escavado, convencionou-se aqui as seguintes equivalências: a) seixos rolados: 1 litro = 8 seixos; b) lascas: 1 litro = 16 lascas; c) cerâmica: 1 litro = 32 fragmentos; d) núcleos: 1 litro = 32 peças.

Os artefatos, que desempenhariam funções de machado, quer os confeccionados sobre prismas como sobre seixos, apesar de terem uma dispersão maior, mostram clara tendência concentradora na área dos sepultamentos. O mesmo acontece com os percutores e os percutores-bigornas. As bigornas apesar de não ausentes na parte central, mostram-se bem mais claramente periféricas.

A quase totalidade dos seixos, excetuando os que formam estruturas de fogões, concentra-se principalmente no canto nordeste do Sítio, incluindo ainda partes da área de sepultamentos, notadamente a nordeste e noroeste. Os núcleos ocupam uma posição característica, atravessando o sítio pelo centro, perpendicularmente à praia do mar.

As lascas estão na periferia dos sepultamentos, excetuados, naturalmente os lados ocupados pelo Rio da Êra e pelo mar. A cerâmica de ambas tradições está preferencialmente na área dos sepultamentos e sua periferia imediata, mas no canto nordeste há uma outra concentração um pouco menos densa, que poderia ser um núcleo Tupiguarani.

As camadas de conchas estão claramente concentradas na área dos sepultamentos, exceto raras e pequenas "lentes" que ocorrem nas proximidades.

A soma dessas configura claramente um núcleo habitado contra uma periferia. Uma distribuição de estruturas e de áreas de atividades. No centro deste núcleo encontram-se os sinais de choupanas, os sepultamentos, os fogões, e uma grande quantidade de artefatos. A periferia é indicada por outros materiais.

Buracos de estaca são abundantes, principalmente na periferia.

A aldeia, assim configurada, com seu núcleo e sua periferia, é o centro das duas ocupações do Sítio? ou só de uma delas? de qual? onde estaria, então, e como seria a aldeia da outra ocupação?

Os indicadores que temos indicam que esta é a aldeia da Tradição Itararé. Os indicadores Itararé são os seguintes:

— sepultamentos contra a parede, no interior de pequenas choupanas circulares, padrão muito claro também na aldeia unicomponencial da Praia das Larajeiras. Alguns sepultamentos posteriores, em espaços limitados, trazem artefatos que os identificam como Itararé. Normalmente se atribuem ao Tupiguarani casas grandes (para famílias extensas) e sepultamentos em urnas, que contrastam fortemente com os dados aqui apresentados;

— os artefatos fusiformes característicos para os sítios litorâneos da Tradição Itararé;

— os dentes de cação com dois furos, em contraposição aos de um só furo, da etapa pré-cerâmica;

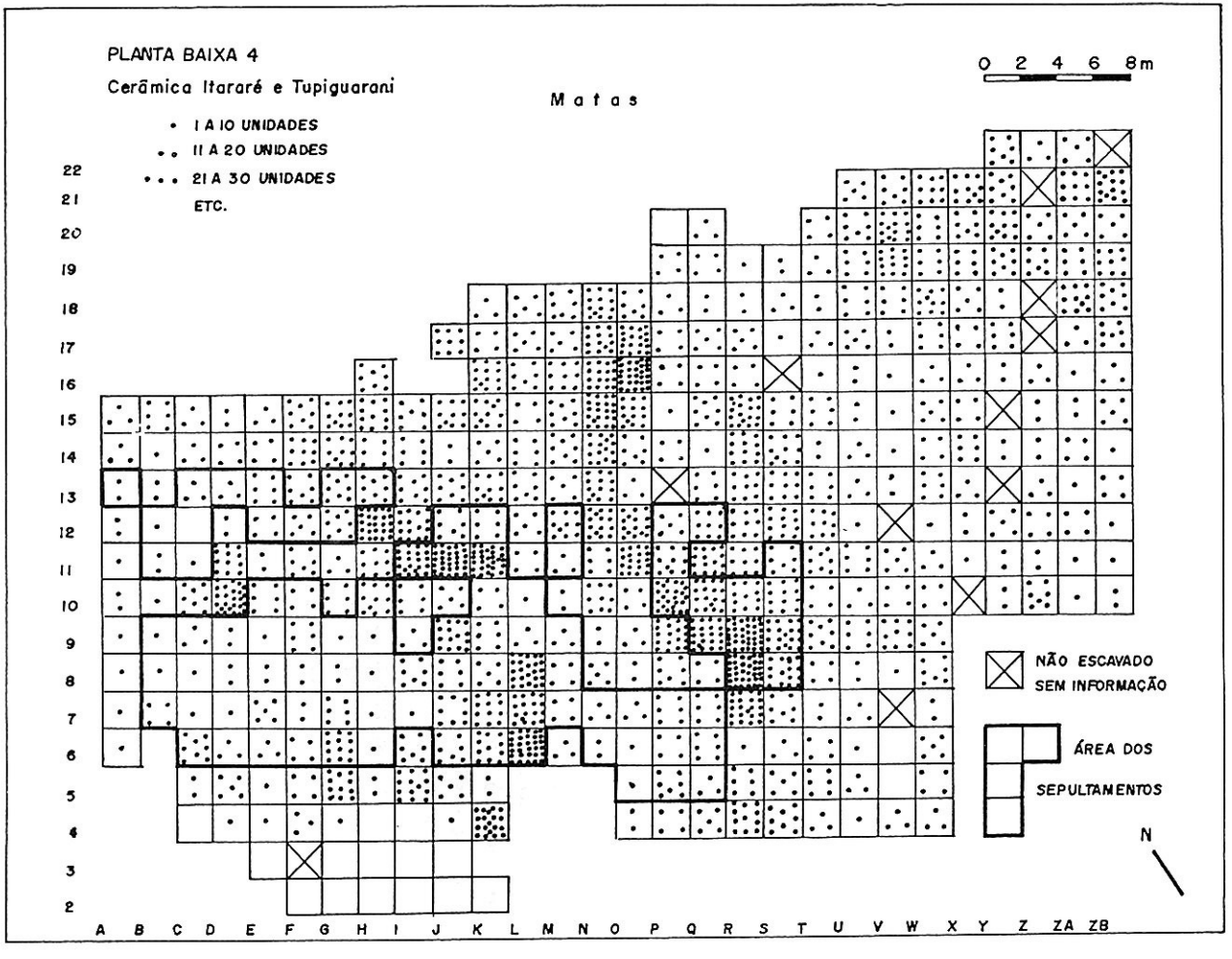
— as abundantes pontas de projétil em osso, muito menos representadas nos sítios pré-cerâmicos;

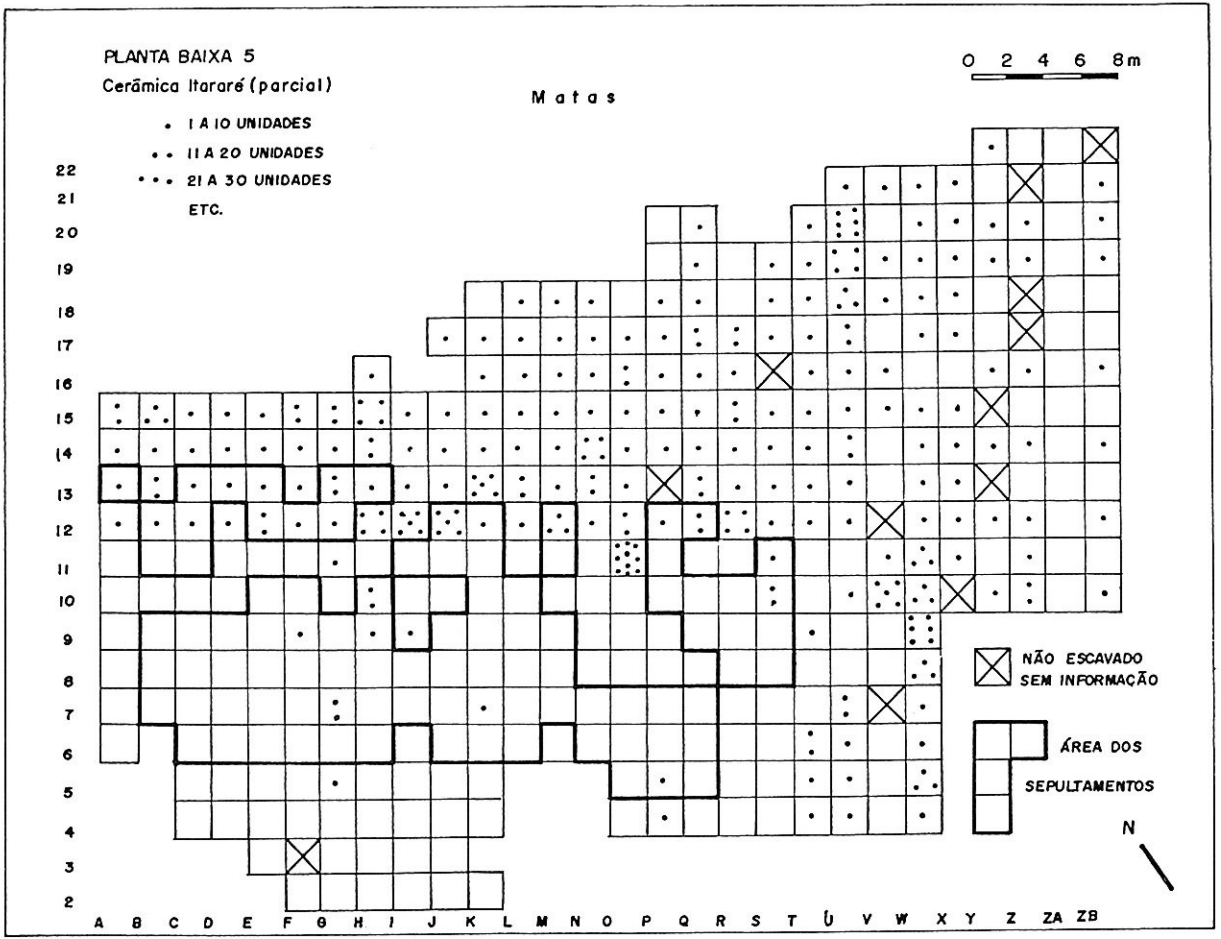
— uma forte concentração de cerâmica da Tradição Itararé nas imediações da área dos sepultamentos (1.718 cacos do total de 4.631 fragmentos recuperados no todo da escavação). Os restantes 2.813 devem estar na própria área dos sepultamentos.

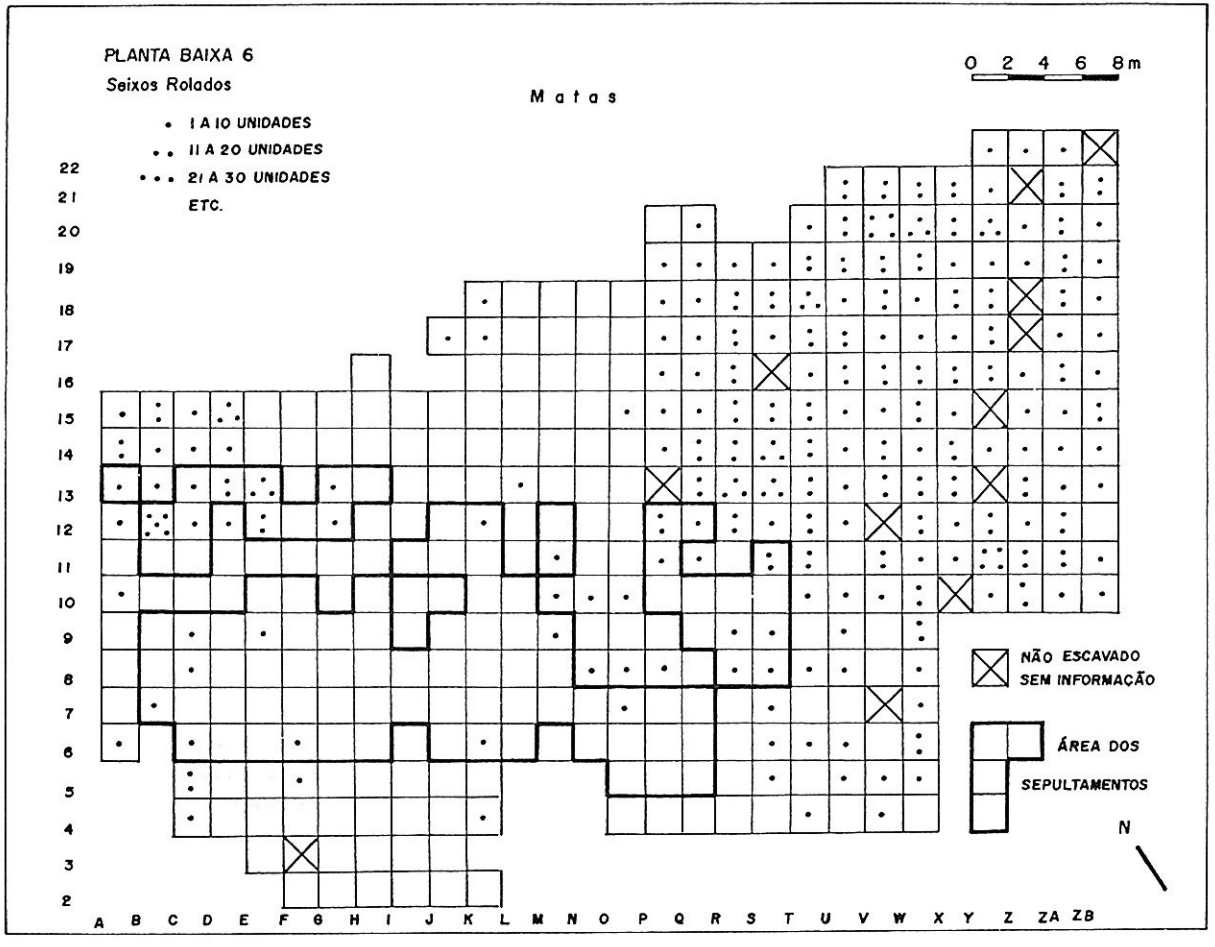
A análise da distribuição espacial de alguns materiais, principalmente os núcleos, as lascas e a cerâmica, sugere deslocamentos de construções da aldeia no espaço deste núcleo que foi habitado, uma vez que certas áreas tendem a ter maior acúmulo de materiais, em detrimento de outras, onde a ocorrência é menos densa.

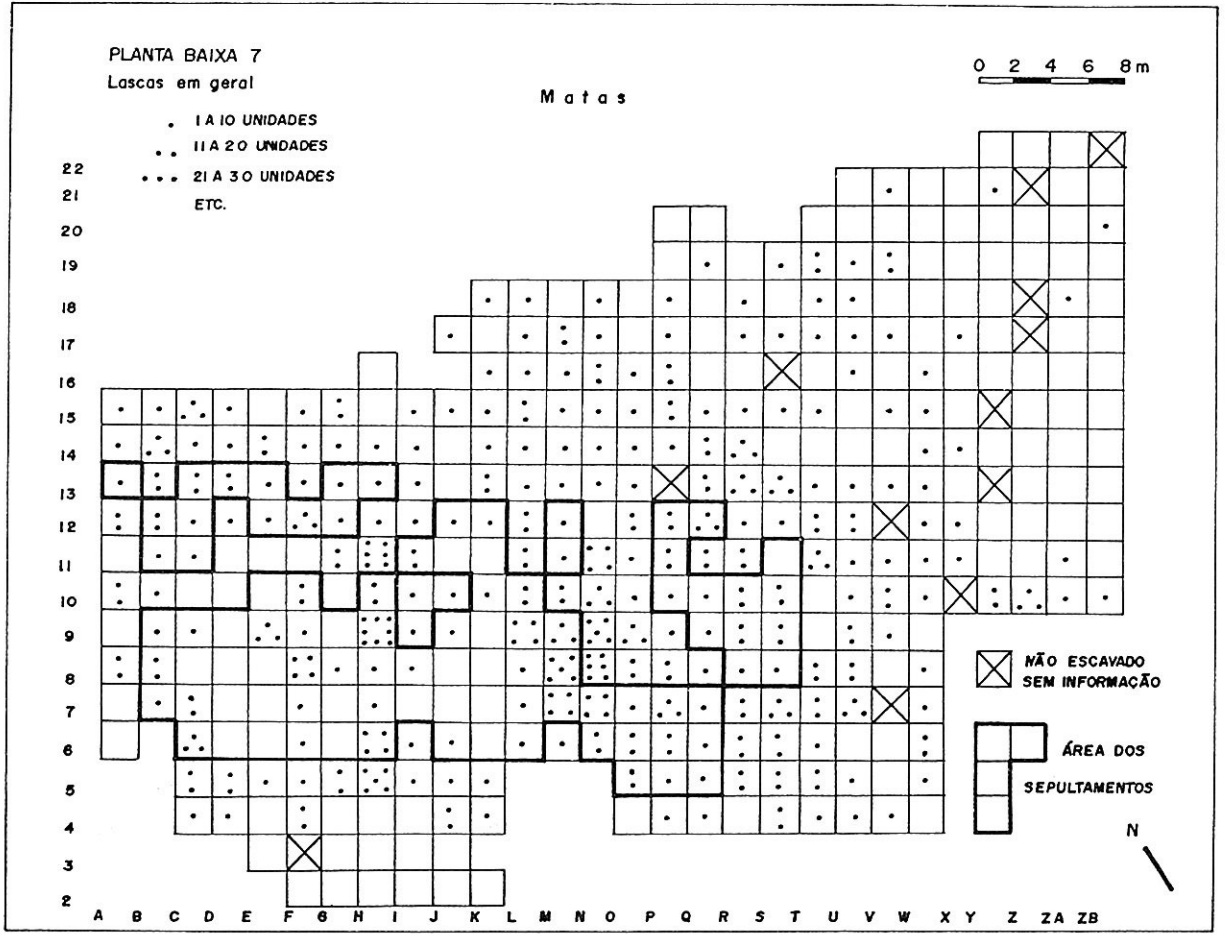
Onde estaria e como seria o assentamento Tupiguarani? Os cacos cerâmicos desta Tradição aparentemente se encontram mais densos no que seria a periferia da anterior, a uma distância um pouco maior da praia, embora recubram também o espaço antes comentado. Em toda essa área existe um número enorme de buracos de estaca, que poderiam ser das choupanas destes horticultores. Entre os materiais cerâmicos recuperados há aglomerados de cacos correspondentes a recipientes grandes, reconstituídos em laboratório, como os que o Tupiguarani usava para enterrar os seus mortos. Por que estes mortos não foram encontrados?

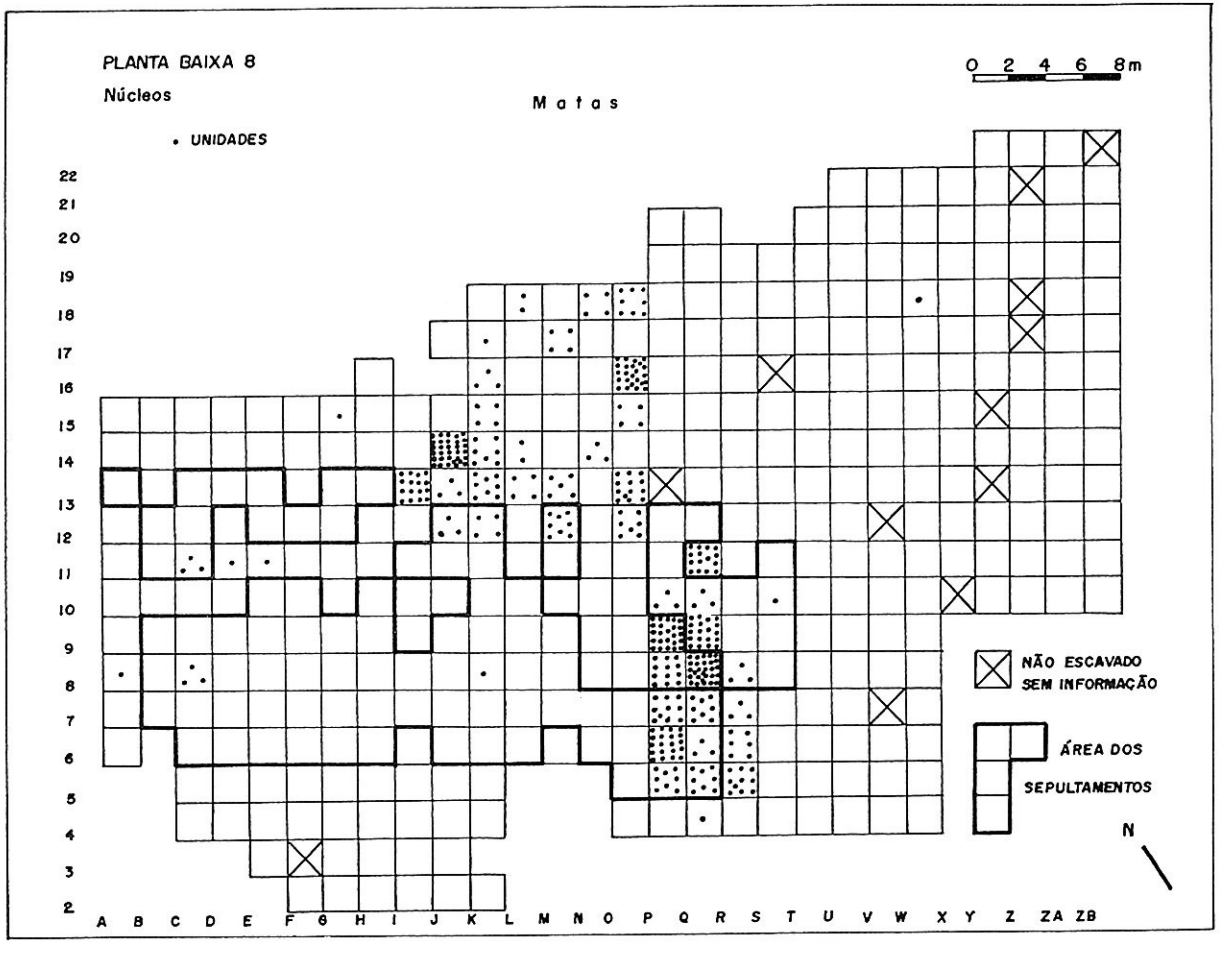
Como supomos que os dois assentamentos se deram em tempos muito diferentes, a sobreposição se daria por um mero acaso, no mesmo espaço, mas com localização concreta bem diferente. De fato, nos milhares de cacos de cerâmica da Tradição Itararé não se encontrou aculturação, a qual é marcada em sítios onde convivem na mesma aldeia duas populações étnica e culturalmente diferentes.

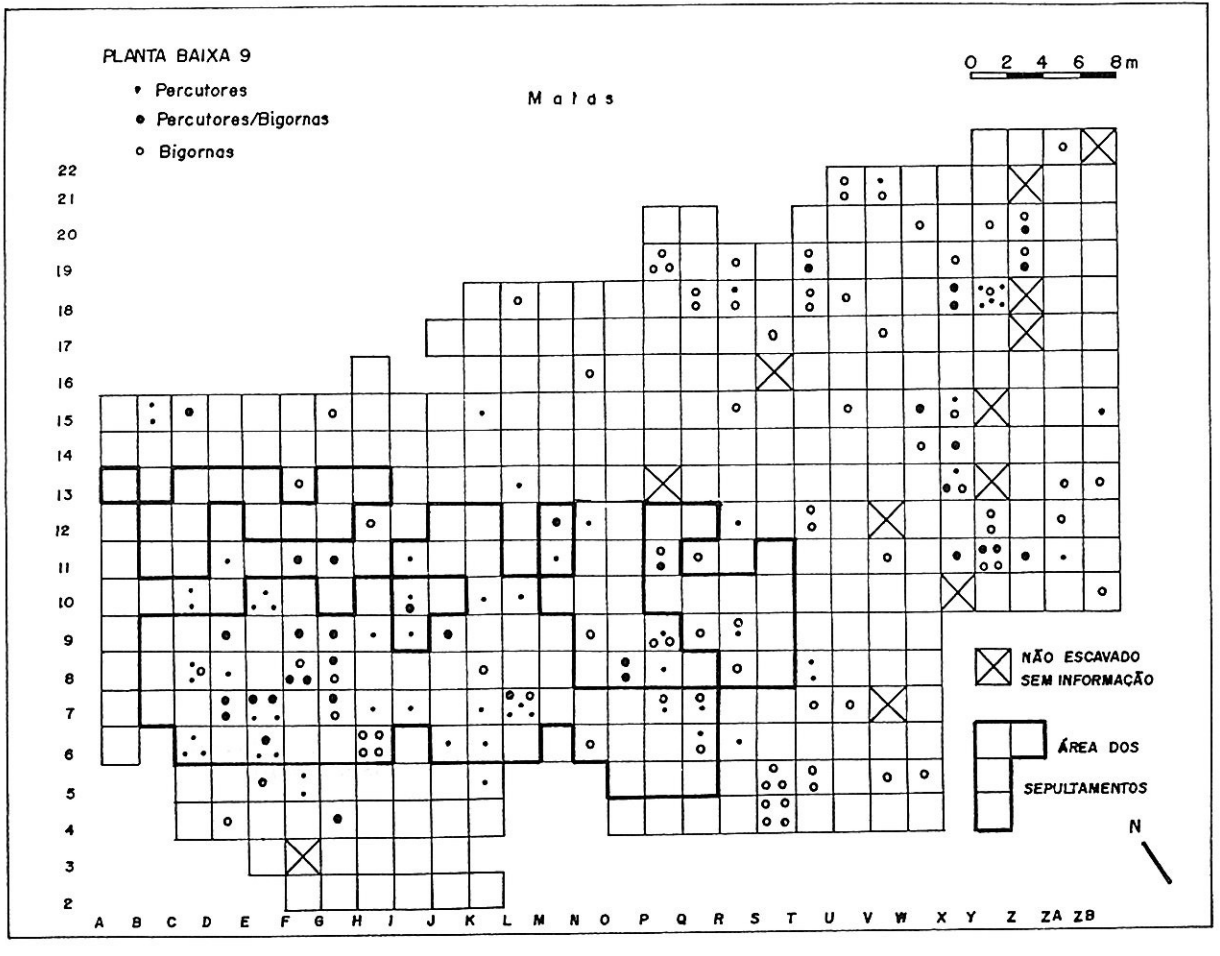

PLANTA BAIXA 4
Cerâmica Itararé e Tupiguarani
Matas
0 2 4 6 8m
• 1 A 10 UNIDADES
•• 11 A 20 UNIDADES
••• 21 A 30 UNIDADES
ETC.
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
22 21 20 19 18 17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB

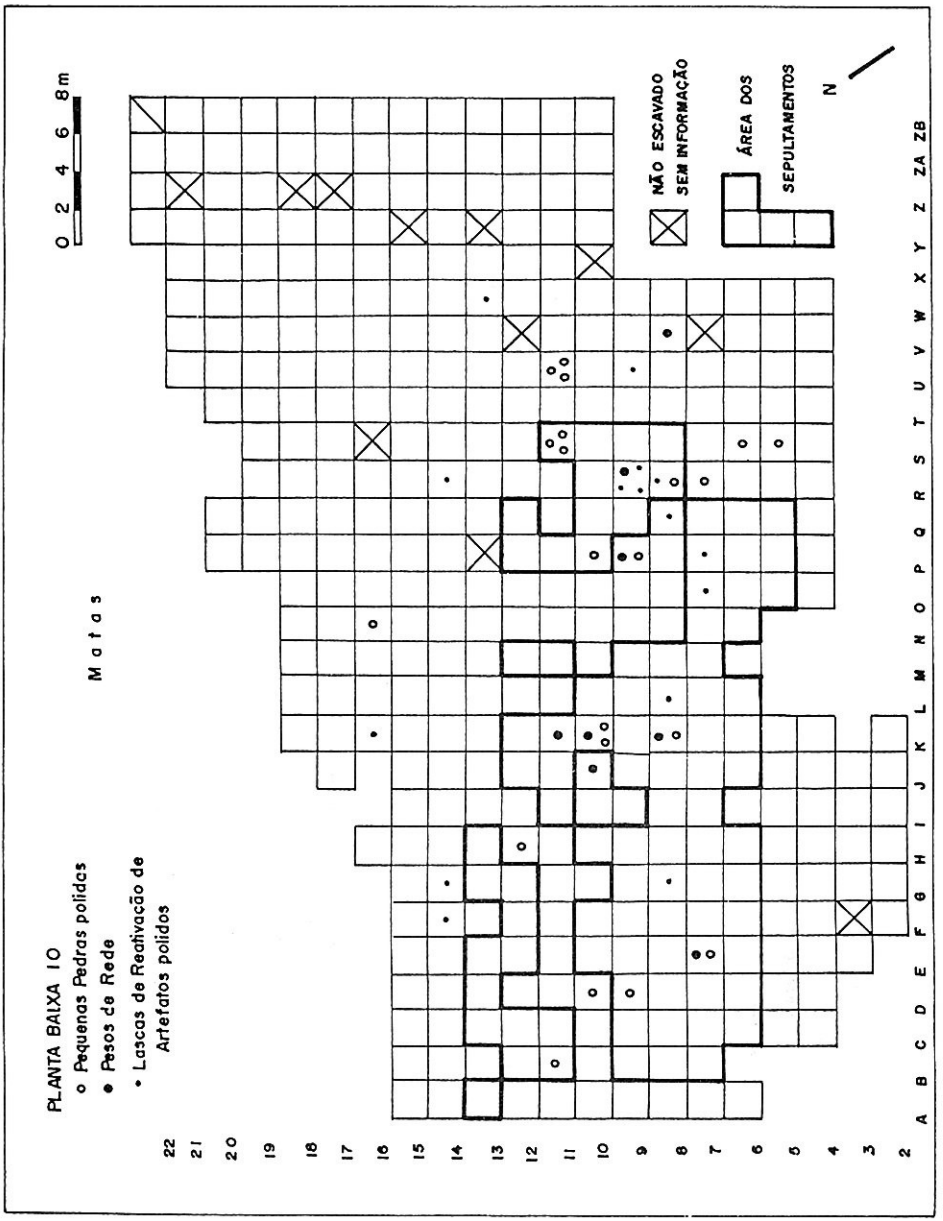

PLANTA BAIXA 5
Cerâmica Itararé (parcial)
• 1 A 10 UNIDADES
•• 11 A 20 UNIDADES
••• 21 A 30 UNIDADES
ETC.
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB
22 21 20 19 18 17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2

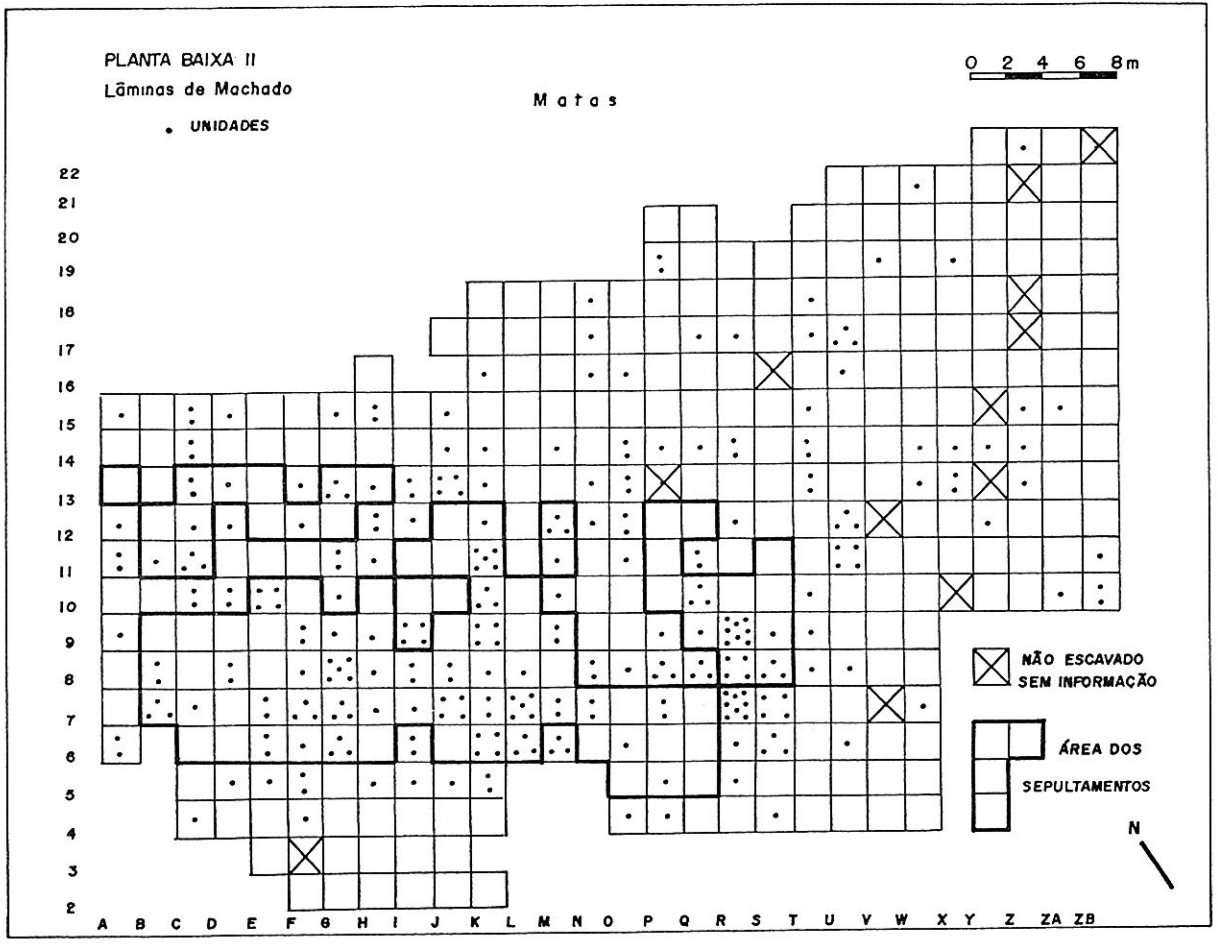

PLANTA BAIXA 6
Seixos Rolados
• 1 A 10 UNIDADES
•• 11 A 20 UNIDADES
••• 21 A 30 UNIDADES
ETC.
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB

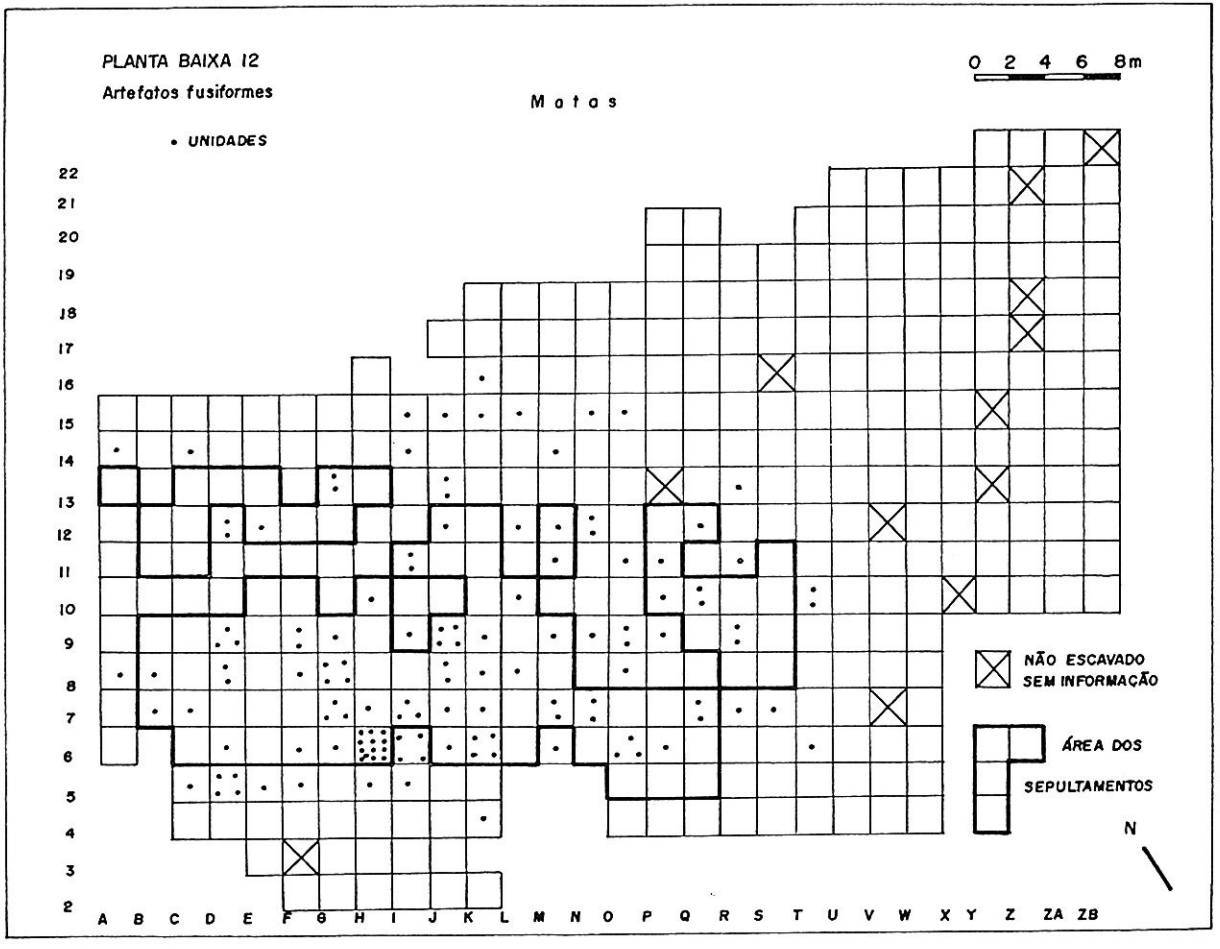

PLANTA BAIXA 7
Lascas em geral
. 1 A 10 UNIDADES
.. 11 A 20 UNIDADES
... 21 A 30 UNIDADES
ETC.
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB

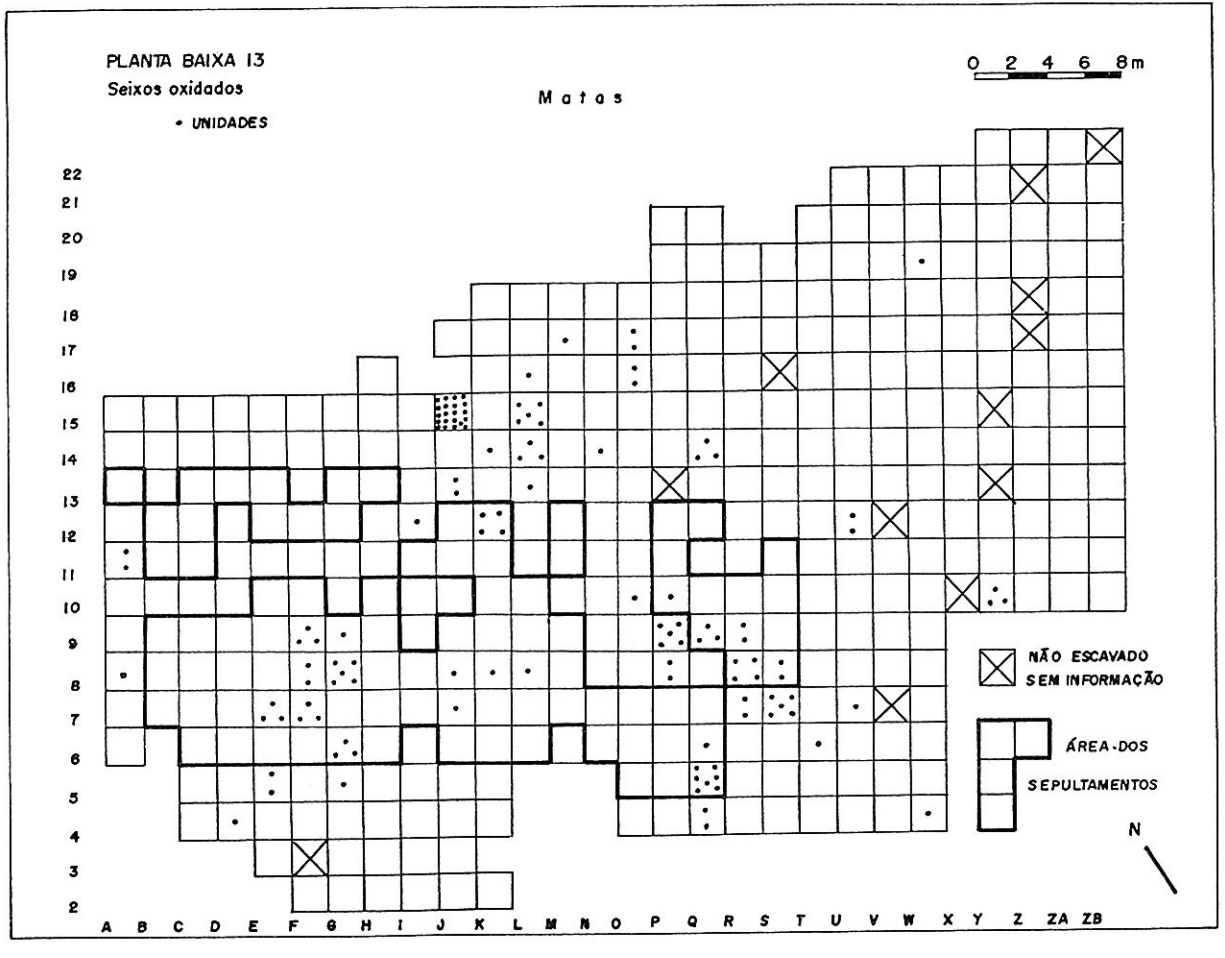

PLANTA BAIXA 8
Núcleos
Matas
0 2 4 6 8m
• UNIDADES
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N

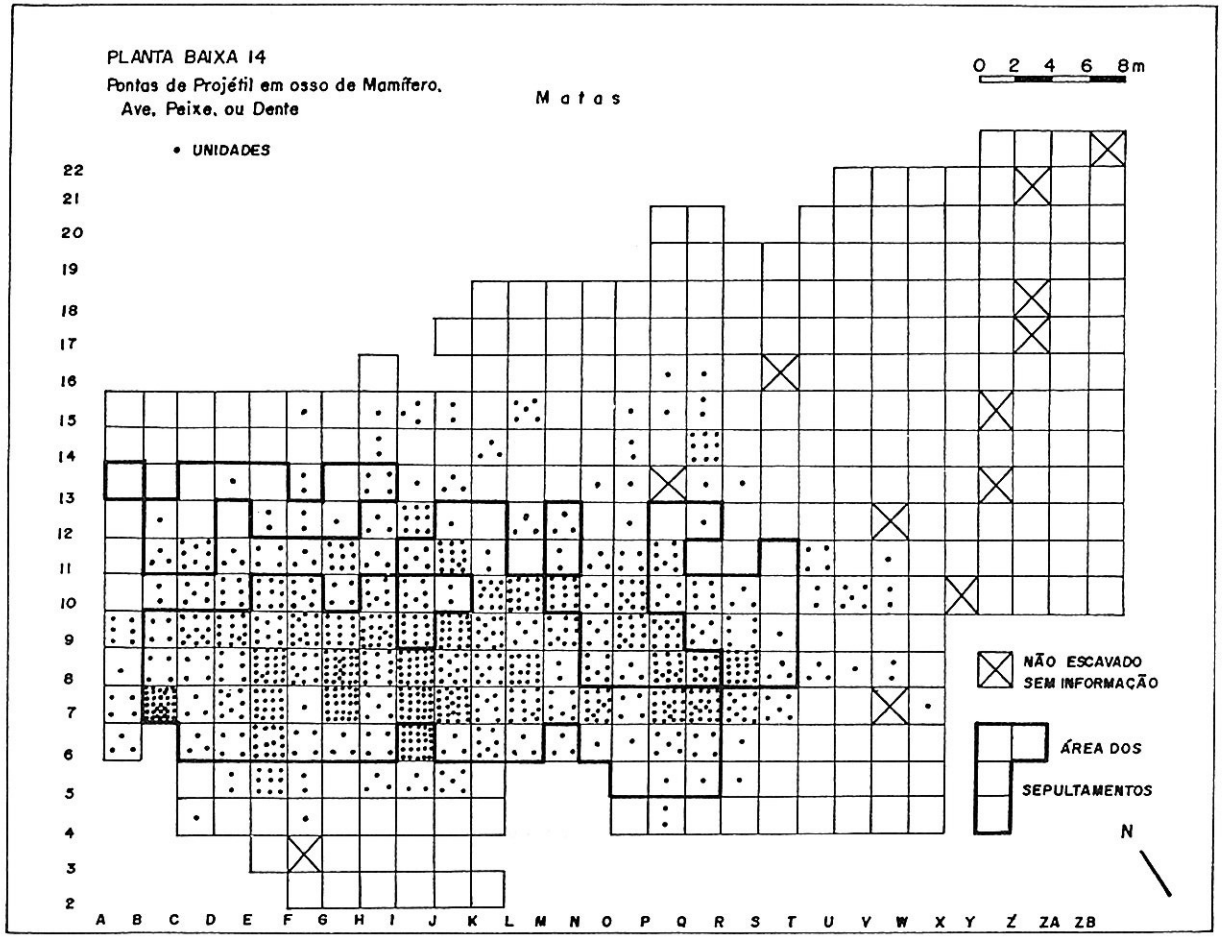

PLANTA BAIXA 9
Percutores
Percutores/Bigornas
Bigornas
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB
2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22

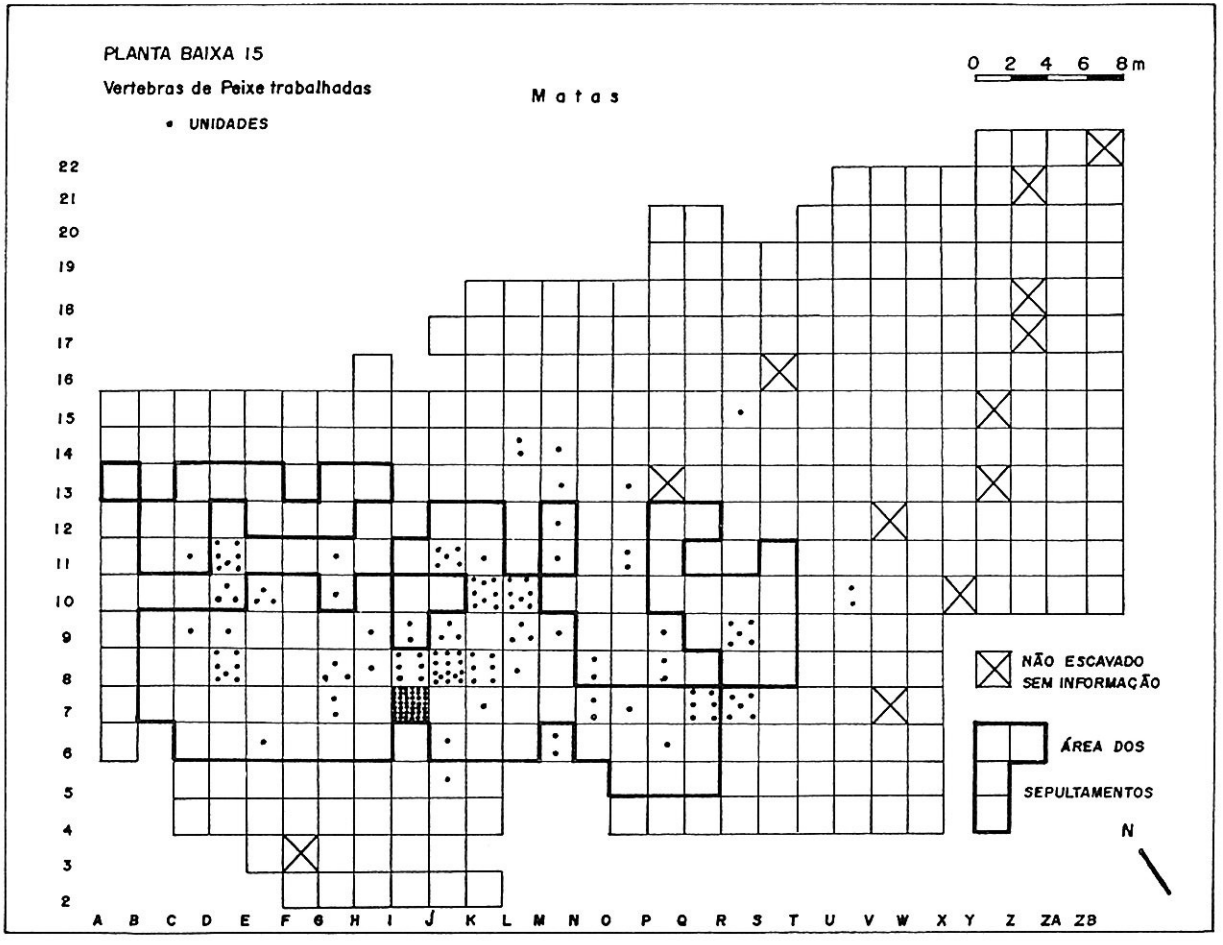

PLANTA BAIXA 10
o Pequenas Pedras polidas
● Pesos de Rede
• Lascas de Reativação de Artefatos polidos
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
22 21 20 19 18 17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB

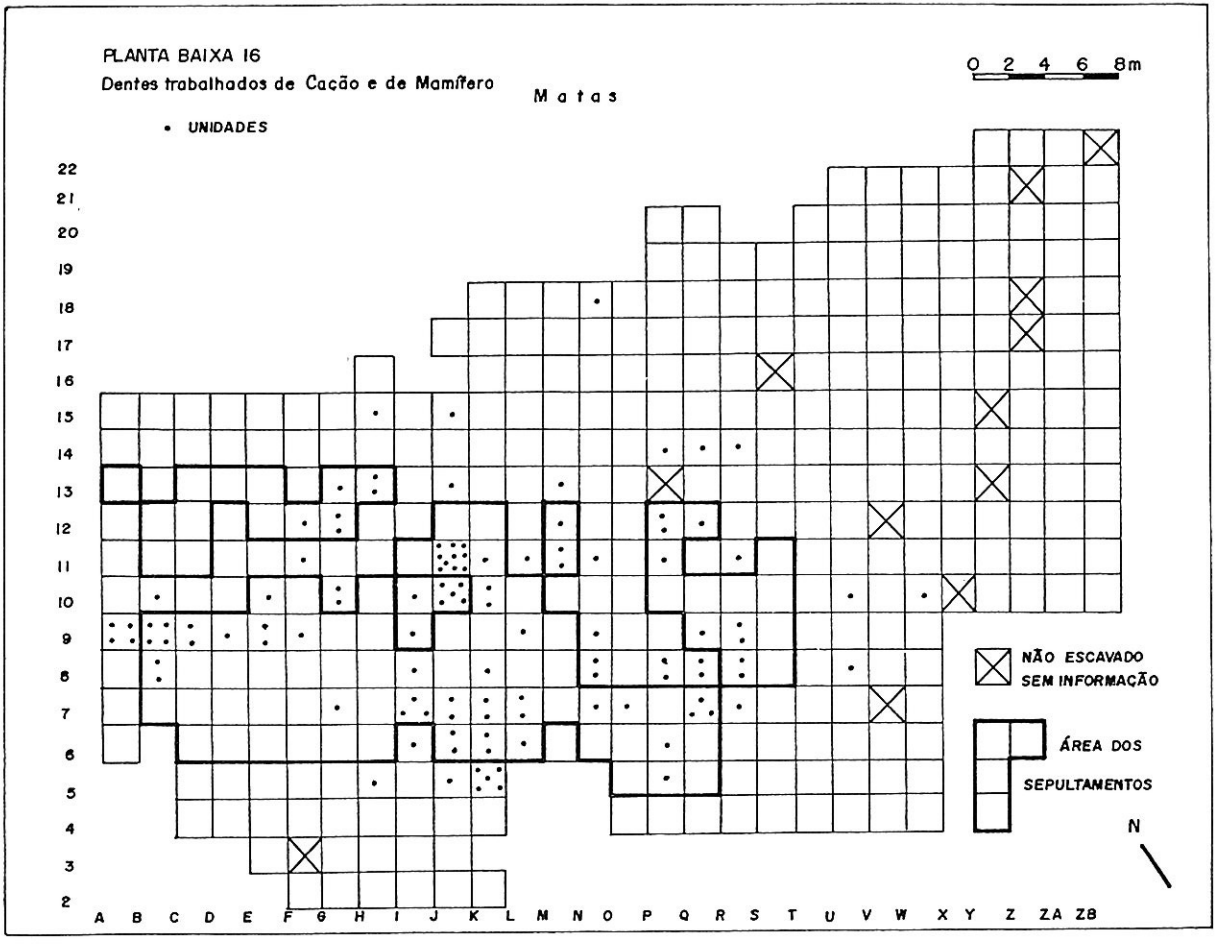

PLANTA BAIXA II
Lâminas de Machado
• UNIDADES
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB
2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22

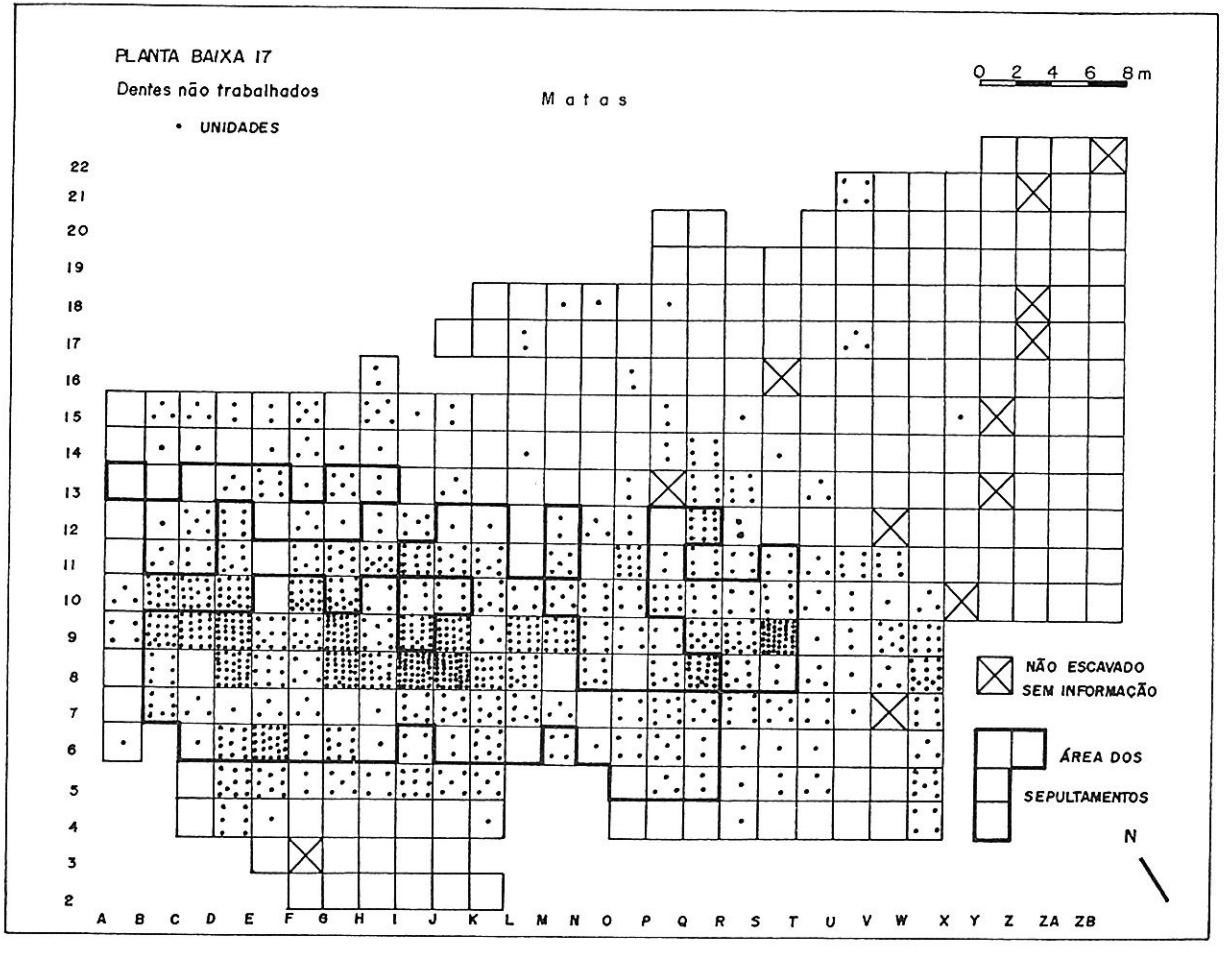

PLANTA BAIXA 12
Artefatos fusiformes
• UNIDADES
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB

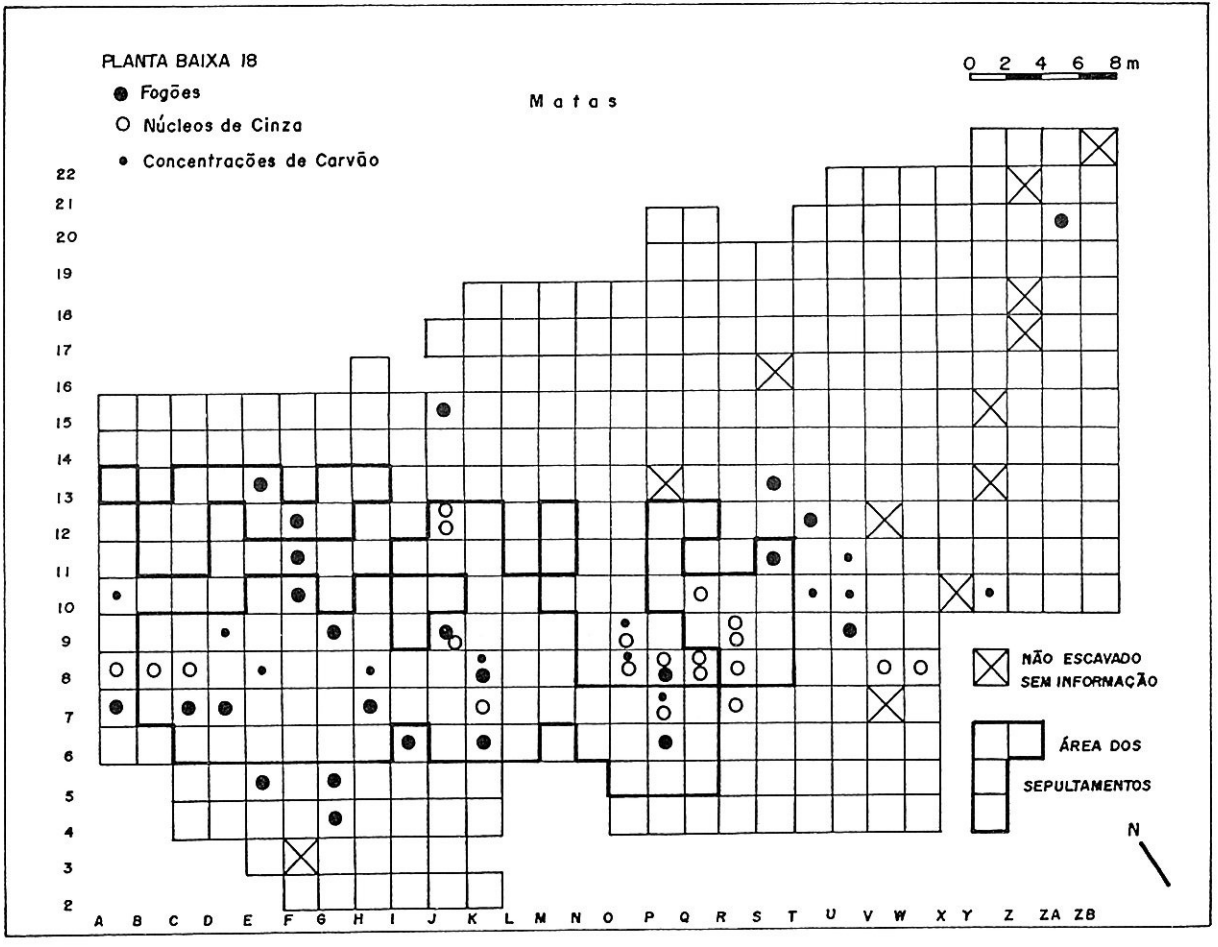

PLANTA BAIXA 13
Seixos oxidados
• UNIDADES
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB

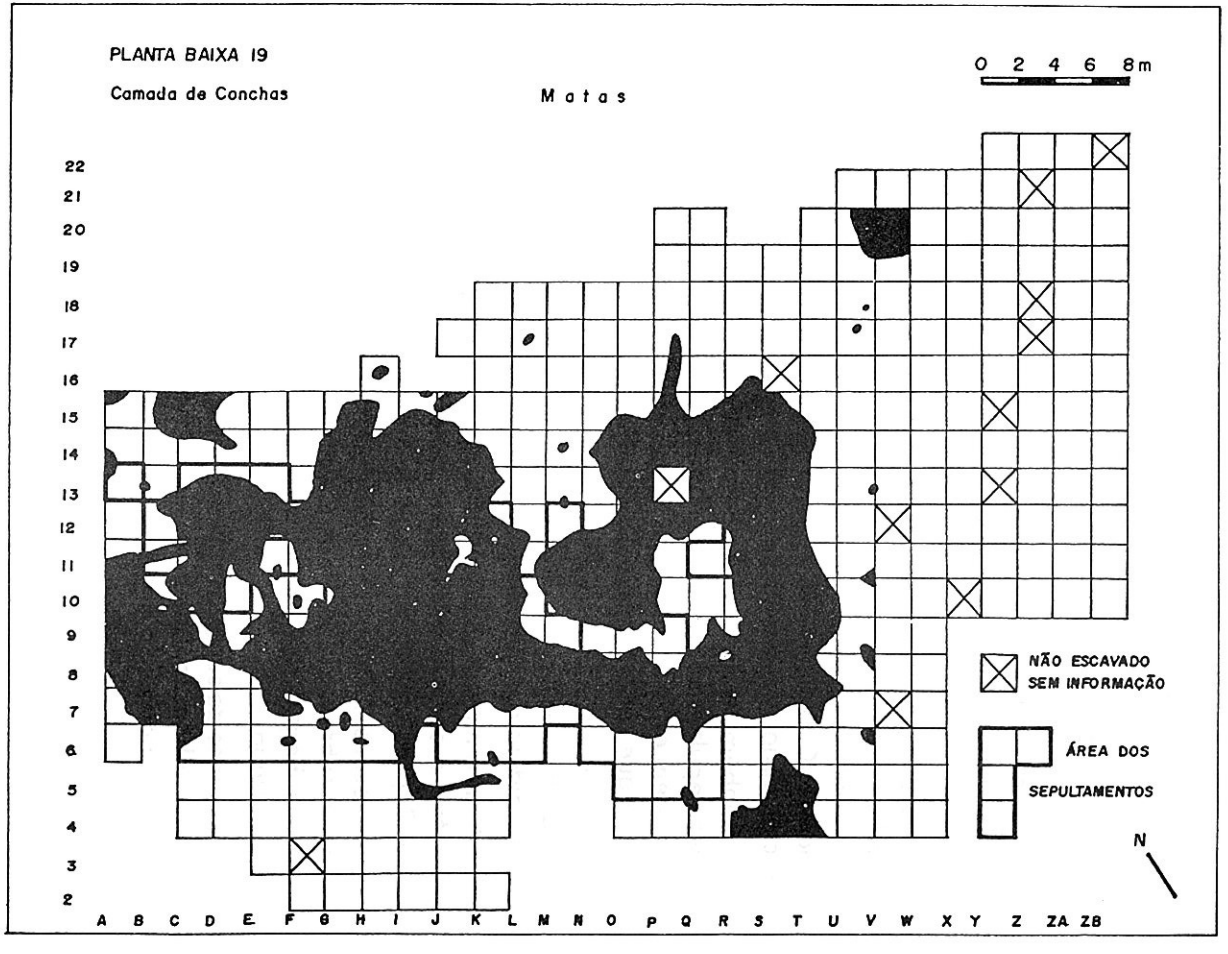

PLANTA BAIXA 14
Pontas de Projétil em osso de Mamífero, Ave, Peixe, ou Dente
Matas
0 2 4 6 8m
• UNIDADES
NÃO ESCAVADO SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS SEPULTAMENTOS
N
22 21 20 19 18 17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB


PLANTA BAIXA 15
Vertebras de Peixe trabalhadas
• UNIDADES
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB


PLANTA BAIXA 16
Dentes trabalhados de Cação e de Mamífero
Matas
0 2 4 6 8m
• UNIDADES
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N


PLANTA BAIXA 17
Dentes não trabalhados
• UNIDADES
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB


PLANTA BAIXA 18
Fogões
Núcleos de Cinza
Concentrações de Carvão
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB
2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22


PLANTA BAIXA 19
Camada de Conchas
Matas
0 2 4 6 8m
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
ÁREA DOS
SEPULTAMENTOS
N
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB

10. DADOS PARA UMA DEMOGRAFIA

Neste capítulo nos propomos a estudar, sob o ponto de vista da Arqueologia demográfica, os dois grupos Itararé que, em épocas diferentes, se instalaram na Praia da Tapera.

A Arqueologia demográfica, segundo Hassan (1984:1), constitui-se no estudo de populações humanas em um contexto arqueológico: suas características demográficas, tendências temporais de crescimento, declínio ou expansão, e relações causais e processuais com variáveis culturais.

Da primeira ocupação Itararé, quando os sepultamentos eram realizados dentro das casas, ao longo da parte interna das paredes circulares ou subcirculares, tem-se o registro seguro de quatro estruturas habitacionais (B, C, D, I), reveladas por, pelo menos, dois enterramentos em cada choupana (Ver Planta Baixa 20).

Também possivelmente desta primeira aldeia, tem-se o registro de cinco sepultamentos isolados, mas que estão dispostos como os encontrados em estruturas habitacionais (em decúbito lateral, a face voltada para o que seria o centro da habitação).

Assim, nove choupanas circulares ou subcirculares, com um diâmetro variando entre 4 e 6 metros, podiam ter-se sucedido no espaço da primeira aldeia durante o tempo em que lá esteve este grupo.

A área média ocupada pelo conjunto desses restos de choupanas é de 336m^2 e corresponde ao espaço compreendido entre as coordenadas B e P, paralelas ao rio da Era, e 5 e 11, paralelas à praia.

A reconstituição das choupanas no espaço da aldeia revela que sete delas sobrepõem-se umas à outras, formando dois conjuntos, um com uma sobreposição, outro com quatro e ficando duas choupanas um pouco afastadas.

Partimos da suposição de que a sobreposição observada não seria de uma só habitação, que se deslocaria no pequeno espaço. Pelo tamanho das choupanas e a sua repetição no espaço não parecia razoável. Também seria difícil admitir a existência de três habitações permanentemente reconstituídas porque em vários momentos duas delas teriam de ocupar o mesmo local.

Optamos, então, pela simulação com um par de choupanas.

A simulação obedeceu aos seguintes pré-supostos:

a) A duração média de uma choupana, construída com materiais perecíveis, como madeira, palha e outras fibras vegetais, seria, em média, de oito anos. Entretanto, algumas poderiam durar um pouco menos (5, 6 ou 7 anos), enquanto outras durariam um pouco mais (9 a 11 anos); b) uma habitação poderia durar mais que seu par, o que, entre outras causas, poderia ser a razão de alguns fundos de cabana apresentarem maior número de sepultamentos; a suposição de que uma habitação abrigaria um número consideravelmente maior de pessoas não foi tomada em consideração, pois as habitações são pequenas e não poderiam comportar mais que 6 a 7 pessoas; c) as choupanas não necessariamente entrariam em decadência ao mesmo tempo, tendo como conseqüência o abandono da aldeia, mas poderiam ser substituídas alternadamente, ficando a tapera talvez ocupando o seu espaço por algum tempo.

Com estas suposições, ou seja 9 habitações com duração média de 8 anos, daria uma duração total de 72 anos, a qual, dividida por dois, por serem, em nossa suposição, pares de casas, daria o número final de 36 anos.

Na simulação, além de levar em conta as possibilidades reais da formação dos pares, tendo em vista a sobreposição dos fundos de cabana na área da aldeia, foi levado em conta, quando possível e quando não feria o encadeamento das construções sucessivas, o número de mortos presente em cada choupana para, a partir dele, estimar a duração de cada uma delas.

Os sepultamentos registrados para a primeira aldeia Itararé da Tapera são em número de 17, dos quais, segundo os pesquisadores que estudaram os esqueletos (J.A.Rohr, W.A.Neves e M.Pereira. As informações para crianças e adultos sem referência ao sexo são de Rohr. As demais originaram-se das análises dos dois últimos pesquisadores citados), 15 foram considerados adultos ou de mais idade e 2 foram classificados como crianças.

Curiosamente, só aparecem enterramentos de crianças em duas choupanas. Onde teriam sido enterradas as demais os registros arqueológicos não informam.

A duração de cada choupana, tomando em consideração os mortos nela sepultados e as demais suposições, nos dá um quadro hipotético, usado para exercício.

Habitação	Diâmetro	Sepultamentos	Duração em anos
A	4 m	1: criança 6-8 anos	6
B	4 m	5: criança 8-10 anos; 2 adultos; 1 adult. fem.; 1 adult. masc.	11
C	5,4 m	2: adultos	9
D	6 m	2: 1 adult; 1 adult. masc.	11
E	4 m	1: adult. masc.	6
F	4 m	1: adult/mad., masc./fem.	7
G	4 m	1: maduro masc.	5
H	4 m	1: adulto	9
I	4,6 m	3: 2 maduro fem.; 1 maduro/senil fem.	8

Organizando essas choupanas aos pares podemos conseguir o quadro que segue:

Casas A e B — do 1° ao 6° ano;
Casas B e C — do 7° ao 11° ano;
Casas C e D — 12° ao 15° ano;
Casas D e E — do 16° ao 21° ano;
Casas D e F — no 22° ano;
Casas F e G — do 23° ao 27° ano;
Casas F e H — no 28° ano;
Casas H e I — do 29° ao 36° ano.

Deste modo, as seqüências de construção das choupanas pelos dois grupos domésticos e seus respectivos descendentes pode ser imaginada das seguintes maneiras:

Seqüência 1: A - C - E - F - I (36 anos)

Seqüência 2: B - D - G - H (36 anos).

A estimativa da população que viveu nas habitações desta primeira aldeia Itararé baseou-se em alguns pressupostos: a área da aldeia (336 m^2), e o tamanho das choupanas (4 a 6m de diâmetro).

Utilizando as proposições de Borah e Coock (1962) de que a população de um sítio arqueológico de tipo sambaqui poderia ser obtida empregando o critério segundo o qual o logaritmo da população representaria a metade do logaritmo da área do sítio, chega-se ao resultado de aproximadamente 18 indivíduos habitando esta aldeia.

No entanto, os dados concretos que possuímos levaram-nos a pensar de outra forma.

O relativamente pequeno tamanho das cabanas obrigou-nos a pensar em grupos domésticos pequenos, com um número médio de membros oscilando em torno de 4 a 7 pessoas, no máximo, não sendo razoável o número de 9 habitantes por habitação, das proposições de Borah e Coock.

Segundo nossa proposta, a média da população dessa primeira aldeia ficaria em torno de 11 a 12 habitantes.

A partir desses dados, já definidos os pares contemporâneos e a seqüência das construções das cabanas pelos descendentes dos dois grupos domésticos iniciais, seguindo os pressupostos relativos à população média das casas e da aldeia, simulamos, casa por casa, seqüência por seqüência, o desenvolvimento, através do tempo, da história demográfica destes dois grupos domésticos, incluindo nascimentos, mortes, composição numérica, etária e sexual dos habitantes das casas, e alianças por matrimônio, apoiados pelo registro arqueológico das mortes ocorridas em cada casa (SILVA, 1989). Não transcrevemos o exercício para cá por acharmos seus resultados excessivamente especulativos.

Para a segunda aldeia Itararé da Tapera, ao contrário da primeira, não temos o registro dos fundos de cabana. A grande profusão de marcas de estaca não nos permitiu chegar a conclusões seguras sobre o número de habitações, suas localizações precisas no espaço, nem tampouco seus formatos.

No entanto, partindo do pressuposto de que os cemitérios retangulares, claramente delimitados, alguns bem isolados e definidos, sejam domiciliares, isto é, relacionados a grupos domésticos que habitavam o mesmo teto, poderia inferir-se o número de habitações construídas na aldeia pelo número de cemitérios domiciliares existentes.

No capítulo sobre os sepultamentos do Sítio da Tapera foi possível identificar 14 estruturas funerárias deste tipo. Entretanto, muitas outras existem, não tendo sido possível naquele momento (SILVA, 1988), identificar e separar os demais, pois algumas concentrações de esqueletos são muito densas, complexas, algumas contíguas e nosso tempo era curto.

Para resolver este impasse, voltamos à planta baixa dos sepultamentos, empreendendo uma nova tentativa de identificar outros cemitérios, além dos 14 já mencionados.

Como resultados, conseguimos verificar a existência de mais 10 cemitérios. Entretanto, somente estudos mais específicos e que privile-

giem a comparação com outros sítios litorâneos Itararé poderão comprovar se realmente estes novos cemitérios identificados podem ser enquadrados nesta categoria. Em outras palavras, estes 10 novos cemitérios domiciliares identificados, com exceção de um deles, não estão total e claramente configurados como os 14 anteriores.

Além desses 10 cemitérios, notamos a ocorrência de 13 sepultamentos isolados, que, por suas características (decúbito ventral ou dorsal, estendidos ao comprido), poderiam ser enquadrados no segundo padrão (Ver Planta Baixa 21). Portanto, estes sepultamentos poderiam ser encarados como mortos únicos de casas da segunda aldeia, isto é, estes 13 mortos poderiam representar a ocorrência de mais 13 habitações da aldeia.

Seguindo este raciocínio, teriam sido construídas, no máximo, 37 habitações na segunda aldeia, habitações essas representadas por 24 cemitérios e 13 sepultamentos isolados em cemitérios, totalizando 130 enterramentos (apenas 19 não puderam ser classificados em nenhuma categoria).

Para verificar o acerto desta estimativa máxima (37 habitações), tentamos fazer algumas comparações com a primeira aldeia.

Tendo sido estipulada a duração dessa em 36 anos e tendo nela morrido 15 adultos, quanto tempo teria durado a segunda aldeia se nela morreram 79 adultos ou de mais idade? A resposta para esta pergunta corresponde a 189 anos. Todavia, como supomos que a segunda aldeia teria o dobro de pessoas, uma vez que o espaço por ela ocupado (760 m^2), em números redondos, também era o dobro do da primeira, este número (189 anos) deve ser dividido por dois. Teríamos, então, uma duração de no máximo 94,5 anos para a segunda aldeia Itararé da Tapera.

Por outro lado, como em alguns cemitérios domiciliares existem sepultamentos de duas ou mais crianças que apresentam idades semelhantes, consideramos as habitações da segunda aldeia como abrigos de famílias extensas, com no mínimo dois casais aparentados gerando filhos concomitantemente. Trabalhando com esta suposição, teríamos, então, casas maiores e com uma população também maior.

Comparando o espaço da primeira aldeia com aquele ocupado pela segunda, teríamos para esta última uma população aproximada de 24 a 25 pessoas, agrupadas em três casas contemporâneas que abrigariam grupos domésticos de 8 pessoas em média.

Com estes dados em mãos (duração máxima de 94,5 anos, existência de três casas contemporâneas, maiores e mais populosas em rela-

ção à primeira aldeia), podemos estimar a existência de aproximadamente 36 habitações construídas ao longo do tempo de duração desta aldeia, supondo como 8 anos o período de vida útil dessas moradias.

Se a cada habitação corresponde um cemitério domiciliar, deveríamos ter, pois, 36 cemitérios, o que, aproximadamente, fecha com o número máximo de cemitérios levantados.

No entanto, se trabalharmos apenas com os dados absolutamente seguros, ou seja, os 15 cemitérios plenamente configurados, teríamos para a segunda aldeia uma duração de 40 anos. Esta hipótese mínima de duração, todavia, ficaria muito aquém da realidade e deixaria a descoberto, sem explicação, todos os demais sepultamentos do Sítio. De qualquer forma, a segunda aldeia Itararé da Tapera teria durado, no mínimo, 40 anos e, no máximo, aproximadamente 95 anos.

A localização espacial dos 24 cemitérios domiciliares mostra 5 áreas abertas, livres, de aproximadamente 25 m^2 cada uma, nas quais, provavelmente, as habitações foram construídas, sucessivamente, em trios contemporâneos. Os correspondentes cemitérios aparecem, predominantemente, no lado da praia, mas não exclusivamente.

Coincidentemente ou não, as casas da segunda aldeia teriam mais ou menos esta metragem, levando-se em conta a seguinte proporção: 4,4 metros de diâmetro (média das habitações da primeira aldeia) para uma população média de 6 pessoas equivale a casas de 5,8m de diâmetro para uma média de 8 habitantes. Uma casa de 5,8m de diâmetro (na hipótese — improvável — de as casas da segunda aldeia serem redondas) corresponde a uma área de 26,17 m^2.

No trabalho de 1989 a simulação foi continuada como para a primeira aldeia.

Para seguir mais adiante há excessivas deficiências no material arqueológico e excessivas suposições na base de nossa simulação.

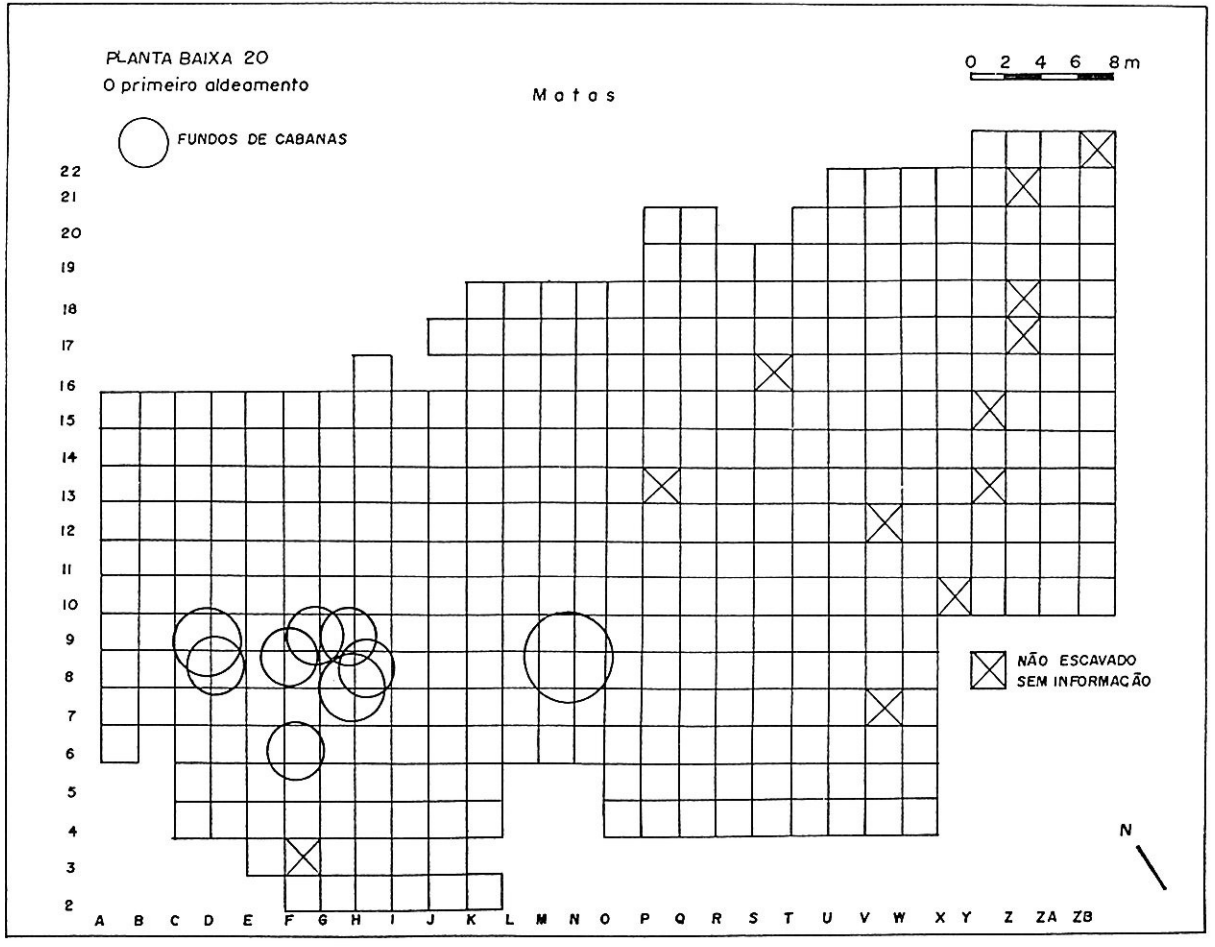
Com as aproximações conseguidas para o número de habitantes e a duração de cada uma das aldeias Itararé da Tapera buscamos oferecer alguns parâmetros para tais ocupações, usando como referencial básico os cemitérios.

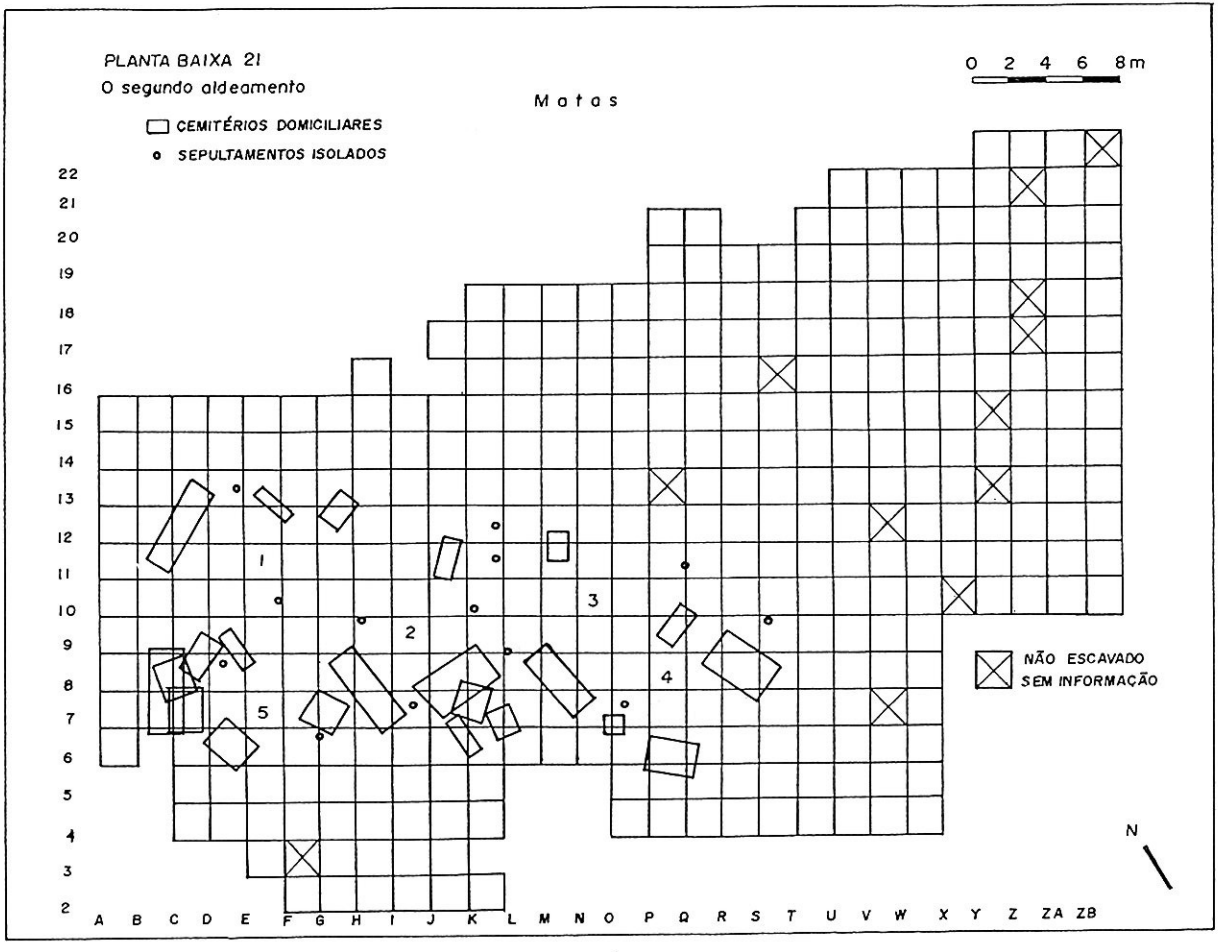
A diferença entre uma e outra aldeia Itararé está sendo apenas vislumbrada.

A primeira ocupação usa uma forma de sepultamento até agora não repetida nos sítios da tradição no litoral. A razão dessa singularidade poderia estar no fato de que se trata de um pequeno grupo recém-

migrado do planalto. É possível que em outros sítios da tradição, que estão sendo descobertos nos arredores, tal padrão se repita, o que indicaria a sua permanência. É, por enquanto, o sítio Itararé datado mais antigo do litoral.

A segunda ocupação, que usa uma forma de enterrar característica dos ocupantes pré-cerâmicos dessa parte do litoral, é mais duradoura e maior em tamanho. Parece ser de uma população litorânea anterior modernizada em contato com os invasores, como aparece pelos dados arqueológicos e como Neves (1984) já tinha visto pela biologia. Outros sítios posteriores, como o da vizinha Base Aérea podem ser dessa mesma população modernizada.


PLANTA BAIXA 20
O primeiro aldeamento
Matas
0 2 4 6 8m
FUNDOS DE CABANAS
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
N
22 21 20 19 18 17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB


PLANTA BAIXA 21
O segundo aldeamento
Matas
0 2 4 6 8m
CEMITÉRIOS DOMICILIARES
SEPULTAMENTOS ISOLADOS
NÃO ESCAVADO
SEM INFORMAÇÃO
N
1
2
3
4
5
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z ZA ZB
2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22

11. O ASSENTAMENTO ITARARÉ

A população Itararé da Praia da Tapera localizou-se em enseada de águas calmas voltada para o continente, situada na Baía Sul da Ilha de Santa Catarina, assentando sua aldeia a poucos metros da orla do mar em área relativamente plana e drenada, contígua à praia bastante íngreme que se estende à frente da Ilha das Laranjeiras. No lado noroeste, a aldeia encosta em pequeno curso não pantanoso de água doce — o Rio da Êra —, que a teria abastecido de abundante água potável.

Esta população instalou-se num ambiente que oferecia possibilidades muito boas para o abastecimento da aldeia e apropriada matéria-prima para a confecção de artefatos utilizados no aproveitamento e transformação deste meio natural.

Do ponto de vista dos recursos alimentares, tem-se a ocorrência de diversos microambientes, localizados num espaço geográfico relativamente pequeno, o que implica em deslocamentos curtos a médios, de algumas horas no máximo, para se atingir as fontes buscadas.

O mar de águas calmas da enseada fronteiriça poderia fornecer peixes, moluscos, mamíferos marinhos, crustáceos e quelônios. Além da pesca e caça marinha, a coleta de diversas espécies de moluscos e crustáceos nas praias e formações rochosas que existem ao longo da orla marítima desempenhou também papel importante.

Ainda aproveitando os recursos provenientes do mar, e a custa de pequeno deslocamento em direção ao sul, tinham à sua disposição extensa área de baixios existentes na desembocadura do Rio Ribeirão, onde diversas espécies de moluscos, que proliferam em substratos lodosos, poderiam ser coletados. A cerca de sete quilômetros a leste, atravessando a Ilha de Santa Catarina, estariam face ao mar alto ou "bravo", com mamíferos marinhos de médio e grande portes, além de grandes cardumes de peixes. Os recursos provenientes das lagoas do interior da Ilha, especialmente a do Peri, distante apenas uns sete quilômetros, provavelmente também foram aproveitados.

Bastante mais próximas do local da aldeia, outras fontes de abastecimento vinculadas a outros microambientes também foram utilizadas. A vegetação litorânea, principalmente o mangue e o jundu, parece ter sido largamento explorada. O extenso braço de mangue que existe a cerca de um quilômetro da aldeia constitui-se em *habitat* de inúmeras

espécies de moluscos, que vivem aderidos à vegetação rizoforácea ou vivem no lodo acumulado. As formações vegetais que ocorrem nas zonas de restinga, principalmente as plantas que fornecem frutos comestíveis, como a pitanga, o pitangão e o "coquinho" de palmeiras, também deveriam ter contribuído para o abastecimento. A floresta úmida tropical ou Mata Atlântica, ***habitat*** de diversas espécies de mamíferos terrestres, seria o lugar principal da caça terrestre. Sua ocorrência logo atrás da aldeia, nas suaves encostas dos morros que ali existem, propiciaria também bons e próximos locais para cultivo de derrubada e queimada, se a tal se dispusessem; ou para apanha de madeira, lenha e matérias-primas vegetais diversificadas.

Estes vários microambientes proveram a aldeia de abundantes recursos alimentares e variadas matérias-primas vegetais, constante e permanentemente renovadas.

A análise do instrumental lítico, ósseo e cerâmico confirma este quadro, que aponta para uma população coletora-caçadora, talvez horticultora.

As lâminas de machado, confeccionadas sobre seixos ou plaquetas de diabásio diaclasado, teriam desempenhado papel fundamental no preparo dos locais escolhidos para as eventuais roças, na apropriação de madeira e lenha, e no fabrico de embarcações utilizadas na pesca e nos deslocamentos marítimos e fluviais, além de outros numerosos trabalhos em madeira. Os instrumentos líticos comumente qualificados de goivas ou espátulas seriam artefatos ligados à coleta de moluscos, especialmente aqueles que vivem aderidos a substratos duros, e para a abertura de suas valvas? Ou estariam ligados a outros usos ainda não especificados e testados?

Os alisadores poderiam ter como função o preparo de artefatos em pedra, osso ou concha e o esmagamento e trituração de elementos minerais e vegetais.

Os artefatos em osso mais comuns e abundantes eram as pontas que armavam projéteis, úteis para a caça de animais terrestres e marinhos e usados também contra homens.

Para a pesca se usariam também redes, de que são evidências os "pesos de rede".

Outros instrumentos foram confeccionados pela população Itararé da Tapera e demonstram uma série de atividades executadas no dia-a-dia da aldeia. Os inúmeros artefatos líticos para percutir e apoiar percussão atestam a existência de atividades relacionadas com o quebrar,

amassar, esfarelar e esmagar, ou seja, preparo de alimentos e outros materiais oriundos da coleta vegetal, do cultivo, ou preparo de pigmentos minerais. Outros instrumentos líticos estão relacionados com a função de cortar, raspar ou fender. Alguns artefatos sobre osso, especialmente os confeccionados sobre dentes de mamíferos, podem estar ligados a atividades de raspar, alisar, igualar, furar, cozer, cortar ou percutir.

O conjunto das técnicas empregadas por esta população para a confecção de peças sobre rocha, osso e concha também deu vazão à produção de artefatos que não satisfazem uma função prática, relacionada diretamente com a sobrevivência física ou o abastecimento. Seu gosto estético pode ser observado em inúmeros tipos de adornos, especialmente os artefatos fusiformes em pedra ou osso, as contas de colares ou cintos confeccionados em valvas de moluscos e vértebras de peixe e os pingentes ou componentes de colares ou cintos produzidos sobre dentes de peixes ou mamíferos. Estes adornos, principalmente os colares e cintos, parecem estar preferencialmente ligados aos infantes.

A cerâmica de pequeno porte, de caráter utilitário, foi encontrada em quantidades consideráveis. Além de poder indicar, indiretamente, a existência de cultivos, que proporcionariam uma pequena parcela da dieta alimentar, seu formato e tamanho poderiam apontar para a utilização como recipientes empregados no preparo de peixes e moluscos.

A disponibilidade de matéria-prima para a confecção de artefatos líticos era farta, suas fontes estando bem próximas da aldeia. Os vários diques de diabásio diaclasado forneceriam abundante material para a produção de artefatos sobre plaquetas. Os seixos, preparados para uso mediante pequenos beneficiamentos ou através de lascamento e/ou polimento, chegam à praia em grande quantidade. Os ossos de mamíferos, aves e peixes, os dentes de mamíferos e seláquios e as conchas de bivalves e gastrópodes marinhos, empregados na produção de instrumentos e adornos, encontram-se disponíveis nos variados microambientes já descritos e vêm, na grande maioria dos casos, como subproduto do abastecimento alimentar. Argila para a produção da cerâmica deveria estar disponível nos abundantes baixios próximos.

A disposição espacial dos artefatos abandonados e dos sepultamentos dos mortos permitiu delinear a área efetivamene ocupada por esta população. O núcleo da aldeia está localizado no ângulo formado pelo Rio da Êra e a orla marítima numa área de aproximadamente 608 m^2 dos 2.000 m^2 escavados.

O espaço da aldeia era constituído pelas habitações, por áreas de atividades ligadas à rotina de seus habitantes, representadas pelos fo-

gões e locais de produção de artefatos, bem como pelos locais destinados ao sepultamento de seus mortos.

Na aldeia estão concentrados os principais artefatos inservíveis: instrumentos, adornos, restos de matéria-prima, além de ossadas de peixes, mamíferos, aves e carapaças de moluscos, crustáceos e quelônios, restos estes oriundos de suas "cozinhas".

A aldeia mostra claramente duas ocupações sucessivas de Tradição Itararé.

O primeiro grupo Itararé que chegou à Tapera seria pequeno. Construiu duas ou três choupanas de palha ao longo de um eixo paralelo à praia, numa disposição linear de pequenas moradias circulares, intercaladas por minúsculos espaços não ocupados por habitações. Estas choupanas provavelmente abrigariam famílias nucleares. Seus mortos foram sepultados dentro da moradia, aparentemente ao longo da parte interna da parede oposta à sua entrada, que desta forma continuaria desempedida, os vivos não correndo o risco de pisar sobre a sepultura do parente morto. Os corpos eram dispostos de lado, estendidos, e de maneira que o rosto do falecido ficasse voltado para o centro da pequena choupana de aproximadamente 4 a 6 metros de diâmetro. Não era costume plenamente configurado dedicar oferendas funerárias aos poucos falecidos desta época. Em apenas um sepultamento tal prática ocorreu. As choupanas estariam abertas para o Sul, portanto nem para o rio, nem para o mar, nem para o mato.

Temporalmente, a ocupação da Praia da Tapera por este primeiro grupo Itararé não teria sido muito longa, talvez de algumas poucas dezenas de anos. Deste momento, tem-se o registro seguro de somente quatro choupanas que se teriam sucedido no espaço da aldeia durante o tempo em que lá esteve este grupo.

Após este período, outro grupo Itararé veio assentar-se no mesmo local. Suas casas foram construídas num espaço agora duplicado, o que indicaria ou uma população maior ou um deslocamento do espaço ocupado. Certamente o número de choupanas deste segundo momento deveria ser um pouco maior, talvez três ou quatro. Seu formato não mais é possível reconstituir devido à profusão de marcas de estacas que ocorrem no espaço da aldeia.

Esta aldeia durou muito tempo, talvez mais de meio século, como indica o grande número de pessoas nela falecidas. Os mortos não eram mais sepultados dentro das casas. Eram enterrados em espaços delimitados, geralmente retangulares, aparentemente cercados, à maneira de cemitérios domiciliares.

Neles encontram-se adultos de ambos os sexos e crianças, geralmente dispostos lado a lado, preferencialmente de bruços ou de costas. Muitos falecidos, principalmente as crianças, foram sepultados com objetos de adorno. Alguns adultos tinham junto de si seixos ou artefatos confeccionados em rocha, osso ou concha.

Dois adultos deste segundo momento da aldeia, um masculino, outro sem determinação de sexo, aparentemente tiveram durante suas vidas uma proeminência especial. Seus enterramentos foram realizados de forma a marcar tal condição, uma vez que suas sepulturas foram assinaladas por concreções de cinza, pedras, crânios ou ossos humanos, que formavam uma coroa ao redor do falecido.

Esta distinção, que não é possível observar em todos os cemitérios domiciliares, poderia estar ligada a uma incipiente hierarquização familiar ou grupal da população e não é de descartar a possibilidade de nascer do contato entre populações de culturas iniciais diferentes, como seriam os elementos naturais do litoral e os invasores do planalto.

Para esta aldeia, ocupada por dois grupos Itararé que, pelo menos, possuíam padrões específicos de sepultar seus mortos, tem-se duas datações radiocarbônicas: 810 ± 180 e 920 ± 180 d.C. Estas ocupações aparentemente foram estáveis, especialmente a segunda, tendo permanecido longo período na Praia da Tapera, como atesta o grande número de sepultamentos nela presentes. Para tal, teriam sido indispensáveis os variados, abundantes e renováveis recursos alimentares provenientes dos microambientes localizados nas proximidades e a farta matéria-prima mineral, vegetal e animal existente nas redondezas.

A mudança para outro local certamente não precisaria estar ligada ao esgotamento do meio ambiente, embora pudesse depender da diminuição de certos recursos na proximidade, como poderia ser a caça no mato. Tampouco estaria relacionada ao novo invasor do litoral, o Tupiguarani, dono das florestas subcaducifólias subtropicais, que se estabelece no local muito tempo depois da saída das populações Itararé. De fato, nenhum indício de convivência foi observado nos materiais arqueológicos das duas tradições. As qualidades do local parecem ter atraído esta população para o mesmo local, que já abrigara duas populações anteriores.

Para onde se teriam mudado as populações Itararé? Na Ilha e no continente fronteiriço existem vários outros sítios semelhantes e qualquer um deles poderia ser o novo lugar escolhido. Poderia ser, por exemplo, a Base Aérea, que tem características muito semelhantes e possui uma da-

ta um pouco posterior. Poderia ser a Armação do Sul, ou a Ponta do Lessa, para citar apenas sítios bem próximos. Só um levantamento sistemático dos sítios e seu cuidadoso estudo, acompanhado de numerosas datações, nos dará novas respostas.

Quanto ao assentamento Tupiguarani, pouquíssima coisa pode ser dita. Apesar de a cerâmica desta Tradição cobrir todo o espaço escavado, inclusive o da aldeia Itararé, ela tende a se concentrar mais para o interior, a uma distância um pouco maior da praia, no que seria a periferia da aldeia correspondente às primeiras ocupações do Sítio. Nesta periferia, onde provavelmente deu-se o assentamento Tupiguarani, existe um enorme número de buracos de estaca, que poderia ser das habitações destes horticultores.

Nenhum enterramento Tupiguarani foi encontrado na área escavada, apesar de terem sido recuperados recipientes cerâmicos grandes, como os usados para fins funerários. Onde estariam sepultados os seus mortos?

A data de 1.400 ± 70 d.C. (SI-244), de camada mais superfial, certamente corresponde à ocupação Tupiguarani, Subtradição Corrugada.

Os outros vários sítios litorâneos Itararé, que poderiam ser as taperas de aldeias anteriores ou posteriores das mesmas populações, também estão assentados em locais semelhantes ao da Praia da Tapera. Essas populações parecem ter procurado locais onde a esta convergência de variados microambientes marítimos e terrestres, capazes de abastecer as aldeias por longos períodos com recursos abundantes, variados e renováveis, bem como passíveis alguns deles de horticultura, aliava-se farta disponibilidade de matéria-prima mineral, animal e vegetal. Outro requisito básico desta escolha parece ter sido a presença de um curso não pantanoso de água potável.

Estas semelhanças configuram um padrão de assentamento bem claro para as populações litorâneas desta Tradição.

No entanto, as comparações empreendidas apontam para uma série de variações tanto a nível da tecnologia como do ponto de vista de padrões culturais e de biologia.

Ao mesmo tempo em que se percebe tratar-se de populações litorâneas que compartilhavam uma mesma tradição tecnológica e cultural, observam-se diferenças bem marcadas quando são comparados alguns aspectos específicos.

Quanto à cerâmica, o melhor indicador de semelhanças por sua rápida mudança local e temporal, notam-se diferenças quanto ao tama-

nho dos grãos de antiplástico, à freqüência de certas formas, ao uso maior ou menor de reforços nas bordas, à popularidade de certas tonalidades cromáticas das paredes externas e ocorrência do brunido.

Apesar de constituirem-se como artefatos típicos do conjunto dos sítios litorâneos Itararé de Santa Catarina, os fusiformes, conforme o sítio enfocado, apresentam variações relacionadas à popularidade de certos tipos.

Da mesma forma, observa-se que os padrões de sepultamentos variam nos sítios, algumas vezes relacionando, por esta perspectiva, assentamentos Itararé separados por centenas de quilômetros uns dos outros, todos eles pertencentes a um período que se pode estimar entre o final do primeiro milênio e o começo do segundo milênio da nossa era.

Estes dados, apesar de não ferirem uma proximidade cultural entre as populações ceramistas desses assentamentos, apontam para a existência de variações dentro de uma tradição partilhada. Estas diferenças poderiam estar relacionadas com uma certa estabilidade e relativa durabilidade dessas aldeias Itararé do litoral catarinense, o que proporcionaria o surgimento e consolidação de identidades mais ou menos diferenciadas para cada parcela específica desta população litorânea. E podem ser decorrentes do fato de persistirem populações ditas sambaquianas, puras ou mestiçadas, modernizadas, ao lado de outras, invasoras, que teriam trazido, do planalto dos pinheirais, a nova cerâmica e um novo modo de vida, como sugerem fortemente os resultados biológicos apresentados por Neves.

O fato de as duas ocupações Itararé do mesmo sítio apresentarem diferenças notáveis, ao menos no padrão de sepultamento, nos faz pensar que na área deveriam viver ao menos duas populações portadoras da mesma tradição cerâmica.

O caminho por onde as populações do planalto se teriam deslocado para o litoral imagina ele que teria sido do Vale do Rio Itajaí-Açu. Os sítios do litoral norte do Estado de Santa Catarina, como Enseada I e Forte Marechal Luz, um pouco menos a Praia das Laranjeiras, seriam assentamentos característicos dessas populações invasoras. Tapera e Base Aérea seriam populações remanescentes dos anteriores coletores de moluscos, modernizados em reação a esses grupos e por seu contato. Os reajustes, no litoral, das populações invasoras, e a reestruturação dos litorâneos deverá ficar mais clara quando os demais sítios escavados do programa tiverem sido exaustivamente analisados e novas aldeias tiverem sido escavadas.

Aparentemente as populações Itararé do planalto viviam de uma combinação engenhosa da coleta de abundantes produtos vegetais, da caça e de algum cultivo. Como, exatamente, funcionava esta estratégia ainda tem de ser demonstrado. No litoral, segundo testes realizados por Neves (NEVES et alii, 1984. NEVES, com. pes. a SCHMITZ, nov. 1988) com esqueletos de populações do norte de Santa Catarina, haveria ausência de indicadores de alimentos cultivados e de coleta vegetal produtora de abundantes carbohidratos. Um abastecimento variado, baseado na pesca, na coleta e na caça de animais terrestres e marinhos é o que nossos estudos dos restos faunísticos recuperados têm demonstrado para todos os sítios Itararé litorâneos. Em alguns desses sítios parece predominar mais a pesca, semelhante à do período final dos chamados sambaquis, mas geralmente há um equilíbrio entre apropriações variadas.

Esses novos assentamentos litorâneos, marcados por cerâmica da Tradição Itararé, eram estáveis e contavam com um contingente humano continuado. Esta estabilidade parece ter sido conquistada com a incorporação de técnicas, elementos culturais e biológicos do homem do litoral. Alguns, especialmente demonstrados por artefatos líticos, ósseos e conchíferos, estão bastante claros na Tapera e nos sítios que usamos para comparação. A cerâmica, entretanto, parece totalmente compartilhada com o planalto, mas com a diferença de que é muitíssimo mais abundante no litoral.

Este não parece um território de ocupação estacional de populações do planalto, porque então deveriam os esqueletos mostrar as mesmas características de consumo de carbohidratos das populações de origem, o que só acontece excepcionalmente num esqueleto.

A crescente multiplicação dos sítios indica tratar-se de uma população efetiva e suficientemente densa para evitar uma ocupação significativa do litoral norte de Santa Catarina pelo conquistador Tupiguarani, que vem pelo sul e chega bem até a Ilha de Santa Catarina, onde, ao tempo da Conquista européia, era muito numeroso.

Este novo conquistador não mostra, até agora, na Ilha, claros sinais de incorporação das anteriores populações litorâneas, apesar de alguma vez se estabelecer sobre as taperas de suas antigas aldeias. Seu abastecimento básico parece continuar mais ligado ao cultivo do que à exploração dos recursos marinhos, e sua cultura provavelmente lhe proporcionaria segurança bastante para não se fundir com populações menos densas e de culturas diferentes.

Como se vê, a maior parte das soluções está apenas esboçada. Indicadores muito precisos, de ordem tecnológica, cultural, biológica e espacial deverão ser usados para estabelecer as mudanças e as persistências no ocupação do litoral. Mas isto só é possível na continuidade do programa, que numa primeira etapa visa retomar o estudo de todos os sítios escavados por Rohr e Beck e numa segunda escolher sítios que possam dar estas respostas.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AZEVEDO, G.G. & SANTOS, F.M.

1976 - **Panorama do Brasil.** Belo Horizonte, Vigília.

BAPTISTA DA SILVA, S.

1989a - **O Sítio arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani.** Porto Alegre, UFRGS, Dissertação de Mestrado.

1989b - Arqueologia demográfica dos assentamentos Itararé da Praia da Tapera — SC. Trabalho apresentado na V Reunião Científica da SAB, Santa Cruz do Sul.

BASILE BECKER, I.I. & SCHMITZ, P.I.

1970 - Uma cerâmica de tipo Eldoradense: Fase Itapiranga. **Estudos de Pré-História geral e brasileira,** Inst. de Pré-História da USP, p. 499-506.

BEALS, R. & HOIJER H.

1968 - **Introdución a la antropología.** 2.ed. Madrid, Aguillar.

BECK, A.

1968 - A cerâmica dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina. **Pesquisas,** Série Antropologia, São Leopoldo, 18/ **Estudos Leopoldenses,** São Leopoldo, 9:89-100 (Anais do II Simpósio de Antropologia da Área do Prata).

1971 - Grupos cerâmicos do litoral de Santa Catarina. **Anais do Instituto de Antropologia de Santa Catarina,** Universidade Federal de Santa Catarina, 4: 25-9.

1972 - **A variação do conteúdo cultural dos sambaquis: litoral de Santa Catarina.** USP. Tese de Doutorado.

1974 - **O sambaqui de Enseada I (SC.LN.71): um estudo da tecnologia pré-histórica.** UFSC. Tese de Livre Docência.

BECK, A.; ARAÚJO, E.M.de; DUARTE, G.M.; SILVA, O.de; SÃO TIAGO; FOSSARI, T.D.

1969 - Estudos sobre o sambaqui de Rio Lessa (SC.LF.39). **Anais do Instituto de Antropologia de Santa Catarina**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2:139-206.

BECK, A.; ARAÚJO, E.M.de; DUARTE, G.M.

1971 - Síntese da arqueologia do litoral norte de Santa Catarina. **Anais do Instituto de Antropologia de Santa Catarina**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 3:23-24.

BROCHADO.

1984 - **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South América.** Illinois. Tese de Doutorado.

BRYAN, A.L.

1961 - Excavation of a brazilian shellmound. **Science of Man**, Mentone, California, I, p.148-151 e 174.

1977 - Resumo da arqueologia do sambaqui do Forte Marechal Luz. **Arquivos do Museu de História Natural da UFMG**, 2:9-30.

BUTZER, K.W.

1982 - **Archaeology as human ecology: method and theory for a contextual approach.** Cambridge University Press.

CABRERA, A. & YEPES, I.

1960 - **Mamíferos Sud Americanos**, 2 vol. Buenos Aires, Ediar, 2ª ed.

CHANG, R.C.

1968 - Toward a science of Prehistoric society. CHANG (ed.) et alii. **Settlement Archaeology.** Palo Alto, National Press Books, p. 1-9.

CHMYZ, I.

1967a - Dados parciais sobre a arqueologia do Vale do Rio Paranapanema. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, 6:59-73.

1967b - O sitio arqueologico PR.UV 1 (Abrigo sob-rocha Casa de Pedra). **Arqueologia**, 3, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Curitiba.

1968a - Subsídios para o estudo arqueológico do Vale do Rio Iguaçu. **Revista do CEPA**, Vol. 1, Curitiba.

1968b - Dados parciais sobre a arqueologia do Vale do Rio Ivaí. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém.

1968c - Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no Estado do Paraná. **Pesquisas**, Série Antropologia, São Leopoldo, 18:115-125. (Anais do II Simpósio de Arqueologia da Área do Prata).

1967a - A ocupação do litoral dos estados do Paraná e Santa Catarina por povos ceramistas. **Estudos Brasileiros**, 1:7-43.

CHMYZ, I.(ed).

1976b - Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, Ano I, nº 1, Museu de Arqueologia e Artes Populares, Universidade do Paraná, 2.ed.

COREA DA COSTA, C.C.

1981 - **Fauna do Cerrado. Lista preliminar de aves, mamíferos e répteis.** Rio de Janeiro, SEPLAN, FIBGE.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO BRASILEIRO.

1967 - 1.ed. Porto Alegre, Globo.

EBLE, A.B. & SCHMITZ, S.

1972 - Sítio cerâmico sobre dunas (SC.LL.70). **Anais** nº 5 (1972), p.29-37.

FOSSARI, T.D.

1985 - **A indústria óssea na arqueologia brasileira: estudo-piloto do material de Enseada-SC e Tenório-SP.** USP. Dissertação de Mestrado.

GODOY, M.P.de.

1987 - **Peixes do estado de Santa Catarina.** Florianópolis, UFSC, co-ed. ELETROSUL e FURB.

HASSAN, F.A.

1984 - **Demographic Archaeology.** Washington, Academic Press.

HURT, W.R.

1974 - The interrelationship between the natural environment and four sambaquis, coast of Santa Catarina, Brasil. **Occacional Papers and Monographs**, nº 1 of de Indiana University Museum, Bloomington.

KAPLAN, D. & MANNERS, R.A.
1981 - **Teoria da cultura.** Trad. de Zilda Kacelnik; Revisão técnica de Gilberto Velho. Rio de Janeiro, Zahar, 2.ed.

LAMING-EMPERAIRE, A.
1967 - Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul. **Manuais de Arqueologia,** n° 2, CEPA, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

LIMA, T.A. & PINHEIRO DA SILVA, R.C.
1984 - Zoo-arqueologia: alguns resultados para a Pré-história da Ilha de Santana. **Revista de Arqueologia,** Vol. 2, n° 2, p. 10-40.

LOWIE, R.H.
1948 - The tropical forest: an introduction. **Handboock of South American Indians,** Vol.3, Bull. Bureau of American Etnology, Washington.

MEDEIROS, M.R. de et alii.
1970 - **Dicionário de Geografia.** Porto Alegre, Globo.

MELLO E ALVIM, M.C. de.
1978 - Caracterização da morfologia craniana das populações pré-históricas do litoral meridional brasileiro (Paraná e Santa Catarina). **Arquivos de Anatomia e Antropologia,** 3:292-318.

MILLER, E.Th.
1971 - Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul. PRONAPA. Resultados preliminares do 4° ano. 1968-1969. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi,** Belém, 15:37-70.

MILLER Jr., T.O.
1978 - Tecnologia cerâmica dos Caingang paulistas. **Arquivos do Museu Paranaense,** Nova Série, Etnologia 2.
1978/79/80 - Temas de Arqueologia brasileira (2): Arcaico do Interior. **Anuário de Divulgação Científica** 6, Goiânia.

NEVES, W.
1984 - **Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (PR e SC).** USP. Tese de Doutorado.

NEVES, W.; UNGER, P.; SCARAMUZZA, C.A.M.
1984 - Incidência de cáries e padrões de subsistência no litoral norte de Santa Catarina. (mimeo)

PEREIRA, M.; ROHR, J.A.; LENGYEL, I.; BARRETO, O.C.O.P.
1984 - Os grupos sangüíneos ABO em esqueletos pré-históricos de aborígenes da Ilha de Santa Catarina, Brasil SBPC, **Ciência e Cultura**, São Paulo, 36(9): 1597-9.

PIAZZA, W.F.
1965 - O sítio arqueológico do Rio Tavares (Santa Catarina). **Dédalo**, II, São Paulo, p. 53-79.
1969a - Notícia arqueológica do Vale do Uruguai. PRONAPA. Resultados preliminares do 2° ano. 1966-1967. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 10:55-70.
1969b - A área arqueológica do Campo de Lages. PRONAPA. Resultados preliminares do 3° ano. 1967-1968. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, p. 63-74.
1971 - Dados complementares à arqueologia do Vale do Uruguai. PRONAPA. Resultados preliminares do 4° ano. 1968-1969. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 15: 71-86.
1974 - Dados à arqueologia do litoral norte e planalto de Canoinhas. PRONAPA. Resultados preliminares do 5° ano. 1969-1970. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, p. 53-66.

PROUS, A.
1978/79/80 — Temas de arqueologia brasileira (3): Arcaico do litoral. **Anuário de Divulgação Científica**, 7, Goiânia.

PROUS, A. & PIAZZA, W.F.
1977 - Documents pour la Préhistoire du Brésil méridional; 2. L'Etat de Santa Catarina. **Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud**: 4. École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris.

RIOS. E.C.
1975 - **Brazilian marine mollusks iconography.** Rio Grande, Fundação Universidade do Rio Grande.

RODRIGUES, D.M.S.
1973 - **O Brasil atual.** Belo Horizonte, Bernardo Álvares.

ROHR, J.A.
1959 - Pesquisas páleo-etnográficas da Ilha de Santa Catarina. **Pesquisas**, Série Antropologia, São Leopoldo, 3:199-266.

1966 - Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina: I - Exploração Sistemática do Sítio da Praia da Tapera. II - Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga. **Pesquisas**, Série Antropologia, São Leopoldo, 15.

1967a - A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (I). **Revista Vozes**, Petrópolis, 61(8):718-22.

1967b - A exploração científica da aldeia da Tapera (II). **Revista Vozes**, Petrópolis, 61(9):807-11.

1967c - A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (III). **Revista Vozes**, Petrópolis, 61(10):909-13.

1967d - A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (IV). **Revista Vozes**, Petrópolis, 61(11):997-1001.

1967e - A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (V). **Revista Vozes**, Petrópolis, 61(12):1099-104.

1968a - A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (VI). **Revista Vozes**, Petrópolis, 62(2):149-54.

1968b - A aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (VII). **Revista Vozes**, Petrópolis, 62(4):325-31.

1968c - Levantamento de sítios arqueológicos em Jaguaruna. **Pesquisas**, Série Antropologia, São Leopoldo, 18:49-51.

1969 - Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. **Pesquisas**, Série Antropologia, São Leopoldo, 22.

1975 - Os homicídios pré-históricos da Tapera, Florianópolis, SC. **Livro da Família**, Porto Alegre, p. 178-9.

1977a - **O sítio arqueológico do Pântano do Sul - SC-F-10.** Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

1977b - Terminologia Queratosseodontomalacológica. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC (1976-1977).**

1984 - O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras — Balneário de Camboriú e sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, 17:5-168, Florianópolis.

SANTOS, E.

1979 - **Zoologia Brasileira 4: Da Ema ao Beija-Flor.** Belo Horizonte, Ed. Itatiaia.

1981 - **Zoologia Brasileira 3: Anfíbios e Répteis.** Belo Horizonte, Ed. Itatiaia.

1982 - **Moluscos do Brasil.** Belo Horizonte, Ed. Itatiaia.

1984 - **Zoologia Brasileira 6: Entre o Gambá e o Macaco.** Belo Horizonte, Ed. Itatiaia.

SANTOS, S.C.dos

1973 - **Índios e brancos no sul do Brasil — a dramática experiência dos Xókleng.** Florianópolis, Edeine.

SCHMITZ, P.I.

1957 - Um paradero guarani no Alto Uruguai. **Pesquisas,** Série Antropologia, São Leopoldo, 1:122-42.

1978/79/80 - Temas de Arqueologia Brasileira(5): os cultivadores do planalto e do litoral. **Anuário de Divulgação Científica,** 9, Goiânia.

1984 - **Caçadores e coletores da Pré-história do Brasil.** Instituto Anchietano de Pesquisas — UNISINOS, São Leopoldo.

1988 - As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. **Arqueologia do Rio Grande do Sul — Documentos 02,** Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo, p.75-130.

SERRANO, A.

1948 - Los sambaquis y otros ensayos de arqueología brasileña. **Anais do II Congresso sul-riograndense de História e Geografia,** Porto Alegre, Vol.II, p.327-441.

SHEPPARD, A.D.

1966 - Formas de vasijas: analisis y clasificación. **1ª Convención nacional de Antropologia - 1ª parte.** Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba, p. 121-52.

SILVA, F.

1984 - **Mamíferos silvestres do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.

STEWARD, J.H. & FARON, L.C.

1959 - **Native peoples of South America.** New York, McGraw-Hill.

STRANG, H.

1969 - Suplemento Brasileiro. **As plantas.** Went, F. W., Rio de Janeiro, José Olympio — (Biblioteca da Natureza Life).

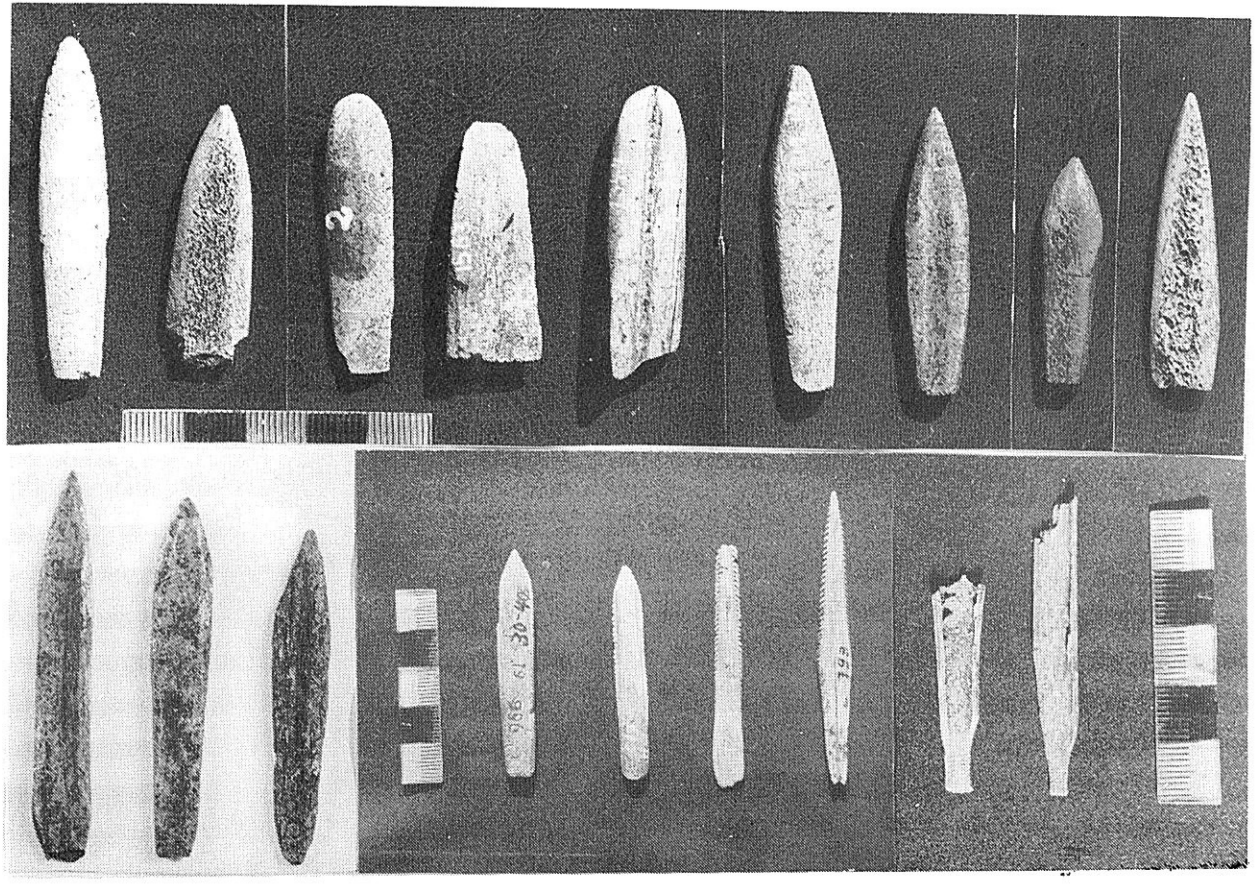
TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, J.J.; BIGARELLA, I.R.

1951 - Nota prévia sobre a jazida páleo-etnográfica de Itacoara (Joinville), Estado de Santa Catarina. **Arquivos de Biologia e Tecnologia,** Instituto de Pesquisas Tecnológicas, Curitiba, V-VI, p.315-46.

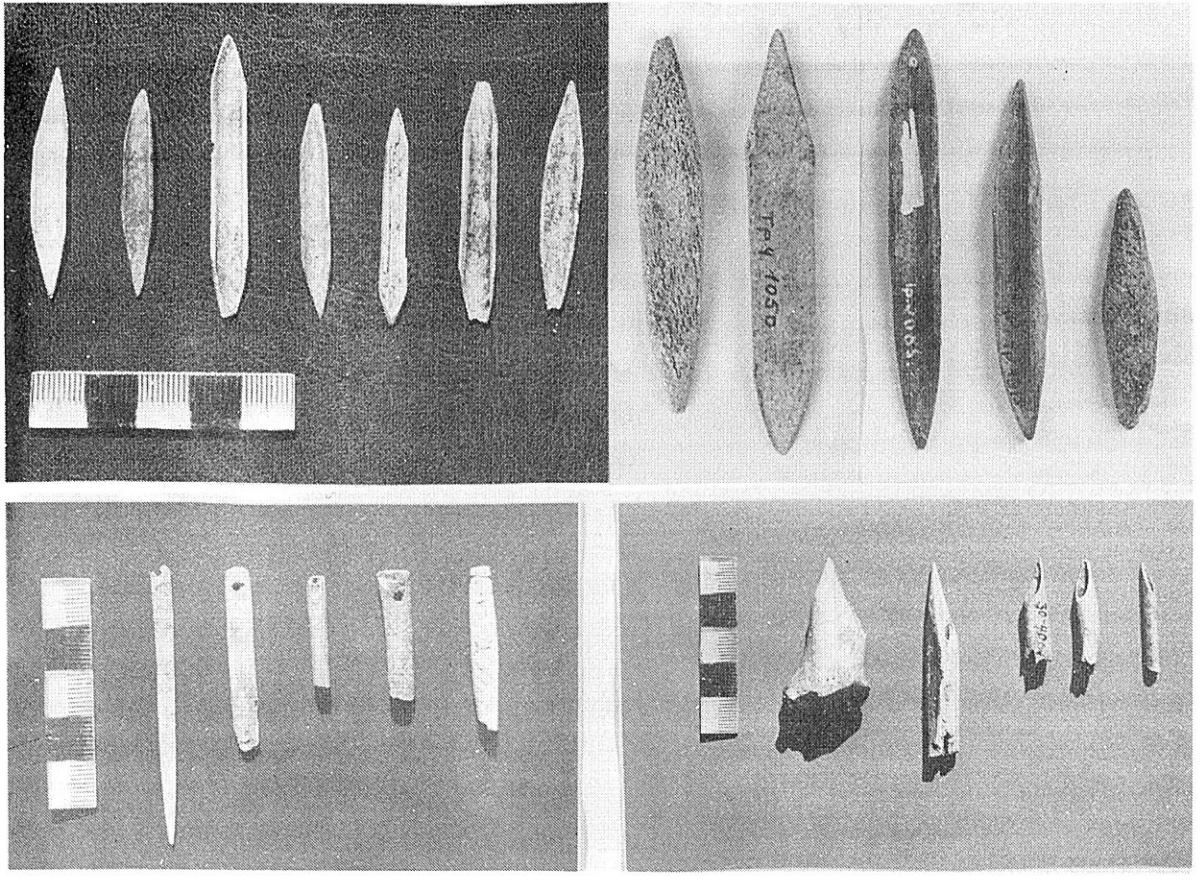
TRIGGER, B.g.
1968 - The determinants of settlement patterns. CHANG (Ed). **Settlement Archaeology.** Palo Alto, National Press Books, p.53-78.

WILLEY, G.R.
1956 - Introduction. S.L.WASHBURN (ed). **Prehistoric settlement patterns in the New World.** New York, Wenner-Gren Foundation of Antropological Research.

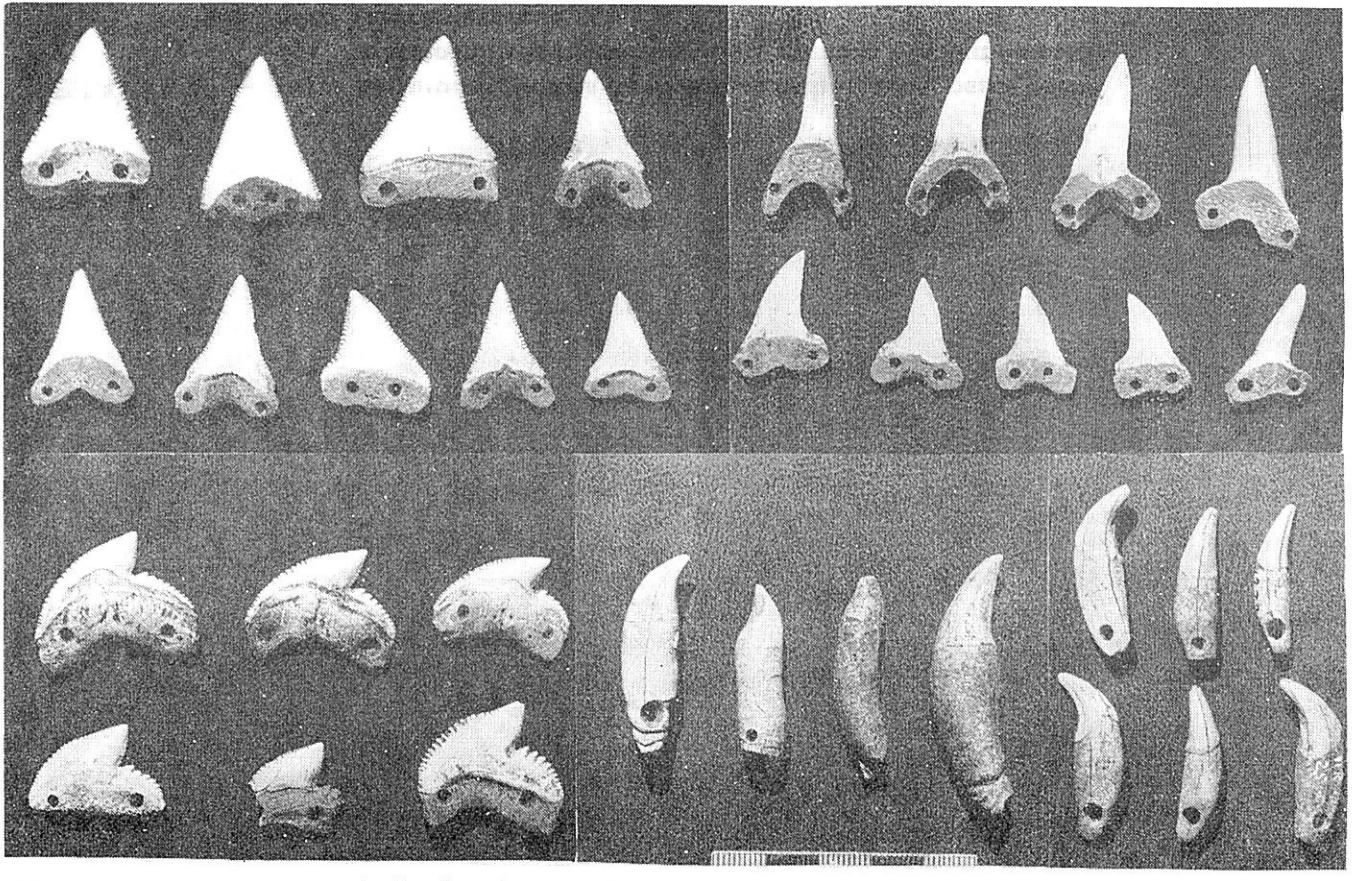
WILLEY, G.R. & PHILLIPS, Ph.
1958 - **Method and theory in American Archaeology.** Chicago, The University of Chicago Press.



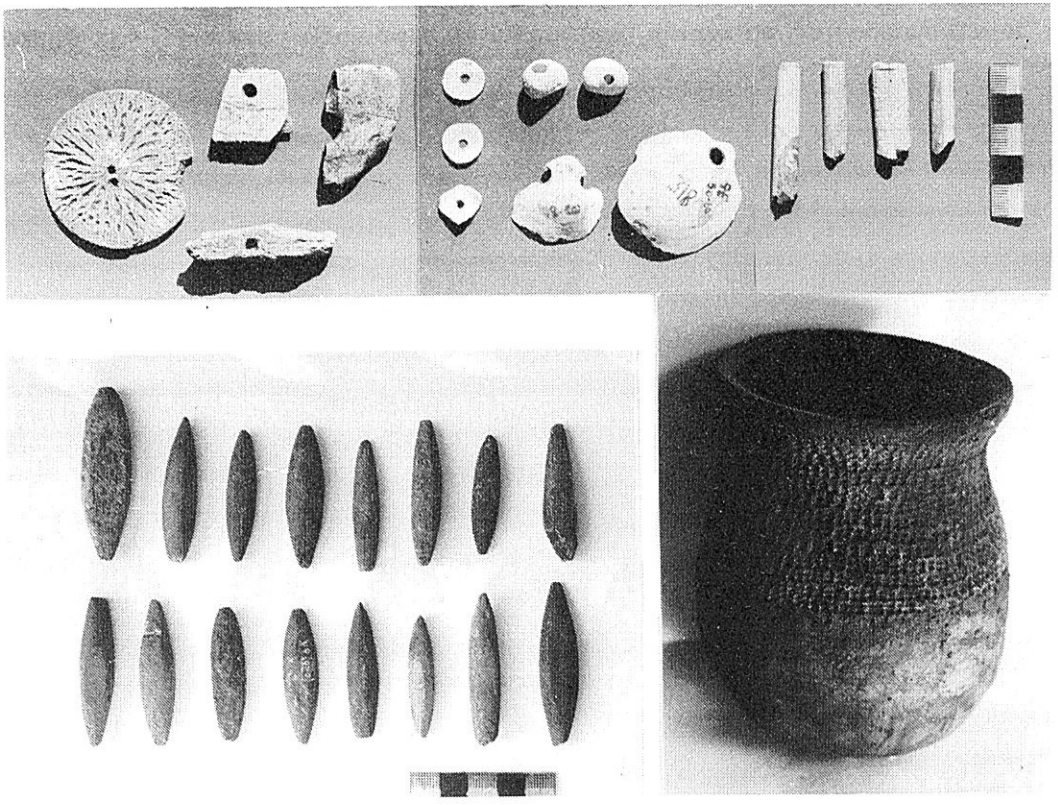
ESTAMPA 27 — Artefatos ósseos: pontas.



ESTAMPA 28 — Artefatos ósseos: pontas, agulhas, ossos apontados.



ESTAMPA 29 — Dentes trabalhados de mamíferos, dentes de *Galeocerdo cuvier, Odontaspis taurus e Carcharodon carcharias.*



ESTAMPA 30 — ossos perfurados, valvas de moluscos trabalhados, ossos cortados. Artefatos líticos fusiformes mais comuns. Vasilhame cerâmico Itararé decorado.

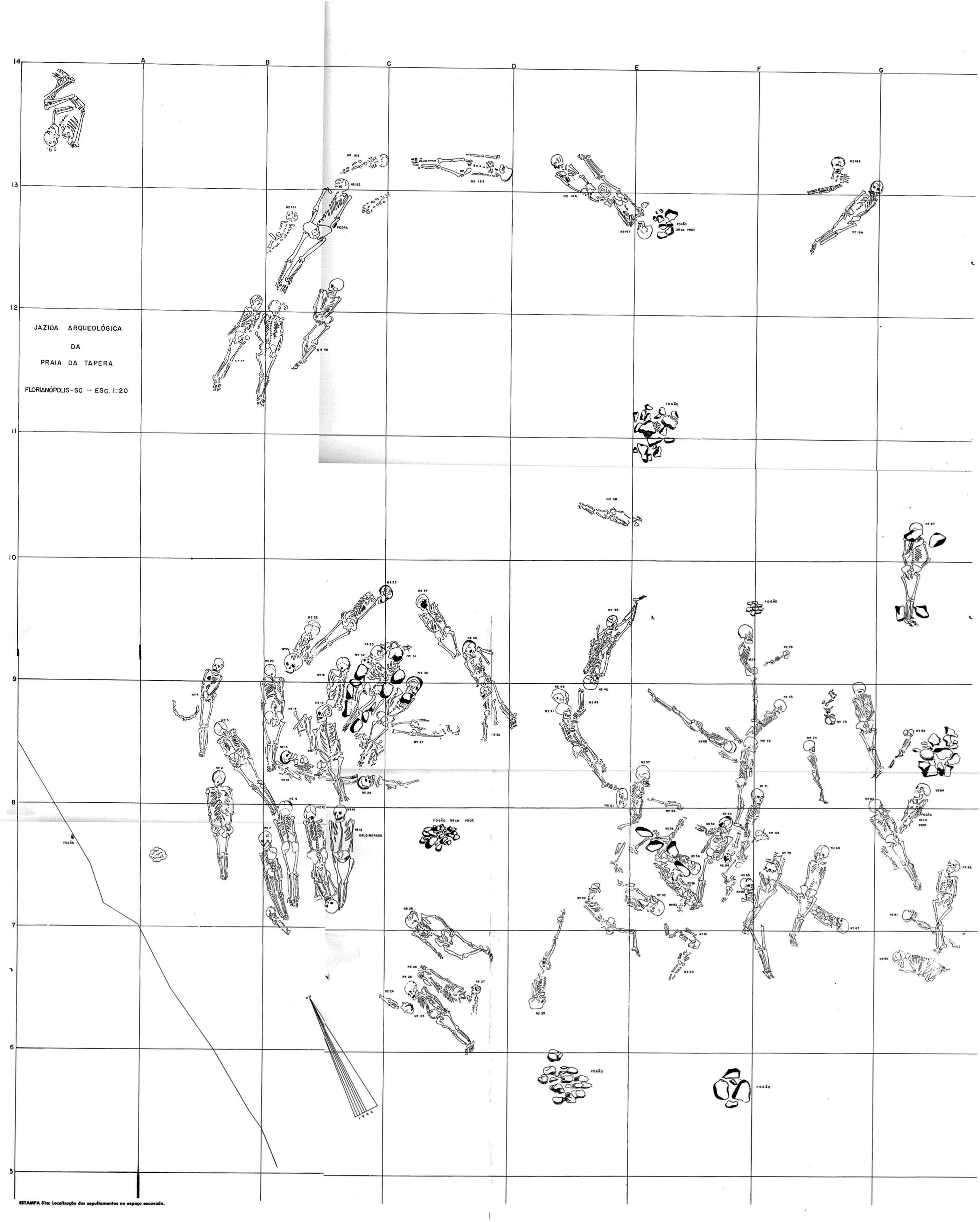
PESQUISAS

Publicações de Antropologia

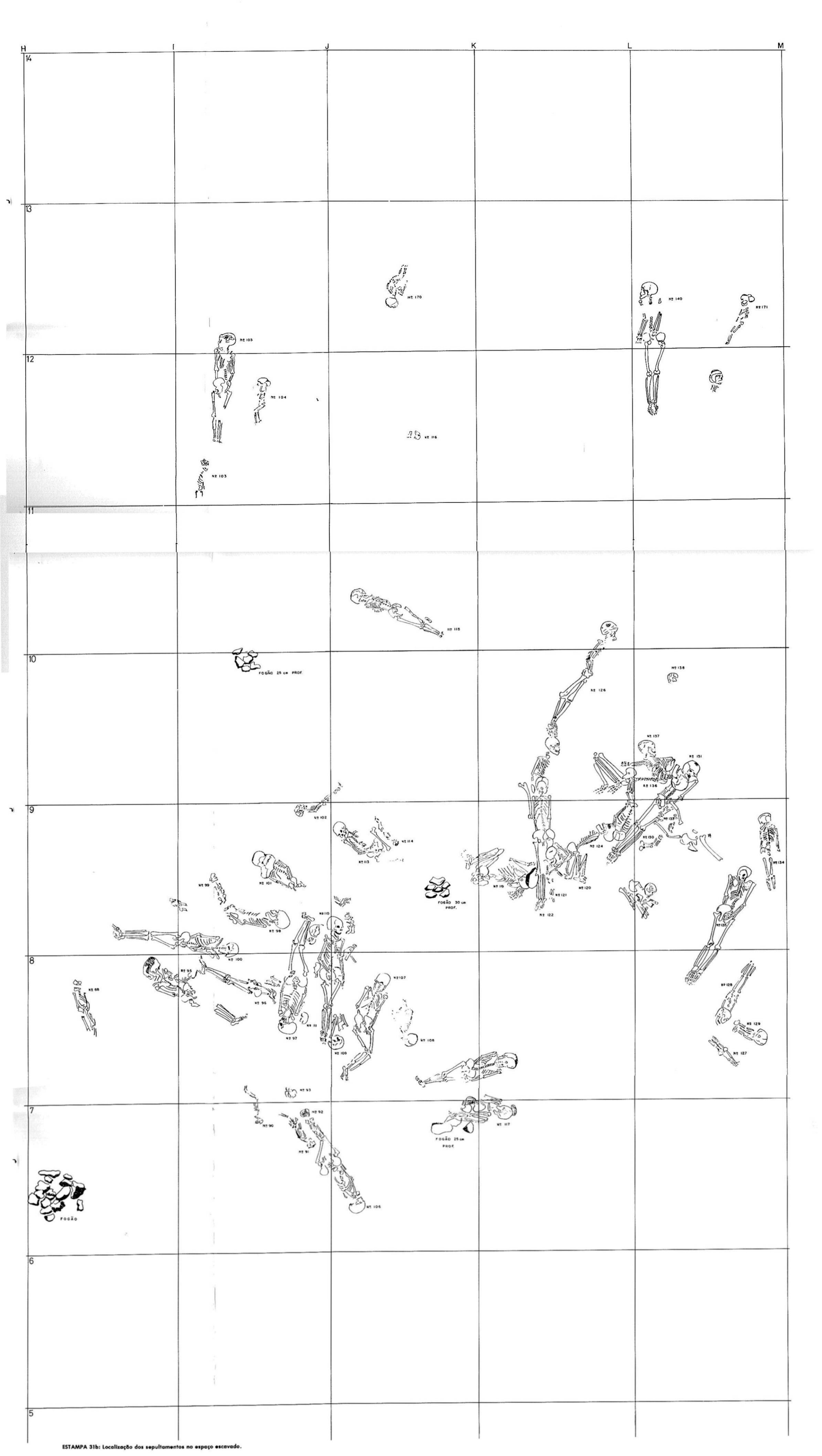
1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 1, 1957 122-142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 143-180, 293-295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 113-143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 199-266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 267-324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina**, Südbrasilien — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Anthropologia n° 6; 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia n° 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia n° 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Antropologia n° 9, 17 pp.
10. **Os Munkü, 2ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia n° 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte**, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien. — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Antropologia n° 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1961, Antropologia n° 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Antropologia n° 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense**, IV (1961) — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1962, Antropologia n° 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina.** I. Exploração sistemática do sítio de Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1966, Antropologia n° 15, 61 pp., 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** — Pedro Ignácio Schmitz, S.J. e outros — Pesquisas 1967, Antropologia n° 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1967, Antropologia n° 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** — Pesquisas 1968. Antropologia n° 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Antropologia n° 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** — Pesquisas 1969, Antropologia n° 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** — Tom O. Miller, Jr. — Pesquisas 1969, Antropologia n° 21, 48 pp., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Antropologia n° 22, 37 pp., 1 mapa, 1 fig. 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardinho** (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1° parte — Pedro Ignácio Schmitz e outros — Pesquisas 1970, Antropologia n° 23, 54 pp., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1971, Antropologia n° 24, 56 pp., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuára e Quinze Lendas dos Rikbáktsa** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. — Pesquisas 1973, Antropologia n° 25, 48 páginas.
26. **A morte e a outra vida do Nanbikuára. Lendas dos Índios Nanbikuára** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. — Pesquisas 1974, Antropologia n° 26, 54 pp.

27. **Lendas dos Índios Iránxe** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. — Pesquisas 1974, Antropologia nº 27, 84 pp.
28. **História dos Mùnkù (Iránxe)** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. e Pe. José de Moura e Silva, S.J. — Pesquisas 1975, Antropologia nº 28, 40 pp.
29. **O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul** — Ítala Irene Basile Becker — Pesquisas 1976, Antropologia nº 29, 264 pp.
30. **Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia,** Goiás — Pedro Ignácio Schmitz, Sílvia Moehlecke & Altair Sales Barbosa — Pesquisas 1979, Antropologia nº 30, 73 pp.
31. **Estudos de arqueologia e pré-história brasileira em memória de Alfredo Teodoro Rusins.** Pedro Ignácio Schmitz, Editor. Pesquisas 1980, Antropologia nº 31, 249 pp.
32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil** — Pedro Ignacio Schmitz — Pesquisas 1981, Antropologia nº 32, 243 pp.
33. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás.** Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil — Pedro Ignacio Schmitz, Irmhild Wüst, Sílvia Moehlecke Copé, Úrsula Madalena Elfriede This — Pesquisas 1982, Antropologia nº 33, 281 pp.
34. **Petroglifos do Estilo Pisadas no Centro do Rio Grande do Sul** — Pedro Ignacio Schmitz, José Proenza Brochado. **Projeto Medio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Cerâmica Pindorama** — Altair Sales Barbosa, Pedro Ignacio Schmitz, Angélica Stobäus, Avelino Fernandes de Miranda — Pesquisas 1982, Antropologia nº 34, 93 pp.
35. **O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil.** — Jussara Louzada Ferrari — Pesquisas 1983, Antropologia nº 35, 132 pp.
36. **O Pensamento Mítico dos Nambikwára** — Adalberto Holanda Pereira, S.J. — Pesquisas 1983, Antropologia nº 36, 144 pp.
37. **El Indio y la Colonización** — Ítala Irene Basile Becker — Pesquisas 1984, Antropologia nº 37, 288 pp.
38. **Prehistoria del N.E. Argentino sus Vinculaciones con la Republica Oriental del Uruguay y sur de Brasil** — María Amanda Caggiano — Pesquisas 1984, Antropologia nº 38, 109 pp.
39. **O Pensamento Mítico do Iránxe** — Adalberto Holanda Pereira, S.J. — Pesquisas 1985, Antropologia nº 39, 176 pp.
40. **Craniometria Radiográfica em População Pré-Histórica Brasileira; Ecologia e Cultura Material; Estratégias Usadas no Estudo dos Caçadores do Sul do Brasil — Alguns Comentários; Fase Itapiranga: Sítios da Tradição Planáltica; O Material Lítico do Sítio RS-CA-14, Capão Grande, Camaquã — RS.** — Pe. João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1985, Antropologia nº 40, 144 pp.
41. **O Pensamento Mítico do Paresí — Primeira Parte** — Adalberto Holanda Pereira — Pesquisas 1986, Antropologia nº 41, 441 pp.
42. **O Pensamento Mítico do Paresí — Segunda Parte** — Adalberto Holanda Pereira — Pesquisas 1987, Antropologia nº 42, 398 pp.
43. **Paleogenética dos Grupos Pré-Históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)** — Walter Alves Neves — Pesquisas 1988, Antropologia nº 43, 178 pp.
44. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Serranópolis I** — Pedro Ignácio Schmitz, Altair Sales Barbosa, André Luiz Jacobus e Maira Barberi Ribeiro — Pesquisas 1989, Antropologia nº 44, 208 pp.

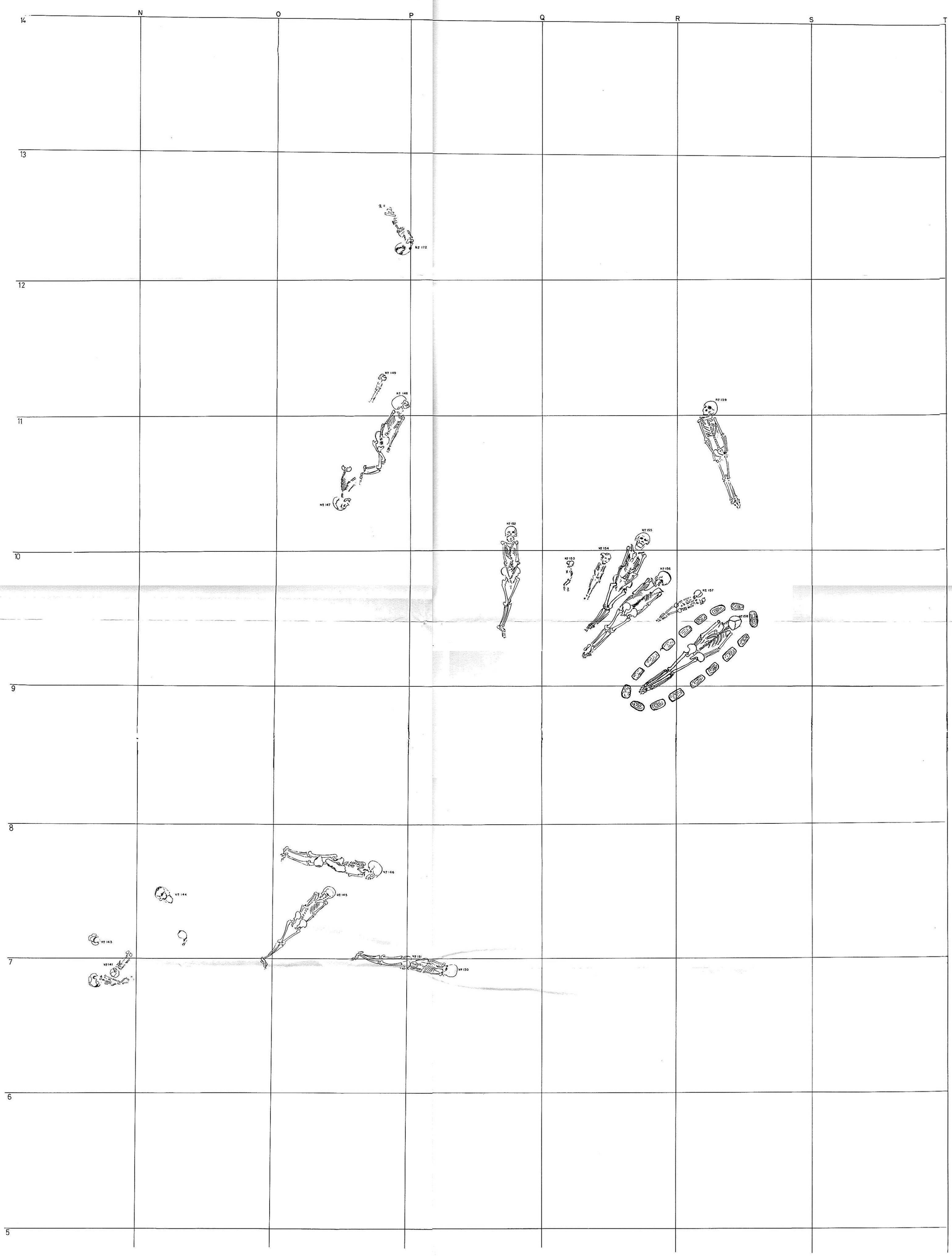
Composto e Impresso na Gráfica UNISINOS



ESTAMPA 31a: Localização dos sepultamentos no espaço escavado.



ESTAMPA 31b: Localização dos sepultamentos no espaço escavado.



ESTAMPA 31c: Localização dos sepultamentos no espaço escavado.